

ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS

**AN
TO
LO
GIA**

**DOS
PATRONOS
E
PATRONESSES**

ORGANIZAÇÃO
Diretoria de Pesquisa e Extensão da AELE
Tarcísio Augusto Alves da Silva

PATRONOS E PATRONESSES DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS

ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS
Biênio 2016 -2018

Copyright dos textos @2018 ELE Academia Escadense de Letras

<https://www.facebook.com/academiaescadensedeletras>

Copyright da edição @ 2018 Edições Rascunhos

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução integral ou parcial deste livro por qualquer meio sem autorização prévia.

PROJETO GRÁFICO:

Edições Rascunhos

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Valque Santos

DIAGRAMAÇÃO:

Margarida Freire

CAPA E ARTE:

Adriano Sales

DIGITAÇÃO ELETRÔNICA:

Comissão da AELE

REVISÃO:

Dos autores

Ficha Catalográfica

(Catalogação na Fonte pela Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco)

A168p Academia Escadense de Letras

Patronos e patronesses da Academia Escadense de Letras / AELE ; organização e apresentação Tarcísio Augusto Alves da Silva. – Recife : Edições Rascunhos, 2018

162p. : il.

Inclui referências. Academia Escadense de Letras –

Biênio 2016-2018 ISBN 978-85-69828-18-1

1. LITERATURA BRASILEIRA – ANTOLOGIAS – PERNAMBUCO. 2. ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS – PERNAMBUCO – HISTÓRIA. 3. ESCRITORES PERNAMBUCANOS – BIOGRAFIA. 4. ESCRITORES BRASILEIROS – BIOGRAFIA. 5. PATRONOS – ESCADA (PE) – BIOGRAFIA. 6. ACADÊMICOS – ESCADA (PE). 7. ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS – PERNAMBUCO – HINOS. I. Silva, Tarcísio Augusto Alves da. II. Título.

CDU 869.0(81)-82

CDD B869.8

PeR – BPE 18-373

ISBN: 978-85-69828-18-1

Obra em conformidade com o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa



EXPEDIENTE
ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS – AELE
CASA TOBIAS BARRETO
BIÊNIO 2016-2018

Presidente

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto

Vice-presidente

Adriano de Souza Sales

Secretaria

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo

Maria Elizabeth Varela Leocádio

Diretoria Financeira

Isabel Cristina Pereira de Oliveira

Vice-diretora financeira

Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso

Diretoria Social

Waldyr José Siqueira

Diretoria Jurídica

Severino José Lins

Diretoria de Comunicação

Cícera Maria de Araújo Izídio

Diretoria de Biblioteca

Valdeci Leocádio de Siqueira Filho

Maria de Lourdes Assis

Diretoria de Pesquisa e Extensão

Tarcísio Augusto Alves da Silva

Comissão Acadêmica e Publicação

Valderês Conceição do Monte, Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos, Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso, Elda Quirino Melo dos Santos, Marcelo Ricardo Moreira e Maria Elizabeth Varela Leocádio

Comissão de Ética e Justiça

Francisco de Assis Silva, Maria Patrícia Cabral, Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso, Maria José Leão

Conselho Fiscal

Conselheiros titulares: Luiz Henrique de Albuquerque Bastos, Maria Marta Lima de Souza, Valdeci Leocádio de Siqueira Filho e Eli Rodrigues.

Membros suplentes:

Marcos Galdino, Maria Elizabeth Varela Leocádio e Maria José Leão

Comissão de Cerimonial e Eventos

Maria Marta Lima de Souza, Aléx Antony Cruz de Mendonça e Maria de Lourdes Assis.

Oradora

Sevatil Lôbo de Siqueira

Coordenação de Membros Honorários

Flíncia Barboza da Silva

DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO DA AELE

A veracidade das informações, conteúdo, origem dos textos e das citações bibliográficas é de responsabilidade exclusiva dos autores.

Escada, agosto de 2018.

SUMÁRIO

Apresentação	5
Composição da Academia Escadense de Letras	10
Acadêmicos e acadêmicas	10
Membros correspondentes	10
Membros honorários	10
Jovens intelectuais.....	11
Sócios beneméritos.....	11
Brasão da Academia Escadense de Letras	14
Hino da Academia Escadense de Letras	15

Biografias dos patronos e das patronesses da Academia Escadense de Letras

Cadeira nº 01 - Tobias Barreto de Meneses.....	16
Cadeira nº 03 - Padre Geraldo Leite Bastos	22
Cadeira nº 04 - Sebastião Ferreira de Barros Lôbo.....	26
Cadeira nº 05 - João Cabral de Melo Neto.....	32
Cadeira nº 06 - Josué Apolônio de Castro.....	36
Cadeira nº 08 - José Lins do Rêgo.....	42
Cadeira nº 09 - Paulo Reglus Neves Freire.....	48
Cadeira nº 10 - Huberto Rohden.....	55
Cadeira nº 11 - Manuel Bandeira	61
Cadeira nº 12 - Mário Souto Maior.....	65
Cadeira nº 13 - Cora Coralina.....	69
Cadeira nº 14 - Casimiro Cunha.....	74
Cadeira nº 15 - Anísio Spínola Teixeira.....	79
Cadeira nº 16 - Cecília Benevides de Carvalho Meireles.....	84

Cadeira nº 17 - Clarice Lispector	89
Cadeira nº 18 - Gilberto de Mello Freyre	95
Cadeira nº 20 - Mikhail Mikhailovich Bakhtin	101
Cadeira nº 21 - Luiz Antônio Marcuschi	105
Cadeira nº 22 - Francisco Alves Mendes Filho	113
Cadeira nº 24 - Luiz Dias Lins	117
Cadeira nº 26 - Henrique Marques de Holanda Cavalcanti	122
Cadeira nº 28 - Celso Monteiro Furtado	128
Cadeira nº 31 - Sebastião Ferreira de Araújo	135
Cadeira nº 33 - Carlos Drummond de Andrade	138
Cadeira nº 34 - Heitor Villas-Lobos	143
Cadeira nº 47 - Sebastião Heber Vieira Costa	149

APRESENTAÇÃO

A Academia Escadense de Letras tem, ao longo de sua existência, promovido diversas atividades com o objetivo de fomentar o desenvolvimento das artes e da literatura no município da Escada. Vários saraus vêm permitindo, por exemplo, a divulgação dos ideais, pensamentos e obras dos patronos e das patronesses que nomeiam as cadeiras ocupadas por cada acadêmico e acadêmica efetiva e correspondente nessa instituição.

Acreditamos que divulgar e manter viva a memória dessas personalidades pode contribuir para incentivar as atuais e futuras gerações a se inspirarem no estilo, na criatividade e na sagacidade com as quais foi possível fazer escola, alterar e influir em concepções sobre as áreas de atuação em que estavam inseridos.

Procurando viabilizar esse interesse nossa academia apresenta à população mais uma publicação: *Patronos e Patronesses da AELE*. O objetivo aqui é disponibilizar um material de consulta que sistematize, a partir do olhar dos acadêmicos e acadêmicas, a trajetória dos seus patronos e patronesses a fim de popularizar seus legados e tornar acessível fontes, informações, bibliografias e a motivação que orientou a escolha para nomear a cadeira que os acadêmicos e acadêmicas (efetivos e correspondentes) ocupam na Academia Escadense de Letras.

Na presente versão não será possível contemplar todos os patronos e todas as patronesses de nossa instituição, uma vez que a publicação dependia do interesse de cada acadêmico e acadêmica realizar a tarefa de escrever. Ainda assim, publicamos vários trabalhos que nos auxiliam na intenção que nos guiou até aqui, qual seja: apresentar os patronos e as patronesses de cada acadêmico e acadêmica de modo a tornar conhecidas suas histórias e motivações de escolha.



No momento em que a Academia Escadense de Letras completa mais um aniversário, renovamos nosso compromisso com a cidade de Escada de incentivar a literatura e as artes de nosso município e cooperar, assim, com o desenvolvimento social e cultural da sua população. A presente publicação procura desse modo, consolidar esse compromisso.

Tarcísio Augusto Alves da Silva
Diretoria de Pesquisa e Extensão da AELE



COMPOSIÇÃO DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS

✧ ACADÊMICOS(AS) TITULARES

Maria José Leão Portela (Mariinha Leão), José Luis Minduca (In memoriam), Valderês Conceição do Monte, Sevatil Lôbo Siqueira, Valdeci Leocádio de Siqueira Filho, Adriano de Souza Sales, Severino José Lins, Waldyr José Siqueira, Marcos Galdino dos Santos, Marcelo Ricardo Moreira, Maria Elizabete Varela Leocádio, Ana Lúcia Gomes Cavalcante Neto, Maria do Carmo Santos (In memoriam), Silvania de Jesus Pina, Maria Cândida Sérgio, Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães Melo, Tarcísio Augusto Alves da Silva, Reginaldo Rufino, Elda Quirino de Melo dos Santos, Rosilda Maria Araújo da Silva dos Santos, Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso, Maria Marta Lima de Souza, Francisco de Assis Silva, Laura Cristina Pereira Monfort, Luiz Henrique de Albuquerque Barros, Isabel Cristina Pereira de Oliveira, Maria Patrícia Cabral, José Renato Ferreira de Santana, Eli Rodrigues de Lima, Cícera Maria de Araújo Izídio, Álex Antony Cruz de Mendonça, Carlos César Ferreira de Queiroz, Dimison Cesar Vieira Gomes, Vanilda de Oliveira Lôbo, Maria da Piedade Wanderley B. de Melo, Josebias Carvalho de Lima.

✧ MEMBROS CORRESPONDENTES

Silvia Gomes Pereira, Adilson Gomes da Silva, Getúlio Chaves de Andrade, Maria de Jesus Silva, Francisco Carlos Brayner, Suely Telma Vieira Costa, Severino Antônio Soatman, Sócrates Chaves, Adeildo Chaves da Silva, Adriana Alexandre de Araújo Santos, Aline Maria Costa Gomes Cavalcanti, Elizabete Elias de Albuquerque, José Joaquim da Silva Neto, Maria Ivoneide Calado de Arruda, Dea Circe Garcia Coirolo Antunes, Luiza Ivana de Araújo, Joseneide André de Barros, José Ricardo Paes Barreto, Laércio Carneiro dos Santos, Ana Cristina Ribeiro da Silva, Trycia Gomes Pereira, Weliton Gomes Portela, Edilson Guedes de Almeida, Ademário Rocha Gomes.

✧ MEMBROS HONORÁRIOS

Amaro Francisco dos Santos Júnior, Antonia das Virgens Santos Dutra, Antônio Augusto do Nascimento, Antônio Rildo Bastos de Miranda, Arthur Henrique da Silva, Bernadete Durval, Carlos Alexandre Farias da Silveira,



Edvaldo José Levino, Eliete Carvalho de Sousa, Flíncia Barbosa da Silva, Glória do Rego Barros, João Marinho Neto, Maria Aparecida de Souza, Maria Barbosa da Silva, Maria das Graças Santos de Miranda, Maria das Graças Pereira dos Santos, Maria de Lourdes Almeida de Moraes, Maria de Lourdes de Assis, Maria do Carmo Verçosa, Maria Felicidade de Novaes – Dadinha, Maria Josefa de Almeida – Hione, Maria Santana de Assis, Narcisa Cristina Bastos de Albuquerque, Rubem Francisco de Almeida, Selma Maria Coelho, Severina Lúcia de Assis, Sônia Maria da Silva Guimarães, Teresa Francisca Pina dos Santos, Valdênia de Cassia de Assis Souza, Vilma Maria dos Santos

✧ JOVENS INTELECTUAIS

Alice Sabrina Ferreira da Silva, Bruno Vinicius de Melo Soatman, Damaris Freitas Cavalcante, Denis Ricardo de Carvalho Cavalcanti, Isabela de Fátima Pina de Almeida, Jéssica Maria dos Santos Soatman, João Paulo Araújo da Silva, Kaique da Silva Ribeiro, Maria Theresa Albuquerque de Oliveira, Marília Beatriz de Magalhães Silva, Marília Beatriz de Magalhães Silva, Rafael Cavalcanti Neto, Rodrigo José de Almeida Alves, Rômulo José Guimarães de Melo

SÓCIOS BENEMÉRITOS

✧ ANA RITA SIQUEIRA PORTELA

Escadense, filha de Amaro Dirceu de Siqueira e Maria de Lourdes Peixoto Siqueira. Casada com Weliton Portela, acadêmico correspondente da Academia Escadense de Letras. Tem 03 filhas, residente em Recife e é empresária na área da saúde com a Climesc – Clínica médica da Escada.

✧ CARLOS ROBERTO PEREIRA DE SOUZA

Escadense, filho de Heleno Pereira de Souza e Anita Maria de Souza, casado com Edivânia Maria dos Santos Souza, 03 filhos, residente em Escada, empresário da Funerária Zé do Caixão em Escada- PE.

✧ JOHN KENNEDY JERONIMO DOS SANTOS

Nasceu no Sítio São Paulo, zona rural do município de Iguaracy – PE. O quarto filho de Manoel Jerônimo Neto e Iranete Maria dos Santos. Graduado em

Licenciatura em Matemática pela FAMASUL. Especialista em Educação Matemática pela Faintivisa e UFPE. Professor concursado da rede estadual de ensino desde 1988. Em 1999 foi aprovado no concurso municipal de ensino do Cabo de Santo Agostinho. Fundador da Faculdade da Escada – FAESC, o qual foi professor de 2002 a 2012. Em 2017 assume a gestão da Assume a Secretaria Municipal de Educação de Escada.

✱ JORGE LUIS DE LIMA

Escadense, filho de Luiz Bezerra de Lima e Guilhermina Santos de Lima, casado com Liziane Patricia Buarque de Melo Lima, tem 04 filhos, possui formação em Administração de Empresas pela FAESC – Faculdade da Escada. Empresário do ramo de combustíveis.

✱ JOSÉ CARLOS DA PAIXÃO

Escadense, filho José Ageu da Paixão e Maria Eunice da Paixão. 06 irmãos, casado com Claudia Maria Mendes da Paixão, 02 filhos, 01 neto. Graduado em Ciências Contábeis. Trabalhou por 17 anos no Banorte e no Banco Bandeirantes. Em 1999, junto com a irmã Lucielma, fundou a Escola Técnica de Enfermagem Irmã Dulce. Sócio e diretor.

✱ JOSÉ MAURO ARAÚJO CHAVES

Escadense, filho de José Maria Chaves e Ruth Araújo Chaves, Técnico Agrícola pelo Colégio Agrícola de Barreiros, empresário no segmento de defensivos agrícola, desenvolveu trabalhos no Ministério da Agricultura, nas empresas Bayer e Rhodia Agro do Nordeste. Participou ativamente do Rotary Club – Boa Viagem, onde realizou ações sociais de apoio e solidariedade. Fundador do evento equestre “Cavalgada da Fazenda Raízes”, ajudando e incentivando o Turismo e divulgando a cultura da cidade de Escada. Sócio do Lions Clube Mata Sul, atua como grande incentivador de eventos, sendo presença marcante em solenidades importantes na cidade.

✱ JULIANA SIQUEIRA PORTELA GOMES GOÉS

Nascida em Registro, interior de São Paulo, no dia 27 de dezembro de



1985, filha da Escadense Ana Rita Siqueira Gomes e do Paulistano Weliton Portela Gomes, ambos participantes da Academia Escadense de Letras. Casada com o empresário Diego Góes Miranda de Souza, teve sua vida escolar predominantemente em Recife completando o ensino fundamental e ensino médio no Colégio Santa Maria em 2003. Iniciou o curso de Medicina da Universidade de Pernambuco em 2005, concluindo no ano de 2011. Especialista pelo Colégio Brasileiro de Radiologia e Associação Médica Brasileira. Atualmente trabalha com Radiografia, Tomografia Computadorizada e principalmente Ultrassonografia, atuando nas cidades de Pombos, Primavera, Sirinhaem e Escada. Trabalha ainda em Recife na Clínica Lucilo Ávila, onde fez sua especialização.

✧ MANOEL FERREIRA DOS SANTOS

Escadense, filho de José Ferreira dos Santos e Rosa Ferreira dos Santos, Engenheiro Agrônomo pela UFPE, docente na UFRPE, desenvolveu trabalhos na SUDENE e na empresa PROTECS. Com grande influência no cenário político do Estado de Pernambuco na década de 90, foi candidato a prefeito da cidade de Escada pelo PMDB, momento em que apresentou a sociedade escadense suas grandes ideias e propostas para o desenvolvimento social, artístico e cultural.

✧ MARIA DAS GRAÇAS BARROS ROLIN

Amaragiense, filha de Mauricio Bezerra de Barros e Alice Pereira de Barros, casada com Antônio Januário Rolin, 03 filhos. Professora, proprietária e diretora da escola Geração do Futuro, em Boa Viagem.

✧ ROBERTO VILELA DE MELO SILVA

Nasceu em 03 de novembro de 1949, em Recife, Pernambuco. Filho de Paulo Rufino de Melo Silva e Marta Vilela de Melo Silva, quinto nos nove filhos de uma família de religião Católica Apostólica Romana, praticante. Caso com Maria de Fátima de Melo Silva é formado em Ciências Contábeis. Membro da Ordem Franciscana Secular é desde 1984 é diretor administrativo financeiro da Ordem Terceira de São Francisco em Recife. Também participou da diretoria do Clube Português do Recife, além de participar do Lions Clube Recife.



BRASÃO DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS

O **brasão** representa as nossas origens. Nele construímos nosso escudo de lutas em favor da cultura escadense e da literatura. Ele é composto de uma linguagem simbólica significativa, que traduz cultura, valores, crenças e armaduras de luta. Assim constituímos:

Os **louros**: simbolizam a glória, o triunfo e a planta consagrada ao deus Apolo.

O **livro**: fonte dos saberes de diversas linguagens literárias, objeto milenar que armazena o pensar, que oferece ao homem a condição digna de libertação através da leitura de mundo e de sociedade, imortalizando assim a cultura e a inserção na vida cidadã de uma país.

A **pena**: simboliza a proteção, a fecundidade, a clarividência, a fantasia, a lua, a justiça, o poder, o pensamento e a leveza da escrita poética e libertadora.

A **escada**: simbolicamente representa o nome da nossa cidade. No entanto, no brasão a escada é constituída pelas lanças indígenas, nas linhas verticais e nas linhas horizontais, pelas correntes da escravidão da região da Mata Sul de Pernambuco.

A **cana**: representa o poder econômico da região.

A **fita**: com ondulações na cor vermelha, traduz nosso lema “**Lutar com palavras**”, nos encorajando na busca incessante da justiça e da paz.

Waldyr José Siqueira

Acadêmico efetivo da AELE – Academia Escadense de Letra



HI NO DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS

“LUTAR COM PALAVRAS”

Letra: Sebastião Araújo

Música: Sebastião Araújo / Edmundo Fernandes

Oh! Terra Mãe, que em nosso peito brilha!
Ouve o clamor de tantos descontentes,
Que na tormenta deste chão se agitam
Ao dissabor do teu sol ardente.

De Portugal, o mundo vem primeiro
Com negro e índio, ergueu-se uma vila
De mameluco a mulato, herdeiros
Pequeno Nicho, a terra santifica.

Refrão: Lutar com palavras é vencer o vencedor!(2 X)

Do massapê, a cana e a riqueza
Que teus barões há séculos ostentam.
E um progresso em grande incerteza
Que aos teus filhos há tempo afugenta.

Dos ideais de liberdade és Mãe
Tu viste a República nascer
Brios de guerreira tu tens, não te acanhes.
Abre os braços, é um novo amanhecer!

Refrão: (2 X)

Faze de nós condutores da história
Que engrandecem o homem e sua alma
Igual Tobias, vulto de outrora
Para que eterna seja nossa fala.

E essa casa enfim, edificada
Pelo modesto homem acadêmico.
Jamais se canse de honrar Escada
Para orgulho do povo escadense.

Refrão: (2 X)





CADEIRA Nº 01 - TOBIAS BARRETO DE MENESES

Acadêmica Maria José Leão - Marinha Leão

A vida e obra do ilustre poeta, escritor, advogado, filósofo e político Tobias Barreto de Menezes estão inseridas nesse texto literário que apresenta parte da história do sergipano, que nasceu no dia 07 de junho de 1839 na vila de Campos do Rio Real, hoje cidade Tobias Barreto, em Sergipe.

A cidade de Escada teve o privilégio de acolhê-lo como filho adotivo, durante 10 anos e 8 meses.

Em 1871 fixou residência em Escada, tornando-se conhecedor dos problemas políticos e sociais que envolviam os habitantes da pequena vila, iniciou à defesa dos pobres, negros e escravos, vítimas dos massacres praticados, pelos aristocratas.

Diante de tal situação, Tobias Barreto solicitou a ajuda de um cliente e amigo, Pedro Antônio Gomes Magnata, o qual fundou uma tipografia, na rua da Cadeia, nº22, onde passou a publicar periódicos, brochuras, a Revista Estudos Alemães e o célebre discurso em Mangas de Camisa e outras obras. Criticava sempre a postura política dos açúcarocratas, como ele próprio os chamava. Durante sua passagem pela cidade de Escada, começou a escrever parte do seu magnífico livro de poemas, Dias e Noites.

Em 1877, fundou um Clube Popular que tinha como objetivo lutar pela



educação intelectual da mulher brasileira e a mudança de mentalidade do povo escadense.

Em 1881, por motivo de desentendimento com os herdeiros do seu sogro, Tobias Barreto foi envolvido injustamente, numa questão de escravos, herança de sua esposa, Grata Mafalda. Sua casa foi cercada pela polícia e capangas, ameaçado de morte decidiu residir no Recife.

Em 1882, foi aprovado, em primeiro lugar no concurso, para uma vaga na Faculdade de Direito. Conquistou o título de Jurisconsulto, devido o seu vasto conhecimento em Direito.

Em 1887 vítima de uma doença renal crônica, foi obrigado a licenciar-se como professor. Faleceu no dia 26 de junho de 1889, aos 50 anos de idade.

Foi em Campos do Rio Real, Sergipe, que nasceu Tobias Barreto de Menezes, em 7 de junho de 1839. Era filho de Pedro Barreto de Menezes e Dona Emerenciana de Menezes. Aprendeu as primeiras letras na cidade onde nasceu, sob a orientação do Professor Manoel Joaquim de Oliveira Campos. Ao 11 anos de idade dedicou-se ao latim, na cidade de Estância, com o Pe. Domingos Quirino de Souza e recebeu as primeiras noções de músicas, com o Maestro Santa Fé.

Aos 16 anos, iniciou a carreira como professor, dando aula de primeiras letras para os interessados. Orientado, aos 18 anos de idade, pelo Dr. Salustiano Orlando, participou do concurso para o cargo de professores de cadeira de Latim da Vila de Itabayana, e foi aprovado. Era o ano de 1857. Em 1861 foi a Bahia, onde estudou filosofia com o teólogo e orador Frei Itaparica. Em 1862 seguiu para Recife. Prestou exame para o curso de Direito em 1863, foi aprovado e, matriculando-se em março de 1864.

Em 1869 concluiu os estudos, e nesse mesmo ano, casou-se com a escadense Grata Mafalda dos Santos; dessa união nasceram nove filhos: Pedro, João, Francisco, Maria, Eros, Aspásia, Manoel, Targélia e Calíope. Aspásia e João foram batizados na Paróquia de Escada.

De fevereiro de 1871 a outubro de 1881, foi o período em que o grande

advogado, professor, poeta, político e filósofo Tobias Barreto, residiu no município de Escada exercendo suas atividades como advogado e dedicando-se também a política, chegando a ser deputado provincial (1879 a 1880).

De 1874 à 1881, várias poesias foram escritas por Tobias Barreto, inspiradas na sociedade de Escada, tornando-se parte do seu livro “Dias e Noites”, o qual foi impresso no Rio de Janeiro. Alguns poemas marcaram essa época como: Jeronyma (1871), Papel Queimado (1873) e Namoro não é Crime, cujos versos que originou-se de um processo judiciário em que Tobias Barreto advogou para o Sr. Antônio Pedro Gomes Magnata, que se envolveu com uma jovem escadense, o juiz considerando que namoro não era crime, previsto no código criminal, iniciou a sentença da seguinte forma: Considerando que namoro não é crime... Tobias aproveitou a oportunidade e escreveu o poema abaixo.

Poema: Namoro não é Crime

Considerando que as flores
Existem para o nariz
E as mulheres os homens
Na opinião do juiz;

Considerando que a gente
Não pode viver feliz
Sem fazer seu namorico
Na opinião do juiz;

Considerando que as moças
Ariscas como a perdiz
Deve ter seu perdigueiro,
Na opinião do juiz;

Amemos todos, amemos,
É cupido que o diz;
Pois namoro não é crime
Na opinião do juiz.

No mesmo período redigiu e publicou o celebre Discurso em mangas de camisa e vários periódicos críticos, literários e noticiosos impressos na Typographia comercial do Sr. Antônio Pedro Gomes Magnata, na cidade de Escada, “a rua da Cadeia nº 22”. Os periódicos foram os seguintes: Um Sinal dos Tempos (1874); A Comarca da Escada (1875); Devaneio Literário (1875, dedicado a mocidade escadense); Lutador Alemão (18750, redigido em alemão por Tobias Barreto); o Desabuso(1875); O Escadense (fins de 1877); A Igualdade (meados de 1878); Conta a Hipocrisia (1875); Estudos Alemães, (revista mensal de filosofia, direito, literatura e critica publica em outubro de 1880).



Em 20 de março de 1881 foi publicado o Periódico Crítico, O Martelo, cujo redator é desconhecido, entretanto o povo da época, atribuía a Tobias Barreto, a autoria do jornal.

Quando aqui viveu, o grande sábio, travou uma poderosa batalha em prol da população escadenses visando despertar a indignação contra os líderes políticos do município, que muito oprimiam o povo.

Sua luta contra as arbitrariedades praticadas, em Escada, contribuiu bastante para incrementar sua agressividade. Não perdia oportunidade de apontar erros na vida dos homens públicos dessa cidade. Revoltado com o insucesso e o retrocesso cultural do povo escadense, pronunciava sempre a frase, “Isto é escada somente para descer”.

Em setembro de 1877, Tobias Barreto fundou o Clube Popular Escadense, com o objetivo de lutar pela educação da mulher brasileira e mudar a mentalidade da população local. O Clube teve pouca duração, tal fato o entristeceu, levando-o ao desabafo: “Foi está ainda uma das muitas decepções de que se tem alentado o meu espírito nesta bela terra, onde alias vim sepultar os dois mais caros objetivos do meu coração e minha fantasia: Minha mãe e meu futuro.”

Em 1881, houve um grande desentendimento entre Tobias Barreto e os herdeiros do seu sogro Coronel João Feliz dos Santos, por motivo de alguns escravos que sua esposa Grata Mafalda que recebeu como herança do pai. A casa de Tobias foi cercada pela polícia e capangas, por ordem do Bacharel Samuel dos Santos Pontual e seu irmão Barão de Frexeiras, com a autorização do Juiz municipal, José Brandão da Rocha. Diante dos desacatos e ameaça de morte ele decidiu sair da cidade de Escada e passando a residir no Recife. Tal acontecimento fez Tobias Barreto chegar a afirmar que “se fosse ofendido ou assassinado, os ofensores e assassinos, outros não podem ser, senão o Sr. Barão de Frexeiras e o seu irmão Bacharel Samuel dos Santos Pontual”.

Em 1882 submeteu-se ao concurso na Faculdade de Direito do Recife, foi aprovado, passando a reger as cadeiras de Filosofia do Direito, Direito Público,

Direito Criminal, Economia Política e Prática do Processo.

Conquistou o título de “jurisconsulto” graças ao seu grande conhecimento na área de Direito.

O período do magistério jurídico de Tobias Barreto teve pouca duração. Vítima de doenças renal crônica, veio a falecer na noite de 26 de junho de 1889, no Recife. Partiu sem realizar duas grandes anseios: ser deputado ou senador por Sergipe e ir à Alemanha fazer conferência em Berlim.

Impossível ocultar que Tobias Barreto foi um importante incentivador da cultura nacional, trazendo para o Brasil as novas correntes do pensamento, europeu, principalmente o alemão. Ele dominava profundamente a língua alemã, a qual escrevia e falava fluentemente.

Até os dias atuais a cidade de Escada recebe sempre visitas de intelectuais como advogados, promotores, doutorandos, escritores e estudantes de Direito de vários estados do Brasil em busca de história desse sábio, filho adotivo de Escada e que, aqui viveu a fase mais importante de sua trajetória.

Pelo fato de Tobias Barreto ter sido um importante divulgador da cultura nacional e ter escrito em Escada grande parte de suas obras, lutando ao mesmo tempo pelo bem estar do povo escadense e realizado outros trabalhos neste município, tornando-se um dos personagens primordiais de nossa história, fazendo-me despertar interesse pela sua história.

Outro motivo foi seu lado profissional em defesa dos pobres, negros e escravos, que eram subalternos aos aristocratas que dominavam a cidade, e sua luta pela educação da mulher brasileira entre outros feitos, diante desses fatos mereceu minha admiração e decisão em tê-lo como meu Patrono na Academia Escadense de Letras.



Bibliografia consultada

TOBIAS Barreto e a Luta pelo Direito. (s.n.t.) Disponível em: clientes.infonet.com.br/serigysite/.../Tobias_e%20a%20luta%20pelo%20Direito.doc. Acesso: 10 de mar. 2018.

BARRETO, Luiz Antonio. **Tobias Barreto**. Sociedade Editorial de Sergipe (s.n). 1994. 374p. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/barreto_parte_1.pdf Acesso 10 de mar.2018.

FUNDAÇÃO Joaquim Nabuco. **História da Imprensa de Pernambuco – Fundação Joaquim Nabuco**. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=614&itemid=460. Acesso em 10 de mar.2018.

Pesquisa de Campo.





Informações sobre a imagem¹

CADEIRA Nº 03 - PADRE GERALDO LEITE BASTOS

Acadêmica Valderês da Conceição do Monte

Padre Geraldo Leite Bastos nasceu em Moreno/PE, a 12 de dezembro de 1934; filho de Aloísio Tenório do Rego Bastos e Izabel Leite Bastos. Ordenado padre na arquidiocese de Recife e Olinda, em 08 de dezembro de 1961, na época do Arcebispo Dom Carlos Coelho. Foi o fundador da Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho, em Ponte dos Carvalhos (1962-1980), Cabo de Santo Agostinho. Chegou ao distrito de Ponte dos Carvalhos logo após ser ordenado. Na época a Igreja Matriz funcionava em local improvisado, onde poucos anos depois foi construída a sede com a ajuda dos fiéis.

O distrito de Pontes do Carvalho era habitado principalmente por pescadores, pequenos agricultores e operários, o que motivou o Padre Geraldo a estimular a população a lutar por melhores condições de vida. Sob sua liderança os fiéis construíram moradias em regime de mutirão que até os dias atuais são habitados, na vila Esperança e Nação do Divino. Um líder na divulgação do cristianismo, carismático e amigo de todos; criou a Paixão de Cristo de Ponte dos Carvalhos, um espetáculo que possuía um texto crítico e reflexivo aos dias de hoje, junto à história tradicional de Jesus Cristo. Continua inesquecível na memórias das pessoas.

Padre Geraldo expressava sua opção pelos pobres e oprimidos nas letras

¹ Fonte: <http://www.arquidioceseolindarecife.org/wp-content/uploads/2012/04/Digitalizar0001.jpg>



das suas músicas, poesias, teatro e pintura que terminou estimulando a encenação da Paixão de Cristo a partir do texto bíblico que Jesus, na descida da cruz, explica as suas chagas como sendo resultado do seu compromisso com as lutas do povo.

Em 18 de setembro de 1969, a revista Veja publicou a reportagem “Novas Crenças na Igreja” destacando o trabalho de Padre Geraldo, assim mencionado: Sabão e encanto - para a mesa de Deus, altar da missa na igreja de Ponte dos Carvalhos, na paróquia pernambucana do Cabo, os fiéis trazem pão, vinho, velas, flores, sabão e goma para as toalhas. Sobre a mesa do Padre Geraldo depositam comida e roupa lavada. Sobre a mesa do povo, dinheiro para quem precisar. Sanfoneiros acompanham a missa. Padre Geraldo diz que: “O Evangelho é explicado por um dos irmãos e debatido com todos da assembleia. No fim da missa, antes da benção, os irmãos dão notícias de aniversários, falecimentos visitas”.

Foi o primeiro Administrador Paroquial da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, no morro da Conceição (1975-1977), em Recife-PE, e continuou o trabalho pastoral em Ponte dos Carvalhos.

Em 1972, Padre Geraldo fez uma visita à comunidade de Taizé, na França. Teve uma experiência de oração que começou a rezar, em Ponte dos Carvalhos, um "ofício". Dizia aos seus paroquianos que "o ofício do cristão é a oração". E foi este ofício, rezado regularmente pela comunidade da Ponte e, posteriormente, da Escada, que gerou um esboço do que seria o Ofício Divino das Comunidades, hoje também popular em todo país:

De 1980 a 1987 foi o 4º Pároco da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação da Escada. O Padre Geraldo foi um dos pioneiros das comunidades eclesiais de base, Igreja que surge em meio dos empobrecidos e com grande participação popular em nosso país. Como pároco da cidade de Escada escreveu e idealizou a encenação da Via Sacra pública. Autor de inúmeras letras de salmos e hinos e escritor de diversas músicas próprias para a celebração da padroeira da Escada, como “o Pedido e Ofertório da Terra”.

Padre Geraldo foi vigário substituto á paróquia de Amaraji no intervalo

entre a saída do Padre Francisco de Assis Rocha e a chegada do Padre Joel Salgado Amorim. Continua sendo lembrado com muito carinho pelos paroquianos pela maneira envolvente e participativa com que celebrava as atividades religiosas na igreja. O padre tinha o dom de envolver o máximo de pessoas nas atividades paroquiais tanto na preparação como nas celebrações litúrgicas, como a quinta-feira santa, sexta-feira santa e páscoa,

Foi um dos promotores precursores mais criativos de uma liturgia enraizada na cultura popular, em nosso país, em termos de arquitetura, pintura, vitral, alfaia, coreografia, teatro, ritual e música; Deixou sua marca em inúmeros artistas, dentre os quais o renomado cantor Nando Cordel, ex-integrante do coral da Ponte, o vitralheiro Fernando da Escada e o santeiro Diácono Genival Lima.

Sua ação pastoral litúrgica se estendeu as Igrejas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste; como as Dioceses de Santarém e Belém, no Pará; Bacabal e São Luis, no Maranhão; Guabiraba, na Paraíba, e Goiás Velha em Goiás. Teve importante participação na elaboração do hinário Litúrgico da CNBB e no Ofício Divino Popular. Assim, como no intercambio internacional entre Igrejas, pessoalmente e junto a paroquianos envolvidos em suas Igrejas, como nas dioceses de Freiburg na Alemanha e Nápoles na Itália e na Comunidade de taizé na França.

Todos os admiravam pelo seu trabalho e dedicação, mas em 19 de abril de 1987, no domingo de ressurreição, o padre Geraldo Leite Bastos faleceu, completando um legado de amor e resistência. “Afilhado da Virgem da Conceição, mãe dos pobres, canta hoje, na gloria do céu com Ela, louvores do Deus dos oprimidos, que ele soube tão bem ensaiar com eles nesta terra do exílio” (TÁO).

Frei Joaquim Fonseca, assessor de música litúrgica da CNBB – Conferência nacional dos bispos, em parceria com a gravadora Paulinas - COMEP, gravou a série Cantos da Nação do Divino. São dois CDs: 1) Encontro de penitência: paixão da ponte; 2) Tríduo pascal na ponte dos carvalhos. A intenção é resgatar a religiosidade popular presente nas composições do Padre Geraldo Leite Bastos.



A elaboração de grande parte do repertório da série "Cantos da Nação do Divino" que nem sequer estava registrada em partituras contou com a imprescindível colaboração do artista plástico Genival Lima que, com muita paciência, foi entoando cada canto, enquanto eram registrados num gravador, para que se obtivesse o máximo de fidelidade possível aos ritmos originais.

Escolhi Padre Geraldo para patrono por ter sido um sacerdote admirado pelos fieis, por expressar sua predileção pelos pobres e oprimidos através da música, poesia e teatro. Pela ousadia do texto que produziu para encenar a paixão de cristo, onde tem uma passagem em que Jesus na descida da cruz explica as suas chagas, como resultado do seu compromisso com as lutas diárias do povo, e que por isso, o texto foi censurado pelo regime militar e só encenado em 1988. Pelo trabalho social que realizou no Centro da Esperança, em Ponte dos Carvalho, que buscava atender as necessidades dos menos favorecidos como habitação e terras, pois em pleno regime militar tinha a preocupação de conscientizar a popuem relação às questões sociais, o desenvolvimento do Nordeste e a oferta de condições para a promoção humana, e também pelo trabalho que realizou em Escada.

Padre Geraldo, incentivava as boas ações, ajudava a todos com humildade, foi um homem de muita fé na realização do seu trabalho, demonstrando esse sentimento nas obras sociais que praticava. E deixou para todos que o conheceram, um exemplo de amor ao próximo e a esperança no homem.

Referências

FILHO, Felix. **Além das Ideias - histórias de vida de Dom Helder Câmara**. CEPE Editora. Recife, 2013.

FONSECA, Joaquim. **O canto novo da Nação do Divino** - música ritual inculturada na experiência do Padre Geraldo Leite Bastos e sua comunidade. Editora Paulinas. São Paulo, 2000.

BASTOS, Geraldo Leite. **Loas e lamentos**, v. 2. Escada, 1984



Informações sobre a imagem²

CADEIRA Nº 4 – SEBASTIÃO FERREIRA DE BARROS LÔBO

Acadêmica Sevatil Lôbo de Siqueira

Louvável a iniciativa da Academia Escadense de Letras, de fazer vir a lume, esta tão esperada Antologia de Patronos dos Acadêmicos da AELE, creio eu, esperada de há muito pelos escadenses, que desejam conhecer profundamente aqueles que inspiraram o grupo de intelectuais, que unidos propagaram o desejo de reunir pessoas, em volta da Cultura e da Literatura, dando mais tarde culminância à fundação de nossa AELE.

Não é tarefa fácil, seguir os percalços da vida de homens, que detiveram em sua biografia, a Arte, e principalmente a Arte da Palavra; poetas, romancistas, contistas, cronistas, ensaístas, juristas, filósofos, e outros mais, que compõem o grupo seletivo dos Patronos de nossa Academia, são homens forjados por ideais tão maiores, que tantas vezes se sobrepujaram aos conflitos internos de suas vidas.

Dentro desta perspectiva, é que apresento um grande Mestre das Ciências Humanas, o professor Sebastião Ferreira de Barros Lôbo, que de modo singular, veio de Catende – Terra dos Canaviais; de Timbaúba – das mangueiras, das grandes sapatarias, e de sua exuberante fauna e flora; que deixando tudo aquilo, veio para Escada, transferido como Agente-chefe do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

² Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-N9GEuS-J2-4/TZ4IFNIAzDI/AAAAAAAAAG0/dWSO1cWWpok/s1600/Professor+L%25C3%25B4bo.jpg>



Chegou em Escada com sua família no ano de 1956, onde fincou raízes e aprimorou magnificamente sua cultura, devido a proximidade da capital Recife; cultura alimentada em sua infância por seu pai, que já àquela época, era homem letrado e incentivador da Arte, em toda sua plenitude.

Torna-se portanto, para todos nós Acadêmicos da AELE, um fazer prazeroso e especial, tornar público etapas da vida de homens e mulheres, que encantaram, ensinaram, transformaram, e tornaram a aridez, a insensatez, e a altivez, de um mundo hoje, individualista, de valores descartáveis, e mais pobre de riquezas divinas, para então, como Artistas da Palavra, descortinar para o mundo ‘caminhos’, para tantos, até então desconhecidos; o homem – professor Sebastião Lôbo, como ficou conhecido em Escada, foi um desses homens. Passemos à sua história!

Sebastião Lôbo: Origem e Descendência

Sebastião Ferreira de Barros Lôbo - Patrono da Cadeira nº 4, que represento como um dos membros fundadores da Academia Escadense de Letras, nasceu na cidade de Catende, Mata Sul de Pernambuco, a 20 de Janeiro do ano de 1921; filho de Sebastião Bacalhau de Barros Lôbo – de descendência ultramarina –, e de Maria Ferreira de Oliveira, despontou numa época em que a Indústria Açucareira encontrava-se em plena efervescência; e em Catende viveu sua infância e juventude, onde conviveu com colegas que mais tarde tornar-se-iam escritores de renome, como Pelópidas Soares, da Academia Pernambucana de Letras.

Sebastião Lôbo – descende de uma das mais ilustres famílias da Península Ibérica Espanhola, porquanto provém do Conde Dom Lopo Dias, 9º Senhor Soberano da Biscaia, Navarra e Castela-a-Velha, que venceu os Mouros a 30 de novembro de 1227, por ocasião da conquista da Beça; casou-se com D. Sancha e foi pai de Dom Pedro Pais Lobo, que se unindo a Portugal, teve do Rei Dom Sancho o senhorio da Terra de Basto e deu a continuidade do sobrenome Lobo aos seus descendentes; o El Rei, Dom Manuel I, e sua irmã, a Rainha D. Leonor, pelos serviços prestados na África, no Reino e fora dele, com muita diligência e

fidelidade, lhe acrescentaram por Carta de 24 de junho de 1506, as Armas, ou seja, Brasão da família, assim constituído: “De prata, com cinco Lobos passantes de negro; armados e lampassados de vermelho, postos em sautor; timbre: cantão de vermelho com um dos Lobos do escudo carregado de um castelo de ouro”, segundo PESQUISA DO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS do Horto de Dois Irmãos, em Recife, Pernambuco; realizada pelo pesquisador Petrônio Machado Cavalcanti.

Ainda no início de sua juventude, partiu de Catende para Recife, onde prestou relevantes serviços ao Exército Brasileiro, servindo às Forças Expedicionárias, durante o período da 2ª Grande Guerra, nas patentes de Cabo e II Tenente da ativa.

Chegou a Escada no ano de 1956, transferido pelo IBGE da cidade de Timbaúba, junto com sua esposa, Vanilda de Oliveira Lôbo, e os filhos Sevanil, Valdeque e Sevatil; anos depois lhe nasceria outro filho, o Valterjoy. Em Escada, iniciou junto com sua esposa, o aprimoramento de sua cultura e deixou seu legado de contribuições, na formação da população escadense, onde atuou durante anos como professor nas disciplinas de: Línguas Portuguesa e Inglesa, Educação Física, História e Filosofia. Seguem abaixo relacionados sua trajetória de formação acadêmica, bem como a sua contribuição na formação de gerações, como professor e incentivador para a Cultura do povo de Escada

1. Concluiu o Curso Técnico em Contabilidade, no ano de 1964;
2. Concluiu os Cursos de Inglês e Português, pela Universidade Federal de Pernambuco, para o Ensino de 1º e 2º graus, em 1966;
3. Designado para professor do município, no Ginásio Nossa Senhora da Escada, nas Cadeiras de Inglês e Português, em 1966;
4. Nos anos subsequentes, foi professor nas Escolas: Maria Ernestina de Araújo Monteiro e Eraldo Campos; e Diretor da Escola Américo Carneiro Novaes, em Escada;
5. Diretor-fundador, da Escola Municipal Santo Antônio, em Primavera,



no ano de 1968;

6. Graduou-se pela Escola Superior de Educação Física de Pernambuco, em 1969;
7. Diretor-fundador, da Escola Técnica de Comércio Escadense, para o Ensino de 2º grau, no ano de 1970, em Escada, na qual estudou o nosso Acadêmico Severino Lins;
8. Concluiu o Curso de História, pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1971;
9. Diretor-fundador, da Escola Monsenhor Arruda Câmara, de 1º e 2º graus, em Primavera, no ano de 1972;
10. Iniciador, representante e delegado do FUNRURAL, em Escada, à rua – João Manoel Pontual, nº 15.

Obra

Deixou-nos um livro encantador, intitulado: “Catende e Eu”, catalogado como “Contos de Relatos Memorialísticos, onde narra suas peripécias infantis, e ao mesmo tempo apresenta uma crítica política da época, porém, sem deixar de nos surpreender com a sua ‘verborragia’ do seu ‘português’ perfeito, aprimorado pela leitura de anos; e de nos encantar com suas ‘figuras de retórica’, que criteriosamente embelezaram sua narrativa.

O livro do qual vos falo, foi publicado na “VIII BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE PERNAMBUCO”, pela Editora Novo Horizonte e no Espaço destinado à UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES, no ano de 2011.

Particularidades do patrono Sebastião Lôbo

O professor Sebastião Lôbo – meu pai – era um homem como poucos. Amante dos livros, que já na infância lhe despertavam curiosidade e o deixavam intrigado. Seu pai, meu avô, Sebastião Bacalhau, foi seu mentor intelectual, e já com a idade de 10 anos, havia lido sob orientação do mesmo, toda a Coleção do



Tesouro da Juventude e de Monteiro Lobato, o que aguçou demasiadamente em seu íntimo o gosto pela leitura, amor aos livros, e curiosidade pelos grandes autores da Literatura Universal. Quando pequena, eu tinha o hábito de bisbilhotar a mesa de sua Biblioteca Particular, e não sabia pronunciar os Títulos que ali encontrava, como: Dom Quixote de La Mancha; Os Pensadores, como, Sócrates, Platão, Aristóteles; os Historiadores, Will Durant, Césaire Cantú, Berthand Russel e Plutarco; e ainda, os Romancistas, Ingleses, Americanos, Russos e Alemães, como: Shakespeare, Dickens, H. G. Wells e Virginia Wolf; Hemingway, Allan Poe e Fitzgerald; Dostoiévski e Léon Tolstói; Thomas Mann e Goethe, entre outros. Além de culto, era um homem justo, e acima de tudo, humano; sua presença inspirava paz e tranquilidade – tinha muitos amigos, como o Acadêmico Marcos Galdino, Amaro Xavier, José Chaves e muitos outros; deixava em todos um desejo de ouvi-lo sempre; os escadenses jamais poderão esquecer sua figura, a um só tempo simples e nobre, que durante anos lutou pelo progresso da Cultura em Escada.

Justificação da escolha do patrono

A indicação do professor Sebastião Lôbo, para patrono da Cadeira nº4, da Acadêmica Sevatil Lôbo, não se concretizou por meio de uma vasta publicação de títulos literários, mas pelos serviços prestados à população escadense; por um lado, como: AGENTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE; como 1º Delegado do FUNRURAL, prestando o seu apoio ao ‘homem do campo’, na cidade de Escada; e como Professor e Diretor-fundador de várias Escolas do município. Por um outro, pela sua intelectualidade comprovada, concernente às Ciências Humanas, como foi anteriormente citado, nas disciplinas de História, Filosofia, Línguas: Portuguesa, Inglesa e Russa; e Educação Física; e por todos aqueles, que tiveram a oportunidade de com ele conviver, palestrar e ter acesso à sua preciosa biblioteca.

Caso houvesse mais espaço para esta síntese biográfica, seriam por mim relatados acontecimentos pitorescos, engraçados, cativantes, e ensinados adquiridos pela experiência e ao longo de sua vida, porém não sendo tal



empreitada possível no momento, limito-me a citar o versículo da Bíblia Sagrada que ele mais amava, e duas de suas frases, a saber:

“Cria em mim, ó Deus! Um coração puro, e renova em mim um espírito reto”. (Sl 51.10)

“Através da leitura é que um homem se torna culto; Lê tudo e guarda o que te convém”.

“Quem lê, não teme a Morte”.

* * *





Informações sobre a imagem³

CADEIRA Nº 05 - JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Acadêmico Valdecí Leocádio de Siqueira Filho

Introdução

A escolha por João Cabral de Melo Neto como patrono da cadeira nº 5 da Academia Escadense de Letras (AELE), impulsiona-me de certa forma a permanecer “lutando com palavras” e dentro de uma perspectiva humanista e apartidária de uma justa e igualitária sociedade, manter a linha de um cordelista que se utiliza de um gênero descritivo, informativo, ético e de cunho jornalístico, no sentido literário da palavra.

Nesse contexto, inspirando-me em João Cabral de Melo Neto, que enquanto poeta e diplomata brasileiro, desempenhou um papel de funcionário público no cenário nacional e teve vivência em outros países, demonstra em suas obras a vontade de ver as pessoas em outro quadro social que não seja a submissão e a subserviência que ainda hoje vive parte do povo brasileiro.

Olhando por esse prisma e percebendo a semelhança no que diz respeito à luta pela igualdade social e a forma de transcrever a realidade, justifica-se, o motivo pelo qual me inspirou a escolher o respectivo autor, pois tento em meus escritos na literatura de cordel, desestigmatizar este gênero literário, tido como simplesmente versos gracejosos facilmente banalizados para transcrever a

³ Fonte: <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/wp-content/uploads/2012/01/joao-cabral-de-melo-neto-2.jpg>



realidade do senso comum de forma lúdica, porém, ética e fundamentada nas necessidades sociais, culturais, políticas e ambientais do nosso povo.

Apresentação do Patrono

João Cabral de Melo Neto nasceu em Recife, Pernambuco a 09 de janeiro de 1920 (na Rua da Jaqueira), segundo filho de Luiz Antônio Cabral de Melo e de Carmem Carneiro Leão Cabral de Melo. Passou a infância em engenhos de açúcar, São Lourenço da Mata e depois nos engenhos Pacoval e Dois Irmãos no município de Moreno.

Escritor de extrema habilidade descritiva e narrativa tinha como prioridade falar na morte e na vida, vida às vezes morte e morte às vezes vida. Ler João Cabral de Melo Neto é saber que escrever com sabedoria poética transcende qualquer poesia e que o declínio de um poeta talvez seja o auge de sua vida e no refúgio de seu “eu”, escreva os melhores ou piores momentos vividos; desta forma escrevendo não há quem o desdiga... é transpor a realidade muitas vidas esquecidas, reavivando fatos, atos não de teatro, porém histórias tristes, alegres de tantas vidas contidas.

Aos 79 anos em 09 de outubro de 1999, João Cabral de Melo Neto faz a inevitável viagem que todo ser vivo há de fazer. Deixou em seus escritos lições do imaginário e do real de uma forma inexpugnável e de fácil entendimento, continua João Cabral de Melo Neto, transformando não só as pessoas, mas também o modo diferente de viver e sentir a tristeza da morte e a alegria da vida.

Sua biografia é composta por diversas publicações, entre elas: 1942 marcam a publicação de seu primeiro livro, Pedra do Sono; O engenheiro é publicado em 1945; em 1950, publica O cão sem plumas; Escreve o livro O rio, em 1953. Em 1956, Duas águas, volume que reúne seus livros anteriores e os inéditos: Morte e vida Severina, Paisagens com figuras e Uma faca só lâmina. Em 1960, em Lisboa, publica seu livro Quaderna.

É eleito, em 15 de agosto de 1968, para a Academia Brasileira de Letras na vaga de Assis Chateaubriand e toma posse na Academia em 06 de maio de 1969



na cadeira número 6, sendo recebido por José Américo de Almeida. Em 1975 publica Museu de Tudo, em 1981 a antologia Poesia crítica e em 1985 os Poemas de Agrestes. Em 1987 publica Crime na Calle Relator, poemas narrativos. Em 1988, lança sua antologia Poemas pernambucanos e também, o segundo volume de poesias completas: Museu de tudo e depois, em 1990, Sevilha andando.

Tendo assim, com suas obras reconhecimento nacional e internacional de um grande escritor que é orgulho brasileiro, nordestino e pernambucano.

Motivação para escolha do patrono pelo acadêmico

Ao escolher João Cabral de Melo Neto, abri cada vez mais as minhas inspirações poéticas. Imitando o estilo literário de um simples poeta, incansável na luta pelo social do nosso povo injustiçado pelo capitalismo insano, agigantando-se no dia a dia sobre os menos favorecidos.

Por isso “lutar com palavras” será sempre mantido em um pequeno e frágil peito, no entanto, enobrecido pela necessidade de transformar o Brasil com milhares de analfabetos funcionais e técnicos emergenciais em um país de cidadãos pensantes, poéticos e eternos leitores.

Externando esses sentimentos e não desmerecendo o indivíduo que não teve oportunidade, devido à exclusão social, de fazer ou concluir sua escolaridade, trazendo assim, os costumes linguísticos adquiridos através dos anos com a força da miscigenação do nosso povo e com esta, a subserviência e o conformismo de que a vida é assim mesmo. Valorizando essas pessoas e os seus costumes populares, João Cabral de Melo Neto, transcreve em uma de suas célebres frases escrita no mural da Fundação Joaquim Nabuco, para reflexão “Ninguém jamais falou em português o brasileiro de sua língua”.

Bibliografia consultada

João Cabral de Melo Neto. <http://www.academia.org.br> Acesso em 10 de ago. de 2017.



RAMOS. Thaciane Rollenberg. **João Cabral de Melo Neto.**

<http://www.infoescola.com/escritores/joão-cabral-de-melo-neto>. Acesso em 13 de agosto de 2017.

Poeta pernambucano **João Cabral de Melo Neto.**

<http://educacao.uol.com.br/biografias/joão-cabral-de-melo-neto.htm> Acesso em 14 de agosto de 2017.





Informações sobre a imagem⁴

CADEIRA Nº 06 - JOSUÉ APOLÔNIO DE CASTRO

Acadêmico Adriano de Souza Sales

Apresentação

Josué Apolônio de Castro - nasceu em Recife, em 5 de setembro de 1908, morreu em Paris, em 24 de setembro de 1973 - mais conhecido como Josué de Castro, foi um influente médico, nutrólogo, professor, geógrafo, cientista social, político, escritor e ativista brasileiro do combate à fome. Destacou-se no cenário brasileiro e internacional não só pelos seus trabalhos ecológicos sobre o problema da fome no mundo, mas também no plano político em vários organismos internacionais.

Partindo de sua experiência pessoal no Nordeste brasileiro, publicou uma extensa obra que inclui: Geografia da fome, Geopolítica da fome, Sete palmos de terra e um caixão e Homens e caranguejos. Exerceu a Presidência do Conselho Executivo da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), e foi também Embaixador brasileiro junto à Organização das Nações Unidas (ONU).

Recebeu da Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos o Prêmio Franklin D. Roosevelt. O Conselho Mundial da Paz lhe ofereceu o Prêmio Internacional da Paz e o governo francês o condecorou como Oficial da Legião de

⁴ Fonte: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/images/stories/josu%20de%20castro.jpg>



Honra. Foi ainda indicado ao Nobel da Paz nos anos de 1953, 1963, 1964 e 1965.

Logo após o Golpe de Estado de 1964 teve seus direitos políticos suspensos pela Ditadura Civil-Militar.

Contribuições para a cultura e literatura

- ✓ O Problema Fisiológico da Alimentação no Brasil. Recife: Ed. Imprensa Industrial, 1932.
- ✓ O Problema da Alimentação no Brasil. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1933.
- ✓ Condições de Vida das Classes Operárias do Recife. Recife: Departamento de Saúde Pública, 1935.
- ✓ Alimentação e Raça. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
Therapeutica Dietética do Diabete. In: Diabete. Livraria do Globo, Porto Alegre, 1936. p. 271-294.
- ✓ Documentário do Nordeste. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.
- ✓ A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1937.
- ✓ Festa das Letras. Co-autoria de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Livraria Globo, 1937.
- ✓ Fisiologia dos Tabus. Rio de Janeiro: Ed. Nestlé, 1939.
- ✓ Geografia Humana. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1939.
- ✓ Alimentazione e Acclimatazione Umana nel Tropici. Milão, 1939.
- ✓ Geografia da Fome: A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.
- ✓ La Alimentación en los Tropicos. México: Fondo de Cultura, 1946.
- ✓ Fatores de Localização da Cidade do Recife. Rio de Janeiro: Ed. Imprensa Nacional, 1947.
- ✓ Geopolítica da Fome. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.



- ✓ A Cidade do Recife: Ensaio de Geografia Humana. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1956. Reedição de Fatores de Localização da Cidade do Recife.
- ✓ Três Personagens. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1955.
- ✓ O Livro Negro da Fome. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- ✓ Ensaio de Geografia Humana. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- ✓ Ensaio de Biologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- ✓ Sete Palmos de Terra e um Caixão. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- ✓ Ensayos sobre el Sub-Desarrollo. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1965.
- ✓ ¿Adonde va la América Latina?. Lima: Latino Americana, 1966.
- ✓ Homens e Caranguejos. Porto: Ed. Brasília, 1967.
- ✓ A Explosão Demográfica e a Fome no Mundo. Lisboa: Itáu, 1968.
- ✓ El Hambre - Problema Universal. Buenos Aires: La Pléyade, 1969.
- ✓ Latin American Radicalism. Edited by Irving Horowitz, Josué de Castro and John Gerassi. New York: Vintage Books, 1969. Coletânea organizada por Irving Horowitz, Josué de Castro e John Gerassi.
- ✓ A Estratégia do Desenvolvimento. Lisboa: Cadernos Seara Nova, 1971.
- ✓ Mensajes. Bogotá: Colibri, 1980.
- ✓ Fome: um Tema Proibido - últimos escritos de Josué de Castro. Anna Maria de Castro (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Particularidades de sua vida

Casado com sua ex-aluna Glauce, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1935. Após um período de dificuldades, passou a ensinar Antropologia. Recorreu ao método geográfico para apresentar o mapa das regiões alimentares em 'A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana'. Entre outros contos, crônicas, ensaios, estudos sociais e biológicos, publicou 'O ciclo do caranguejo', conto sobre os mangues de sua cidade natal.



A partir de 1940, participou de todos os projetos governamentais ligados à alimentação, coordenando a implantação dos primeiros restaurantes populares, dirigindo as pesquisas do Instituto de Tecnologia Alimentar e colaborando para a execução de várias políticas públicas, como a educação alimentar. Sob sua direção foi lançado o periódico Arquivos Brasileiros de Nutrologia.

O ano de 1946 foi marcado pela publicação de Geografia da fome. Obra clássica da ciência brasileira, o livro buscou tirar da obscuridade o quadro trágico da fome no país. Enfatizou as origens socioeconômicas da tragédia e denunciou as explicações deterministas que naturalizavam este quadro.

No mesmo ano, foi o fundador e primeiro diretor do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil. Efetivou-se como professor de Geografia Humana em 1947, na Universidade do Brasil (atual UFRJ). A Conferência da FAO de 1948 registrou o início de sua participação neste órgão internacional.

Geopolítica da fome, livro publicado em 1951, concebido como uma extensão da Geografia da fome, tornou-se um marco histórico e político nas questões de alimentação e população. Os princípios ecológicos e geográficos foram desta vez utilizados na escala da fome mundial. Posicionou-se contra as interpretações demográficas que entendiam a fome como consequência de excesso populacional e prescreviam um controle de natalidade de massa. Cuidou de “desnaturalizar” a fome mais uma vez e demonstrou os vários fatores biológicos, geográficos, culturais e políticos pelos quais a fome gera a superpopulação.

Respeitado internacionalmente, foi eleito, por representantes de setenta países, Presidente do Conselho Executivo da FAO, cargo que exerceu entre 1952 e 1956. Enfrentou forte oposição dos países desenvolvidos à execução de projetos voltados para o desenvolvimento do terceiro mundo e não deixou de expressar sua frustração com a “ação tímida e vacilante” da agência das Nações Unidas, apesar da alta qualificação de seus experts e técnicos.

Exerceu dois mandatos como Deputado federal eleito pelo Estado de Pernambuco. Entre diversos projetos ligados a questões agrárias, educacionais,



culturais e econômicas, apresentou o de regulamentação da profissão de nutricionista, que dispõe sobre o ensino superior de Nutrição e o projeto para a reforma agrária, entendida como “um processo de revisão das relações jurídicas e econômicas entre os que detêm a propriedade rural e os que nela trabalham”. Com seus pronunciamentos, deixou registrados relevantes acontecimentos históricos, assim como a defesa contra abusos da imprensa quando, em várias ocasiões, dá vazão a interesses subservientes.

Em 1963, tornou-se Embaixador brasileiro junto à sede europeia da Organização das Nações Unidas, em Genebra. Era então uma personalidade de projeção internacional, convidado por reis e chefes de Estado, capaz de atrair uma plateia de 3.500 pessoas na cidade de Rouen, interior da França.

Honrarias e homenagens

- ✓ Prêmio Pandiá Calógeras, em 1937.
- ✓ Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras, pelo livro Geografia da fome, em 1946.
- ✓ Professor Honoris-Causa da Universidade de San Domingos, na República Dominicana, em 1950.
- ✓ Professor Honoris-Causa da Universidade de San Marcos, no Peru, em 1950.
- ✓ Prêmio Franklin D. Roosevelt, da Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos, pelo livro Geopolítica da fome, em 1952.
- ✓ Grande Medalha da Cidade de Paris, em 1953.
- ✓ Prêmio Internacional da Paz, do Conselho Mundial da Paz, em 1954.
- ✓ Oficial da Legião de Honra da França, em 1955.
- ✓ O Instituto de Nutrição da UFRJ, fundado por ele, em 1996 passou a chamar-se Instituto de Nutrição Josué de Castro.
- ✓ Doutor Honoris-Causa in memoriam pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2003.



- ✓ Patrono do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).
- ✓ Grã-Cruz in memoriam da Ordem do Mérito Cultural, do Ministério da Cultura, em 2006.

Motivação para escolha

Conheci os trabalhos de Josué de Castro na minha adolescência no início da década de 90, a primeira obra que li foi o livro *Geografia da Fome*. Logo fiquei apaixonado pelo modo de pensamento e de entendimento filosófico do autor e comecei a ler outras obras. Muitos de seus ensinamentos tomei como modelo para a minha vida pessoal e profissional. Por volta do ano de 1994 eu estudava informática em Recife e tinha uns amigos que frequentavam os ensaios abertos de uma banda chamada Nação Zumbi, cujo líder/vocalista era Chico Science. Chico Science também era um profundo admirador de Josué de Castro, em que, em uma letra de suas músicas menção em suma ao trabalho e nome de Josué de Castro, logo peguei afinidade com os trabalhos dessa banda que liderava um movimento chamado Mangue, cujo conceito era baseado no livro *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro.

Daí vem a minha motivação de ter escolhido esse grande vulto da cultura, ciência e consciência pernambucana.

Bibliografia consultada

CASTRO, Josué de. **O Livro Negro da Fome**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: A Fome no Brasil**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.

Sites

www. <http://nutricao.ufrj.br/> - Acesso em: 01 de dez. 2017.

<http://www.josuedecastro.org.br/> - Acesso em 10 de dez. 2017.





Informações sobre a imagem⁵

CADEIRA Nº 08 - JOSÉ LINS DO RÊGO

Acadêmico Severino José Lins

Introdução

Este trabalho tem por objetivo compor a apresentação dos Patronos dos acadêmicos da Academia Escadense de Letras – AELE, atendendo determinação da própria Academia, que por meio de Edital de Chamada convocou todos os seus membros efetivos para participarem da publicação da apresentação dos patronos de cada acadêmico de modo a tornar conhecidas suas histórias e motivações de escolha.

Neste contexto, como membro efetivo da AELE com assento a cadeira número 8 (oito) escolhi como Patrono o eminente escritor José Lins do Rêgo, nordestino de origem, cuja biografia e obras são dispostas nesta apresentação.

José Lins do Rêgo - O Patrono

José Lins do Rego, na realidade José Lins do Rego Cavalcanti, foi romancista e jornalista. Filho de João do Rego Cavalcanti e de Amália do Rego Cavalcanti, nasceu no engenho Corredor, no município de Pilar – Paraíba, em 3 de junho de 1901 e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de setembro de 1957. Quarto ocupante da Cadeira 25, eleito em 15 de setembro de 1955, na sucessão de Ataúlfo de Paiva e recebido pelo Acadêmico Austregésilo de Athayde em 15 de dezembro de 1956.

⁵ Fonte: <https://www.escritas.org/autores/jose-lins-do-rego.jpg>



Segundo narra Barbosa Filho (2001), José Lins do Rego ficou “órfão de mãe já no ano do seu nascimento, fica entregue aos cuidados de sua tia Maria e do seu avô, figura que vem a imortalizar na persona do Coronel José Paulino, personagem marcante sobretudo na ação dos seus três primeiros romances”, rotulados por ele próprio como “romances do chamado ciclo da cana-de-açúcar”, que constituía uma “espécie de verdadeira trilogia da recordação: Menino de Engenho (1932), Doidinho (1933) e Bangüê (1934)”, (BARBOSA FILHO, 2001, p. 51).

Ainda, segundo Barbosa Filho (2001), José Lins do Rego perdeu “logo cedo também a tia – mãe substituta – vai estudar no Internato Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Itabaiana, onde inicia sua vida escolar”. Posteriormente se transfere “para o colégio Pio X, na capital do Estado, onde passa a integrar a Arcádia Pio X, tipo de academia estudantil, e a colaborar com a Revista Mensal dos Alunos do Colégio Diocesano Pio X”. No período de 1916 a 1917 publicou “o que poderíamos considerar como seus primeiros artigos literários, ainda que tais escritos não integrem os volumes de sua obra publicada”. Neste ínterim muda-se para Recife onde cursa o Instituto Carneiro Leão, o Ginásio Pernambucano e, por fim, a Faculdade de Direito, tornando-se bacharel em 1923 (BARBOSA FILHO, 2001, p. 52)

É nesse ano que, segundo relata Barbosa Filho (2001), José Lins do Rego conhece Gilberto Freyre sendo ele mesmo o primeiro a reconhecer o fato, discorrendo:

Foi numa tarde do Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos. Pode parecer um romance, mas foi tudo da realidade (REGO, 1941, apud BARBOSA FILHO, 2001, p. 52).

O Sociólogo Gilberto Freyre, conforme Cordeiro (2010), foi o mentor do denominado Movimento Regionalista “cujo objetivo seria o de resgatar os “verdadeiros” valores brasileiros baseando-se na tradição, que no contexto significava a manutenção da ordem social anterior: latifundiária, escravista e açucareira” e que José Lins do Rego “segundo críticos personalizou o projeto

regionalista de Gilberto Freyre na literatura” (CORDEIRO, 2010, p. 15).

Cordeiro (2010, p. 24) aponta que o Movimento Regionalista do Nordeste pensado por Gilberto Freyre “desenvolveu uma campanha de revalorização dos valores regionais que, segundo o sociólogo, estavam sendo ameaçados pelas alterações que o Nordeste brasileiro vinha passando” em contraponto a divulgação do movimento denominado modernismo amplamente divulgado por vários estados brasileiros entre os anos de 1925 e 1930.

Neste sentido, juntamente com Odilon Nestor e Moraes Coutinho, Freyre fundou no Recife, em 1924, o Centro Regionalista do Nordeste, que conforme adiciona Cordeiro (2010) objetivava “promover os valores humanos e culturais da região”. Coube a este centro, promover o I Congresso Regionalista Brasileiro, de 7 a 11 de fevereiro de 1926, “no qual se destacou a ideia de unificação econômica e cultural do Nordeste, a defesa dos valores tradicionais, a preservação arquitetônica das cidades, também do patrimônio histórico e artístico, festas e jogos tradicionais”. Segundo Cordeiro (2010) nas palavras de José Lins do Rego (1941):

O Congresso Regionalista de Recife foi um movimento que [Gilberto Freyre] organizou com suas ideias, mas para ele convergiam moços e velhos, gente de tendências mais opostas. Chamou padres, juizes, senhores de engenhos, advogados, médicos, presidentes de clube de carnaval, velhas cozinheiras, doceiras, o governador do estado, o arcebispo, o juiz federal, e como uma grande democracia realizou o primeiro Congresso Regionalista no Brasil e talvez das Américas [...] o Congresso do Recife merecia que propagasse para todo o Brasil [...] com um regionalismo desses é que podemos fortalecer mais ainda a unidade brasileira. Porque cultivando o que cada um tem de mais pessoal, de mais próprio, vamos dando mais vida ao grupo político, formando um povo que não será uma massa uniforme sem cor (REGO, 1941, apud CORDEIRO, 2010, pp. 24-25).

Em 1924, se casa com D. Filomena Massa (Naná), com quem tem três filhas: Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Cristina, e, em 1925, assume a promotoria pública em Manhaçu, Minas Gerais, localidade onde pouco se demora. A bem da verdade, o interesse de José Lins não era a fiscalização do cumprimento da lei, nem tampouco a promoção da justiça, mas o jornalismo e literatura.



funções de fiscal de bancos até 1930 e fiscal de consumo de 1931 a 1935. Em Maceió, tornou-se colaborador do Jornal de Alagoas e passou a fazer parte do grupo de Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Valdemar Cavalcanti, Aloísio Branco e Carlos Paurílio.

Barbosa Filho (2001, p. 53), enfatiza que “nesta fase, extremamente frutífera do ponto de vista da criação literária, o escritor, além de iniciar sua carreira de romancista, publicando sucessivamente os seus três primeiros romances”, passa a exercer, também, “o papel de “apóstolo” do movimento Regionalista Tradicionalista de Gilberto Freyre”. Neste ponto é de se destacar “um dos momentos mais curiosos da vida literária do escritor paraibano. É aqui que ele começa a pontificar como crítico – “o crítico do Norte” –, influenciando diretamente, com sua postura combativa e com seu irrequieto e arguto senso analítico, o ambiente provinciano”.

Em 1935, José Lins do Rego passa a residir no Rio de Janeiro, tendo em vista sua nomeação como Fiscal do Imposto de Consumo, onde integrou-se plenamente no ambiente carioca. Revelou-se, então, por essa época, a faceta esportiva de sua personalidade. Sofrendo e vivendo as paixões desencadeadas pelo futebol, o esporte de sua predileção, foi grande torcedor do Flamengo. Exerceu o cargo de secretário-geral da Confederação Brasileira de Desportos de 1942 a 1954.

Ambientado no Rio, continuou a fazer jornalismo, colaborando em vários periódicos com crônicas diárias e também dá prosseguimento a sua atividade literária. Nesse ano é publicado *O Moleque Ricardo*, seguindo-se a ele: *Histórias da Velha Totônia* e *Usina*, ambos de 1936; *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Água-mãe* (1941), *Fogo Morto* (1943), *Eurídice* (1947), *Cangaceiros* (1953) e *Meus Verdes Anos*, livro de memórias, em 1956, além de obras ensaísticas, crônicas e relatos de viagem, fruto de suas múltiplas leituras, observação da vida e algumas viagens que fez pela Europa e outras regiões na década de 50. São elas, pela ordem cronológica: *Gordos e Magros* e *Poesia e Vida*, ambos de 1942; *Pedro Américo* (1943), *Conferências no Prata* (1946), *Bota de*



Sete Léguas (1951), Homens, Seres e Coisas (1952), A Casa e o Homem (1954), Roteiro de Israel (1955), Presença do Nordeste na Literatura Brasileira e Gregos e Troianos, ambos de 1957, e O Vulcão e a Fonte (1958).

Algumas biografias disponíveis na internet relacionam a obra “Dias Idos e Vividos” (1981) como sendo de José Lins do Rego, na verdade trata-se de uma antologia crítica da prosa de não-ficção de José Lins do Rego, organizada por Ivan Junqueira, poeta, jornalista e tradutor carioca, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), eleito em dia 30 de março de 2000, tendo ocupado a cadeira 37, sucedendo o poeta João Cabral de Melo Neto.

É de se destacar que José Lins foi agraciado em determinados momentos pela publicação de suas obras, tendo recebido o Prêmio da Fundação Graça Aranha, pelo romance Menino de Engenho (1932); o Prêmio Felipe d’Oliveira, pelo romance Água-mãe (1941), e o Prêmio Fábio Prado, pelo romance Eurídice (1947).

A esta altura, já devidamente reconhecido como um dos mais expressivos escritores da modernidade literária brasileira, jornalista, crítico literário, romancista, cronista, conferencista, amante do futebol e da vida, identificado profundamente com a cultura e o povo brasileiros, José Lins é eleito, em 15 de setembro de 1955, para a Academia Brasileira de Letras, tomando posse na Cadeira número 25, cujo último ocupante tinha sido o Ministro Ataúlfo de Paiva. Na ocasião, comenta, Barbosa Filho (2001, p. 55): “irreverente e destemperado, José Lins foge ao protocolo do panegírico, fazendo severas críticas ao seu antecessor”. Dois anos mais tarde, precisamente em 12 de setembro de 1957, morre José Lins do Rego, vítima de cirrose hepática.

Motivação da escolha do Patrono

Foram dois os motivos para a escolha do Patrono José Lins do Rego. O primeiro, por se tratar de um autor nordestino que retrata em suas principais obras o cotidiano da Região, demonstrando o comprometimento com os elementos populares da cultura brasileira, a exemplo do veio folclórico que permeia o imaginário de suas obras romanescas e, o segundo, por se tratar de



patronímico do acadêmico, ou seja, a identificação do nome do Patrono, José Lins, que complementa o nome do acadêmico.

Referências

BARBOSA FILHO, H. **José Lins do Rego: técnica narrativa de Fogo Morto**. Culto da Imortalidade. O romancista José Lins do Rego. Academia Brasileira de Letras – ABL. Ciclo Centenário de José Lins do Rego. 2001. Disponível em: www.academia.org.br/abl/media/imortalidade15.pdf. Acesso em 25 jun. 2017.

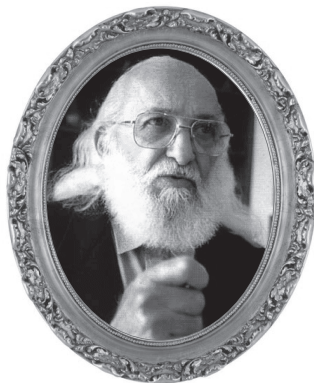
Cordeiro, Carla de Fátima. **Pelos olhos do menino de engenho: os personagens negros na obra de José Lins do Rego**. 2010, 129f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília – SP. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/.../cordeiro_cf_me_mar.pdf. Acesso em 25 jun. 2017.

Figueiredo Jr, N. P. **A correspondência passiva de José Lins do Rego**. Culto da Imortalidade. O romancista José Lins do Rego. Academia Brasileira de Letras – ABL. Ciclo Centenário de José Lins do Rego. 2001. Disponível em: www.academia.org.br/abl/media/imortalidade15.pdf. Acesso em 25 jun. 2017.

JOSÉ Lins do Rego: **biografia**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em 26 jun. 2017.

JOSÉ LINS DO REGO. Bibliografia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-lins-do-rego/biografia>. Acesso em 26 jun. 2017.

SANTOS, P. P. **José Lins do Rego. Bibliografia**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/escritores/jose-lins-do-rego/>. Acesso em 26 jun. 2017.



Informações sobre a imagem⁶

CADEIRA Nº09 - PAULO REGLUS NEVES FREIRE

Acadêmico Waldyr José Siqueira

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

Introdução

Acreditar em uma sociedade humanizada e civilizada é acreditar em um ideário de homem e sociedade capaz de construir e reconstruir o conhecimento através da compreensão inicial de mundo do estudante, e de construir novos conhecimentos através da mediação dialógica do professor. A alegria de encontrar o achado é a alegria de encontrar a razão do ser, do ter e do conviver, sem usurpar o direito dos sujeitos de construírem, coletivamente, os seus achados, os seus conhecimentos, a sua libertação.

Nasci em Escada no ano de 1962, filho de Amaro Dirceu de Siqueira e Maria de Lourdes Peixoto Siqueira. Como todo menino do interior, aproveitei bastante a minha infância com muitas estripulias, determinação e garra para vencer. Sempre pensava em um dia poder dividir meus saberes e construir novos saberes de forma coletiva. Para alcançar tais objetivos de vida, ingressei no magistério, sabendo que esta profissão me daria condições de, coletivamente, integrar o homem à sociedade na qual ele está inserido. Hoje, enquanto Pedagogo

⁶ Fonte: <http://www.genealogiafreire.com.br/img/paulofreire.gif>



e Psicanalista, continuo lutando pela construção da identidade pessoal e coletiva do saber bem Viver.

No ano de 2010, tive a imensa alegria de ser convidado pelo dr. José Luis Minduca, para fazer parte da fundação da AELE- Academia Escadense de Letras. Tamanha foi a honra em participar de uma Instituição seleta e de ser guardião da nossa cultura! Honrado com o convite, e aceito, fui designado a ocupar a cadeira de N° 09, que de forma convicta, exaltei e escolhi o educador Paulo Freire como o meu Patrono.

Apresentação do Patrono

Paulo Reglus Neves Freire, ilustre e notável educador, pedagogo e filósofo, precursor do movimento da Pedagogia Crítica, Patrono da Educação Brasileira, pernambucano, nasceu na cidade do Recife, em 19 de setembro de 1921. Filho de Joaquim Temístocles Freire, capitão da Polícia Militar e de Edeltrudes Neves Freire. Sua mãe, cuidadosamente o alfabetizou. A mesma se utilizava de um pequeno galho de árvore para lhe ensinar a escrever. Em 1933, aos 10 anos de idade, sua família resolveu mudar-se para a cidade de Jaboatão, onde permaneceu durante nove anos. Freire era de uma família de classe média pernambucana. Presenciou em sua infância a fome e a pobreza, experiência essa que o levou a grandes conflitos contraditórios de uma ordem social implantada na sociedade brasileira e, sobretudo, no nordeste do país.

Sua trajetória escolar começou no Colégio 14 de Julho, no centro do Recife. Sua mãe, sem poder continuar pagando os seus estudos, mesmo pertencendo a uma classe mais favorecida, não tinha condições de oferecer uma boa escola. Assim, recorreu ao diretor do Colégio Osvaldo Cruz que lhe concedeu matrícula gratuita e o transformou em auxiliar de disciplina. Freire sempre muito questionador e crítico, percebia claramente a educação excludente impregnada no sistema educacional brasileiro.

Aos 22 anos de idade, começa a estudar Direito na Faculdade de Direito do Recife. Enquanto cursava a faculdade desenvolveu o gosto e interesse pela língua materna, compreendendo assim, que seu domínio poderia servir de



empoderamento da vida cidadã do povo sofrido e oprimido, tornando-se professor de Língua Portuguesa da referida escola, na qual retribui com muito esmero e dedicação o então apoio recebido por aquela unidade educacional. Continuou seu percurso como professor no Instituto Capibaribe do Recife, Escola de Serviço Social, Escola de Belas Artes, Serviço de Extensão Cultural do Recife na Universidade Federal de Pernambuco.

Em 1944, casou-se com a professora primária Elza Maia Costa Oliveira, obtendo cinco filhos deste casamento. Posteriormente, com a morte de Dona Elza,

Freire casou-se novamente, desta vez com a pernambucana Ana Maria Araújo, chamada na intimidade “Nita”, ambas as esposas deram grande contribuição em sua carreira, por isto mesmo, Freire dedicou o seu título de Doutor Honoris Causas, na PUC de São Paulo, “à memória de uma e à vida da outra”.

No ano de 1947, foi contratado para dirigir o departamento de educação e cultura do SESI – Serviço Social da Indústria, onde entra em contato com a alfabetização de adultos. Em 1958, participa de um congresso educacional na cidade do Rio de Janeiro. Neste congresso, apresenta um trabalho importante sobre educação e princípios de alfabetização. De acordo com suas ideias, a alfabetização de adultos deve estar diretamente relacionada ao cotidiano do trabalhador. Desta forma, o adulto deve conhecer sua realidade para poder inserir-se de forma crítica e atuante na vida social e política.

Em 1963, Paulo Freire desenvolveu um método de Alfabetização que foi capaz de alfabetizar 300 adultos cortadores de cana a Ler e a Escrever em 45 dias, no estado de Pernambuco. Sua concepção da prática pedagógica era fundamentada na perspectiva e crença de que o estudante assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade, contrapondo assim, com uma prática pedagógica bancária, tecnicista e alienante difundida no movimento curricular das escolas brasileiras. Freire acreditava que o estudante poderia construir sua própria educação, construindo e reconstruindo o seu



caminho, partindo de suas experiências de vida social e política e não seguindo um caminho já previamente construído. Isso possibilitaria ao estudante libertar-se de amarras e entraves alienantes, criando assim os seus rumos a partir do seu próprio aprendizado. Dentro desta perspectiva, Freire se destacou por seu trabalho na área da educação popular no processo da escolarização-alfabetização-visão de mundo, como na formação da consciência cidadã e política.

No começo de 1964, Paulo Freire foi convidado pelo então presidente João Goulart para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização, contudo, meses depois de iniciada a implantação do mesmo, o Golpe Militar extinguiu esse esforço. Em seguida, passou por um breve exílio na Bolívia e trabalhou no Chile por cinco anos para o Movimento de Reforma Agrária da Democracia Cristã. Em 1967, durante o exílio chileno, publicou no Brasil seu primeiro livro, *Educação Como Prática da Liberdade*.

Grande foi a expectativa e recepção da comunidade intelectual ao livro por ele publicado. Na mesma ocasião, reconhecido pela comunidade internacional, foi convidado a ser professor visitante da Universidade de Harvard, em 1969. No ano anterior, ele havia concluído a redação de seu mais famoso livro, *Pedagogia do Oprimido*, que foi publicado em vários idiomas, inclusive em hebraico, em 1981. Freire mudou-se para Genebra na Suíça trabalhando como consultor educacional do Conselho Mundial de Igrejas. Durante esse tempo, atuou como consultor em reforma educacional em colônias portuguesas na África, particularmente na Guiné-Bissau e em Moçambique.

Diante da anistia concedida a Paulo Freire em 1979, regressou ao Brasil, mas só em 1980, filiou-se ao PT (Partido dos Trabalhadores) exercendo a função de Secretário de Educação da Cidade de São Paulo. Dentre as marcas de sua passagem pela secretaria municipal de Educação, está a criação do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, um programa público de inclusão social e comunitária que até hoje é adotado por diversos governos nas diversas esferas. Em 1991, foi fundado em São Paulo o Instituto Paulo Freire, para estender e elaborar suas ideias. O instituto mantém até hoje os arquivos do educador, além



de realizar numerosas atividades relacionadas com o legado do pensador e sua atuação em temas da educação brasileira e mundial.

Em 2 de maio de 1997, às 6h53, parte para a outra dimensão Paulo Reglus Neves Freire, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Sendo reconhecido pelo estado brasileiro pela sua importância e contribuição social, através do Ministério da Justiça no Fórum Mundial de Educação Profissional de 2009 realizado em Brasília. Na ocasião, o governo brasileiro fez o pedido de perdão postmortem à viúva e à família do educador, assumindo o pagamento de "reparação econômica".

Por seu trabalho na área educacional, Paulo Freire foi reconhecido mundialmente pelas suas obras, títulos e honrarias recebidas. Entre elas, destacamos:

- Paulo Freire. Educação como prática da liberdade. Paz e Terra; 2000
- Paulo Freire. Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. Paz e Terra; 1984.
- Paulo Freire. Os cristãos e a libertação dos oprimidos. Edições Base; 197
- Paulo Freire; Antonio Faundez. Por uma pedagogia da pergunta. Paz e Terra; 2002.
- Paulo Freire, A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. Cortez; 2008
- Paulo Freire. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Paz e Terra.
- Paulo Freire, Política e educação: ensaios. Cortez Editora; 1993.
- Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis, 2003, Editora UNESP;
- Paulo Freire, Frei Betto, Essa escola chamada vida, 1994, Ed. Ática,



- Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, *À sombra desta mangueira*, Olho d'Água. 1995;
- Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 2009, Paz e Terra;
- 29 Títulos de Doutor Honoris Causa de universidades da Europa e América;
- King Baudouin International Development Prize de 1980, entregue pela Fundação King Baudouin, que tem como objetivo servir a sociedade. Paulo Freire foi a primeira pessoa a receber o prêmio. Ele foi nomeado pelo Dr. Mathew Zachariah, Professor de Educação na Universidade de Calgary
- Prêmio de Excelência para Educadores Cristãos, 1985;
- Prêmio de Educação para a Paz da UNESCO, 1986
- Incluído no International Adult and Continuing Education Hall of Fame, 2008;
- Uma escola pública independente de Holyoke, Massachusetts, nomeou-se "Paulo Freire Social Justice Charter School", aprovado pelo Estado em 28 de fevereiro de 2012;

“Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica”.
Paulo Freire

Nenhuma história de vida pessoal pode ser retroalimentada de um vazio, ela sempre está referendada em experiências e sentimentos construídos pelo sujeito que são emanados, inicialmente, pelas suas figuras parentais, que ao longo de sua vida introduzem no sujeito a ética, a justiça, o respeito, a moral e a fé, princípios básicos de cidadania e de convivência com o outro.

Sou interiorano, de classe média, filho de funcionário público que durante

muitos anos produziu vinagre caseiro. Homem ético, justo, honesto e de grande sensibilidade pelos menos favorecidos. E filho de uma mãe zelosa, com postura e comportamento elegantes, respeitosa, repudiava as desigualdades sociais, acreditava na bondade e na seriedade das pessoas. Amava o belo, as flores e era devota de Maria Santíssima, denominada Nossa Senhora da Apresentação da Escada.

Acreditando que a educação é essencialmente um verdadeiro ato político e de libertação, identifiquei-me com Paulo Freire, com seu pensar, com seu olhar de mundo e de sociedade. Nele encontrei respostas para as minhas indagações e inquietações de vida cidadã e de fé. De vida cidadã, porque sonhava com um Brasil dos brasileiros, com os brasileiros e para os brasileiros. De fé, porque encontrava na pedagogia do diálogo o encontro com o próximo, como Jesus encontrou a samaritana, com o amor, com o respeito e com a igualdade. Enfim, com os valores apregoados e deixados por Jesus Cristo para construirmos e vivermos o Reino de Deus. Lutar pela dignidade humana é lutar pelo capital humano e não pelo capital econômico que é espoliador, excludente e que promove a desigualdade social.

Paulo Freire deixou um grande legado na história dos educadores brasileiros, uma Pedagogia fundamentada na Libertação do Oprimido, na Esperança, na Autonomia e na Indignação. Lamentavelmente, pouco ressaltado pelos projetos educativos governamentais. Hoje, o Brasil tem andado na contramão da humanização e da civilidade, sinalizando uma educação escolar de atitude ingênua, acrítica, conteudista e técnica, atendendo expressamente ao capital econômico Internacional.

Fontes e Bibliografia consultada

SANTIAGO, Eliete. Biografia. **Paulo Reglus Neves Freire**, pedagogo, recifense, cidadão do mundo. Disponível em:
<http://www.catedrapaulofreireufpe.org/memoria-paulo-freire/biografia/>
Acesso em 10 ago. 2017.





Informações sobre a imagem⁷

CADEIRA Nº 10 - HUBERTO ROHDEN

Acadêmico Marcos Galdino dos Santos

Huberto Rohden, é uma referência nos estudos que buscam a filosofia univérsica tomando por base o pensamento e a vida humana, a constituição do nosso próprio universo, evidenciando a afinidade entre a Matemática, a Metafísica e a Mística.

A Ciências e as religiões de nossos dias já não satisfazem, nem convencem nossas inquietações metafísicas. Trouxeram-nos, isso sim, somente comodidade, deixando nossos espíritos vazios, repletos de indagações; colheram informações sem limites, proporcionando-nos análises e teorias inconscientes sem jamais atingir a nossa essência divina.

Continuamos sem respostas para os nossos grandes enigmas. Degradamos nossos espíritos submetendo-os à matéria que os desviou da verdadeira essência de nossa existência. Todavia, a era da razão analítica está passando de maneira tal, que necessitamos tomar consciência da conquista de outros métodos capazes de auxiliar na busca da verdade monística-unitária do universo transcendental, método seguro e infalível na busca da verdade.

Nossos espíritos estão famintos de explicações, estamos ruminando novas ideias; a análise, a observação e as experiências de hoje só nos conduzem a

⁷ Fonte: <http://paxprofundis.org/livros/hubertorohden/hrohden.jpg>



resultados exteriores, porém as necessidades do espírito não são solucionadas por práticas exteriores ou existências; os segredos divinos permanecem obscuros e serão desvendados quando interiorizarmos nossas consciências.

Foram estes e outros grandes ensinamentos que me impulsionaram a escolher Huberto Roden como meu patrono na Academia Escadense de Letras (AELE).

Biografia

Huberto Rohden (1893/1981) foi um filósofo, educador e teólogo catarinense, radicado em São Paulo. Filho de Johannes Rohden, e de Anna Locks.

Percursor do espiritualismo universalista, escreveu mais de 100 obras (ao final da vida, condensadas em 65 livros), onde franqueou leitura ecumênica de temáticas espirituais e abordagem espiritualista de questões pertinentes à pedagogia, ciência e filosofia, enfatizando o autoconhecimento, autoeducação e a auto realização. Propositor da filosofia univérsica, por meio da qual defendia a harmonia cósmica e a cosmocracia: autogoverno pelas leis éticas universais, conexão do ser humano com a consciência coletiva do universo e florescimento da essência divina do indivíduo, reconhecendo que deve assumir as consequências dos atos e buscar a reforma íntima, sem atribuir a autoridade eclesiástica o poder de eliminar os débitos morais do fiel.

- Traços marcantes no pensamento de Huberto Rohden na filosofia brasileira do século XX é a acentuada preocupação com controvérsias do campo da ética e da pedagogia, próprias da sociedade moderna, e o estudo de metafísica fundamentando na análise comparada de religiões e filosofias espiritualistas do Ocidente e Oriente.
- Fundador da Instituição Cultural e Beneficente Alvorada (1952), lecionou na Universidade de Princeton, (Estados Unidos), American University, de Washington, D.C. (Estados Unidos), e na Universidade Mackenzil, (São Paulo, SP). Proferiu palestras nos Estados Unidos, Índia e Portugal.



- Tradutor do Novo Testamento, da Bhagavad Gita e do Tao te Ching, preocupou-se em editá-los a preços populares, de modo que facilitasse a democratização do conhecimento. Ao longo da vida revisou, atualizou e reescreveu o conjunto dos escritos.
- Foi biografado por Zoraida Hostermann Guimarães em Um Pilar de Luz no Cosmo (2000), da Editora Lunardelli (Florianópolis, SC).

Pioneirismo

- Nas Obras de meados dos séculos XX, Huberto Rohden já abordava temas que só a partir do final daquele século começariam a se tornar recorrentes na literatura espiritualista brasileira: a cidadania e a consciência cósmica; a autoeducação como principal meio de autoiluminação; a cosmocracia (autogoverno de acordo com a ética universal); a felicidade via exercício contínuo do autoconhecimento e auto realização; a espiritualidade de cunho laico, temporal, ecumênico e universalista.
- A mensagem de sua obra é tornar o homem consciente de sua condição de um ser inteligente, espiritual e integral em rumo de sua evolução, sua filosofia tem um viés de uma reforma interior em que o ser para encontrar sua paz e felicidade necessita conscientizar de seu eu-crístico ou eu-cósmico, teses geradas pela filosofia univérsica, a qual dirigiu por muitos anos.
- Apesar de ser, como intelectual, o principal precursor brasileiro do espiritualismo universalista e de ter obras com boa distribuição e a preços populares, ainda é pouco conhecido e divulgado na comunidade espiritualista do Brasil o papel pioneiro de Huberto Rohden no âmbito do espiritualismo universalista.

Bibliografia

Coleção Filosofia Universal

- O Pensamento Filosófico da Antiguidade
- A Filosofia Contemporânea
- O Espírito da Filosofia Oriental

Coleção Filosofia do Evangelho

- Filosofia Cósmica do Evangelho * O Sermão da Montanha
- Assim Dizia o Mestre
- O Triunfo da Vida sobre a Morte
- O Nosso Mestre

Coleção Filosofia da Vida

- De Alma para Alma
- Ídolos ou Ideal?
- Escalando o Himalaia
- O Caminho da Felicidade
- Deus
- Em Espírito e Verdade
- Em Comunhão com Deus
- Cosmorama
- Por que Sofremos
- Lúcifer e Lógos
- A Grande Libertação
- Bhagavad Gita (tradução)
- Setas para o Infinito
- Entre Dois Mundos



- Minhas Vivências na Palestina, Egito e Índia
- Filosofia da Arte
- A Arte de Curar pelo Espírito (tradução do original de Joel Goldsmith)
- Orientando
- "Que vos parece do Cristo?"
- Educação do Homem Integral
- Dias de Grande Paz (tradução)
- O Drama Milenar do Cristo e do Anticristo
- Luzes e Sombras da Alvorada
- Roteiro Cósmico
- A Metafísica do Cristianismo
- A Voz do Silêncio
- Tao Te Ching (tradução)
- Sabedoria das Parábolas
- O 5º. Evangelho Segundo Tomé (tradução)
- A Mensagem Viva do Cristo (Os Quatro Evangelhos) (tradução)
- Rumo à Consciência Cósmica
- O Homem
- Estratégias de Lúcifer
- O Homem e o Universo
- Imperativos da Vida
- Profanos e Iniciados * Novo Testamento (tradução)
- Lampejos Evangélicos
- O Cristo Cósmico e os Essênios
- A Experiência Cósmica

Coleção Mistérios da Natureza

- Maravilhas do Universo
- Alegorias
- Ísis
- Maja - Aventuras de Uma Abelha - Bonsells - (tradução)
- Por Mundos Ignotos

Outras obras

- Novos Rumos para a Educação
- Jesus Nazareno
- Por um Ideal
- Myriam - a História da Mãe de Jesus
- A Nova Humanidade
- Cosmoterapia * Einstein - o Enigma do Universo
- Paulo de Tarso (livro) | Paulo de Tarso
- Mahatma Gandhi
- Huberto Rohden: o Formulador da Filosofia Univérsica (seleção póstuma de textos e entrevista)
- Saúde e felicidade pela cosmo-meditação
- Catecismo da filosofia
- Assim dizia Mahatma Gandhi (100 pensamentos)
- Aconteceu entre 2000 e 3000
- Ciência, milagre e oração são compatíveis ?
- Centro de auto realização





Informações sobre a imagem³⁷

CADEIRA Nº 11 – MANUEL BANDEIRA

Acadêmico Marcelo Ricardo Moreira

Manuel Bandeira foi um grande escritor brasileiro, além de professor, crítico de arte e historiador literário, integrando a primeira geração modernista no Brasil. Em suas obras, buscava representar sempre o cotidiano e a melancolia, fazendo uso de uma linguagem simples, versando pelo coloquialismo. Bandeira era adepto aos versos livres e a liberdade criadora, preocupando-se mais com a essência exalada em seus versos do que com a forma estrutural com a qual eram apresentados. Destaca-se, como um dos seus mais famosos poemas, “Vou-me embora pra Pasárgada”, de característica modernista, evocando um escape do poeta para um lugar melhor, fugindo de sua realidade.

Brasileiro, pernambucano, nascido em Recife, aos 19 de abril de 1886, filho do engenheiro Manuel Carneiro de Souza Bandeira e de Francelina Ribeiro, abastada família de proprietários rurais, advogados e políticos, Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho vive sua vida entre Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

Manuel Bandeira viajou, junto com sua família, para o Rio de Janeiro, em 1890, quando ingressou no Colégio Pedro II, onde foi amigo de Souza da Silveira, um estudioso da língua portuguesa. Em 1892 voltou para o Recife e é nessa época que escreve seus primeiros versos, mas não pensava ainda em ser poeta. Em 1903

³⁷ Fonte: <https://4.bp.blogspot.com/-a2MVIpODFy0/U-7WL1j1SkI/AAAAAAAAA9Zo/t1NJrnQD1xl/s1600/manuel-bandeira.jpg>

vai para São Paulo e ingressa na Escola Politécnica, no curso de Arquitetura, mas no fim do ano letivo teve que abandonar os estudos, por ter contraído tuberculose, apresentando seu sofrimento em várias obras literárias. Doente, Bandeira tinha medo de morrer e colocava essa angústia em suas obras. Voltou ao Rio de Janeiro onde tentou tratamento em estâncias climáticas, em Teresópolis e Petrópolis.

No ano de 1913, Manuel Bandeira vai para o sanatório de Cladavel, na Suíça, onde convive com o poeta francês Paul Éluard, ficando a par das inovações artísticas que vinham ocorrendo na Europa. Discutem sobre a possibilidade do verso livre na poesia, aspecto técnico que veio fazer parte da poesia de Bandeira, considerado o mestre do verso livre no Brasil.

Com o início da Primeira Guerra, em 1914, Bandeira volta a morar no Rio de Janeiro e em 1916 morre sua mãe. No ano seguinte, publica seu primeiro livro, intitulado "A Cinza das Horas", de nítida influência Parnasiana e Simbolista. Dois anos após, publica "Carnaval", que representou sua entrada no movimento modernista e no ano de 1920 morre seu pai.

Em 1921, conhece Mário de Andrade e através deste colabora com a revista modernista Klaxon, com o poema "Bonheur Lyrique". Morando no Rio de Janeiro, estava distante do grupo paulista que centralizava os ataques à cultura oficial e propunha mudanças. Para a Semana de Arte Moderna de 1922, enviou o poema "Os Sapos", que lido por Ronald de Carvalho, tumultuou o Teatro Municipal, por apresentar uma crítica ao parnasianismo, movimento literário que caracterizou os primeiros escritos de Bandeira.

Manuel Bandeira vai cada vez mais se engajando no ideário modernista. Em 1924, publica "Ritmo Dissoluto" e a partir de 1925 escreve crônicas para jornais onde faz críticas de cinema e música. Cinco anos depois, publica "Libertinagem", obra de plena maturidade modernista e no poema "Evocação do Recife" que integra a obra, tematiza a infância, faz uma descrição da cidade do Recife no fim do século XIX e incorpora também vários temas ligados à cultura popular e ao folclore.



Em 1938 é nomeado professor de Literatura do Colégio Pedro II e por sua importante atuação na literatura, em 1940 foi eleito para Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de nº24. A partir de 1943 é nomeado professor de Literatura Hispano-Americana da Faculdade Nacional de Filosofia. Ao completar oitenta anos, em 1966, publica “Estrela da Vida Inteira”. Falece no Rio de Janeiro, no dia 13 de outubro de 1968.

Obras de Manuel Bandeira

A Cinza das Horas, poesia, 1917

Carnaval, poesia, 1919

Os Sapos, poesia, 1922

O Ritmo Dissoluto, poesia, 1924

Libertinagem, poesias reunidas, 1930

Estrela da Manhã, poesia, 1936

Crônicas da Província do Brasil, prosa, 1937

Guia de Ouro Preto, prosa, 1938

Noções de História das Literaturas, prosa, 1940

Lira dos Cinquent'Anos, poesia, 1940

Belo, Belo, poesia, 1948 Mafuá do Malungo, poesia, 1948

Literatura Hispano-Americana, prosa, 1949

Gonçalves Dias, prosa, 1952 Opus 10, poesia, 1952

Intinerário de Pasárgada, 1954

De Poetas e de Poesias, prosa, 1954

Flauta de Papel, prosa, 1957

Estrela da Tarde, poesia, 1963

Vou-me Embora pra Pasárgada, poesia, 1964

Andorinha, Andorinha, prosa, 1966

Estrela da Vida Inteira, poesias reunidas, 1966

Evocação do Recife, poesia, 1966

Colóquio Unilateralmente Sentimental, prosa, 1968

Mesmo integrando o período Modernista, Bandeira não perdera a sensibilidade, dando uns toques de leve, românticos, enriquecendo a sua poesia. Ele é o modernista das circunstâncias simples; “Assim eu queria o meu último poema / Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais”. (“O último poema”, Libertinagem).

O autor traz grandiosa contribuição à Literatura Brasileira, no tocante às temáticas abordadas em suas obras, que versavam sobre aspectos sociais, evidenciando uma literatura que desperta o gosto pela leitura por fazer com que as pessoas se enxerguem em seus versos. Uma literatura que nos leva a reflexão sobre temáticas e situações da vida em sociedade.

A forma simples com a qual Bandeira produziu seus textos, o uso da liberdade nos versos, a evidência do cotidiano, traçando situações sociais, o caráter modernista, uso de uma linguagem simples e plurissignificativa foram aspectos que me motivaram a escolhê-lo como patrono. Sua vida e obras, com olhares críticos do nosso meio de vivência, inspira-me a escrever retratando em versos situações vividas em nosso cotidiano.

Bibliografia consultada

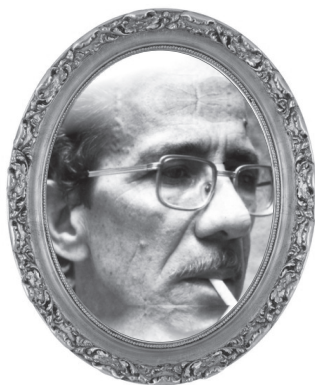
BANDEIRA, Manuel. **Literatura Comentada: Manuel Bandeira**. São Paulo: Abril, 1981.

Manuel Bandeira. Disponível em:

https://www.ebiografia.com/manuel_bandeira/ Acesso em 09 de br. 2018.

Manuel Bandeira. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/manuel-bandeira/> Acesso em: 09 de abr. 2018.





Informações sobre a imagem⁸

CADEIRA Nº 12 - MÁRIO SOUTO MAIOR

Acadêmica Maria Elizabeth Varela Leocádio

Introdução

Sendo membro fundadora da Academia Escadense de Letras (AELE) ocupando a cadeira de nº 12, tendo como um dos parâmetros a escolha de um patrono, busquei um representante que é admirado por seu exemplo como escritor, folclorista, contista, poeta e orgulho enquanto cidadão pernambucano que propagou a cultura nordestina, elevando e respeitando o vocabulário popular e diversificado na carga semântica e variação linguística do nosso povo.

Nessa perspectiva, Mário Souto Maior contempla sem sombra de dúvidas todas as exigências pelas quais acredito representar com êxito a nobre instituição acadêmica AELE tão almejada e respeitada pelos intelectuais, artistas, poetas, autoridades e outros que valorizam a cultura e as tradições regionais.

Apresentação do Patrono

Mário Souto Maior nasceu no dia 14 de julho do ano de 1920, na cidade de Bom Jardim, no estado de Pernambuco, filho de Manuel Gonçalves Souto Maior, coronel da Guarda Nacional, comerciante e fazendeiro e de Maria Mota Souto Maior. Folclorista, escritor, contista, poeta, pesquisador, grande admirador do

⁸ Fonte: <http://www.fernandomachado.blog.br/novo/wp-content/uploads/2015/07/mario-souto-maior.jpg>



etnólogo potiguar Luís Câmara Cascudo e colaborador em jornais e revistas especializadas do Brasil e do estrangeiro. Faleceu em Recife, em 25 de novembro de 2001.

Iniciou sua vida estudantil na Escola Professora Josefa Coleta de Albuquerque (conhecida como Santinha, sua primeira professora), em Bom Jardim. No Colégio Marista de Recife, cursou o ginásial, o pré-jurídico no Colégio Carneiro Leão e na Faculdade de Direito de Alagoas concluiu o curso de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Aos 23 anos casou com Carmem da Mota Silveira Barbosa, com a qual teve sete filhos. Em sua vida profissional, foi prefeito do município de Orobó/PE em 1945, promotor público das comarcas de Surubim e João Alfredo, em Pernambuco. Fundador, diretor e professor do Ginásio de Bom Jardim no período de 1957 a 1967, além de ter sido professor da Escola Normal Santana, em Bom Jardim.

Posteriormente, foi assessor do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), foi Inspetor Federal de Ensino do Ministério da Educação e Cultura, onde se aposentou em 1979.

Em 1972, foi membro do Seminário de Tropicologia e diretor da revista Ciência & Trópico, no período de 1973 a 1975. Em 1980, foi diretor do Centro de Estudos Folclóricos, na Fundação Joaquim Nabuco, onde exerceu a função até 1990. De 1991 até 2001 chefiou a Coordenadoria de Estudos Folclóricos.

Por ser um folclorista renomado nacionalmente e internacionalmente foi condecorado com vários prêmios, dentre eles, o Silvio Romero, do Ministério da Educação e Cultura, em 1979, com o livro Folclore & Alimentação, recebendo também em 1989, com o mesmo livro o Gran-Premio Íberoamericano Augusto Cortazar, da Argentina, instituído pelo Fondo Nacional de las Artes, do Ministério de La Educación y Justicia. Recebeu também em 1985, o International Writer Certificate for Excellence, da Universidade do Colorado, Boulder, Estados Unidos.



Foi membro da Academia Piracicabana de Letras, em São Paulo e da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Sócio de várias instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, do Instituto Cultural do Vale Caririense, de Juazeiro do Norte, Ceará e da União Brasileira de Escritores, de São Paulo e Pernambuco.

De suas principais obras podemos destacar: Como Nasce um Cabra da Peste (1969), tendo sua segunda publicação em CD-ROM. Vale ressaltar, que foi o primeiro livro a ser lançado em CD-ROM no estado de Pernambuco com a participação no evento dos escritores, Altimar Pimentel (PE), Zézito Guedes (AL) e Valdecí Leocádio de Siqueira Filho (Escada/PE), que a convite de Mário Souto Maior lançou o cordel O Adeus de Frei Damião. Além das obras, “A Medicina Empírica e a Cachaça” (1968), “Carnaval (com Gilberto Freyre)” – 1974”, Dicionário de folcloristas Brasileiros” (1999), e muitas outras.

Parafraseando Anamelia Dantas Maciel (1975), na concepção de Mário Souto Maior, o folclore é entendido como ciência e costumes do nosso povo, além de considerar que muito do que fazemos e dizemos no dia a dia tem origem folclórica. Assim, com essas expressões populares Mário Souto conquistou a sua fama como folclorista.

Motivação para escolha do patrono pelo acadêmico

A escolha pelo patrono Mário Souto Maior se justifica pela profunda admiração pela forma como o mesmo através de suas obras representa os costumes étnicos, populares de nosso povo, valorizando as formas simples, diretas e objetivas, os costumes e a verbalização da cultura pernambucana.

Desta forma, com simplicidade Mário Souto Maior elevou a cultura nordestina e disseminou para o Brasil e para o mundo de maneira poética e didática o que mais lhe importava a preservação e o encantamento da filosofia do senso comum.

Com esse perfil deixou um legado de coragem, exemplo de pai de família e profissional ao mesmo tempo, promotor sem ser carrasco, advogado sem ser



mercenário, conseguindo usar sempre sua consciência, destacou-se como um vitorioso perpetuando suas obras através de livros e crônicas as tradições do povo pernambucano.

Referência e Bibliografia consultada

MACIEL, Anamelia Dantas. **Gente Nossa**. Livraria São José, Rio de Janeiro, 1975.

Mário Souto Maior. Disponível em: <http://Souto maior.eti.br> Acesso em 30 de jul. de 2017.





Informações sobre a imagem⁹

CADEIRA Nº 13 - CORA CORALINA

Acadêmica Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto

Introdução

Para a apresentação da poetisa que escolhi como patronesse ao ingressar em 2010 como acadêmica efetiva da Academia Escadense de Letras – Casa Tobias Barreto, cujo lema é “Lutar com Palavras” optei, nessa introdução, por apontar trechos de três dos seus poemas os quais nos dão sinais da força dessa mulher: Cora Coralina.

No primeiro trecho, retirado do poema “Das pedras” ao afirmar, [...] Ajuntei todas as pedras/que vieram sobre mim./ Levantei uma escada muito alta/ e no alto subi./Teci um tapete floreado/ e no sonho me perdi. Entre pedras/ cresceu a minha poesia./ Minha vida.../ Quebrando pedras/ e plantando flores [...], Cora Coralina (1976) deixa evidente sua perseverança e firmeza em busca de realizar seu sonho, mesmo diante das dificuldades.

Ao escrever “Vida das lavadeiras”, no trecho: [...] Sombra verde dos morros/ no poço fundo da Carioca/ onde as mulheres sem marido/ carregadas de necessidades,/ mães de filhos/ largados pelo mundo/ batem roupas nas pedras/ lavando a pobreza/ sem cantiga, sem toada, sem alegria [...], Cora Coralina revela

⁹ Fonte: https://i.correiobraziliense.com.br/FX4jAlCugWpSLk-j2gdrV7oyHUE=/820x0/smart/imgsapp2.correiobraziliense.com.br/app/noticia_127983242361/2015/04/10/478941/20150410151729744355u.jpg

seu comprometimento com a parte excluída da sociedade, neste poema o compromisso é com as mulheres pobres, sem marido e desprovidas de sonhos.

No poema “Não Sei, Cora Coralina nos ensina o que verdadeiramente dá sentido a vida e seu papel no acolhimento das pessoas, sendo o segredo, o ir ao encontro do outro e tocar seu coração, para isso, conforme a mesma aponta, “basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.

É essa mulher forte, destemida, que com suavidade denuncia e que com coragem acolhe, a qual Carlos Drummond de Andrade se referiu como um ser geral, “coração inumerável”, oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinquente, o presidiário, a mulher da vida. É esta mulher... É Cora Coralina que buscarei apresentar nesse pequeno ensaio que comporá a antologia dos Patronos dos Acadêmicos dessa Casa Tobias Barreto.

Apresentação do Patrono

Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, nasceu na Cidade de Goiás em 20 de agosto de 1889. É filha de Jacinta Luíza do Couto Brandão e do desembargador Francisco de Paula Lins Guimarães Peixoto (CORALINA, 2013). Viveu nesta cidade até os 22 anos, quando em novembro de 1911, mudou-se para a cidade de Jaboticabal, interior de São Paulo, por ocasião do casamento com o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, com o qual teve quatro filhos, que exercia o cargo de Chefe de Polícia do governo de Urbano Coelho de Gouvêa, presidente do Estado de Goiás de 1898 a 1901 e de 1909 a 1912. Viveu fora de Goiás durante 45 anos entre as cidades de Jaboticabal, Andrada e a capital paulista (CORALINA, 2013).

Aninha como era carinhosamente chamada por todos, apesar de pouca escolaridade, uma vez que só cursou até a terceira série primária, foi uma mulher a frente do seu tempo. Representa um dos grandes nomes da literatura feminina nacional. Iniciou a carreira literária aos 14 anos, contrariando os costumes do



começo do século. Usou o pseudônimo de Cora Coralina para se libertar das repressões familiares que não apoiavam sua veia literária que parece ter sido fortalecida pela forte influência da cultura da Cidade de Goiás, antiga Villa-Boa de Goyaz, cujas lendas provocavam a imaginação das crianças, juntamente com os outros casos que os mais velhos lhes contavam ao cair da noite, realçado como elemento provocador da imaginação criadora dos vilaboenses (CORALINA, 2013). As mais antigas referências de sua trajetória literária datam dos anos de 1905 (no jornal Tribuna Espírita - Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1905); e 1906 (no semanário "Folha do Sul", da cidade de Bela Vista, ano 2, n. 64, p. 1, 10 de maio de 1906, no qual foi publicado a crônica "A Tua Volta", dedicada ao Luiz do Couto, o querido poeta gentil das mulheres goianas). Há registro que, nesse período, Cora Coralina começou a freqüentar as tertúlias do "Clube Literário Goiano", situado em um dos salões do sobrado de dona Virgínia da Luz Vieira, que lhe inspira o poema evocativo "Velho Sobrado", quando começa então, em 1907, a redigir para o jornal literário "A Rosa". Seu primeiro conto Tragédia na Roça foi publicado em 1910 no "Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás".

Voltou para Goiás em 1956, já viúva, quando começou a atividade de doceira, a qual desenvolveu por mais de vinte anos (CORALINA, 2013). Como mencionado por Britto e Curado, voltou para reaver a casa da adolescência e amarrar poeticamente as pontas soltas de sua trajetória. No entanto, somente 11 anos após retornar à cidade natal é que Cora voltou a se dedicar à literatura. Quando o seu primeiro livro "Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais" foi publicado, em 65, ela tinha 76 anos. O livro reúne os poemas que consagraram o estilo da autora. Ao ter sua segunda edição (1978), composta e impressa pelas Oficinas Gráficas da Universidade Federal de Goiás e ao ser saudada por Carlos Drummond de Andrade no Jornal do Brasil, a 27 de dezembro de 1980, Cora Coralina ganhou a atenção e passou a ser admirada por todo o Brasil. Depois vieram "Meu livro de Cordel" (1976), "Vintém de Cobre-Meias Confissões de Aninha" (1983), "Estórias da Casa Velha da Ponte" (1985), entre outros lançados postumamente (Chaves, 2001).



Cora não se filiou a nenhuma corrente literária. Com um estilo pessoal, foi poeta e uma grande contadora de histórias e coisas de sua terra. Segundo Tahan (2013, orelha do livro), o cotidiano, os causos, a velha Goiás, as inquietações humanas são temas constantes em sua obra, considerada um registro histórico-social deste século.

Cora Coralina recebeu o título de Doutor Honoris Causa da UFG em 1983, eleita intelectual do ano e contemplada com o Prêmio Juca Pato da União Brasileira dos Escritores. Em 10 de abril de 1985 veio a falecer. Sua principal obra, Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, foi aclamada, através de um seletor organizado pelo jornal O Popular, de Goiânia, uma das 20 obras mais importantes do século XX, o que a torna uma autora canônica (BRASIL, 1997). A casa da ponte, na Cidade de Goiás, onde residiu por mais de cinquenta anos, foi transformada no Museu Casa Cora Coralina e guarda hoje boa parte das memórias de sua grandeza.

Motivação para escolha do patrono pelo acadêmico.

A escolha pela patronesse Cora Coralina tem como principal motivação a forma pela qual enxergou a vida e como se agarrou as possibilidades para construir o seu modo de estar no mundo. Originada de uma cultura na qual a mulher não tinha espaço nem voz, soube de forma perspicaz encontrar alternativa para interferir em tal contexto e construir a sua história. Não qualquer história... Uma história na qual os sujeitos fossem incluídos: o menor abandonado, a mulher da vida, e outros e outros mais... Uma história em que todos fossem sujeitos. Cora fez isso, com o que tinha na mão, na imaginação, com os elementos da sua cultura e com sua poesia. Com simplicidade e muita sabedoria, soube se fazer sujeito de transformação. Na poesia “Assim eu vejo a vida”, Cora apresenta traços dessa agudeza que tanto aprecio:

A vida tem duas faces: Positiva e negativa/ O passado foi duro/mas deixou
o seu legado/ Saber viver é a grande sabedoria/ Que eu possa dignificar minha
condição de mulher,/ Aceitar suas limitações/ E me fazer pedra de segurança/ dos
valores que vão desmoronando./ Nasci em tempos rudes/ Aceitei contradições/



lutas e pedras como lições de vida/ e delas me sirvo/ Aprendi a viver (CORALINA, 2008).

Não sei fazer poesia, mas se soubesse usaria o seu estilo para identificar meu povo, minha cultura e me utilizando dela fortalecer filosofias de vida que engrandecem as pessoas e que lhes dão possibilidades de ser mais. É esse estilo encorajador e seu compromisso social com o espaço que ocupou que me encantou. Conforme, Britto e Curado (2009), “Uma das estratégias do projeto criador de Cora Coralina foi efetuar críticas aos costumes abraçando vidas menosprezadas [...]” (p.98). É a postura corajosa, persistente, mas cheia de sutileza que me fez optar por escolher como patronesse da Cadeira de nº 13 da AELE – Casa Tobias Barreto, você, Cora Coralina.

Referências

BRASIL, Assis. **Poesia goiana no século XX**. Rio de Janeiro: IMAGO Editora, 1997.

BRITTO, Clovis Carvalho.; CURADO, Maria Eugênia. A ironia como projeto: movimentos da narrativa de Cora Coralina no campo literário brasileiro. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 34. Brasília, julho-dezembro de 2009, pp. 95-116. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/1722>>. Acesso em 2 abr. 2018.

CHAVES, Adriana. **Família encontra poemas inéditos de Cora Coralina**. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 jul. 2001. Índice geral. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0407200106.htm>>. Acesso em: 1 abr. 2018.

CORALINA, Cora. **Meu livro de Cordel**. 17.ed. São Paulo: Gaudí Editorial, 2008.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 10.ed. São Paulo: Global, 2013.

DIVULGAÇÃO. Conto Doce: a poetisa e contista goiana Cora Coralina publicou seu primeiro livro aos 76 anos e conquistou fãs em todo o Brasil. **Revista Estilo**. 8 ago. 2005. Disponível em: <http://revistaestilobb.com.br/cultura/conto-doce/>. Acesso em: 2 abr. 2018. TAHA, Vicência Brêtas. [Orelha do livro]. In CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 10o ed. São Paulo: Global, 2013.



Informações sobre a imagem¹⁰

CADEIRA Nº 14 - CASIMIRO CUNHA

Acadêmica Maria do Carmo Santos

A minha motivação para escolha de Casimiro Cunha como patrono da cadeira que ocupa na Academia Escadense de Letras foi porque este poeta já é referência em muitos poemas que recebo através da minha recepção extrassensorial.

Como espirita, tenho em Casimiro Cunha uma grande admiração, de um ser que foi um exemplo de força e determinação, ao vencer os desafios da vida. A este espírito poeta, dedico carinho e confiança. Por que através dele aprendi que cego é o ser que não abre os portais da consciência, para receber emanções celestes.

Psicografo-o há décadas e dele vem a imbatível força dos imortais. Ao dizer sempre que não me considero uma poetisa e sim uma, mensageira do mundo espiritual assim afirmo na minha trajetória de vida, que sou fiel à fonte de onde recebo inspirações. Do mundo espirita Maria do Coelho Souza dos Santos o membro efetivo da AELE, Ocupando a cadeira de Nº14.

Biografia

Poeta fluminense, nascido em Vassouras - cidade serrana do Estado do Rio de Janeiro - a 14 de abril de 1880.

10 Fonte: http://imagens.mensagemespirita.com.br/images/uploads/autores_file_foto/xar-200x200-Casimiro_Cunha1pb.jpg.pagespeed.ic.4QdeL0-Yz5.jpg

Procedente de lar muito pobre, filho de Casimiro Augusto da Cunha e Maria dos Santos Cunha, teve uma única irmã, Leonor. Órfão de pai aos sete anos frequentou apenas o curso primário. Espírita convicto torna-se cego de um olho aos 14 anos após acidente, vindo a perder completamente a outra visão aos 16 anos. Ainda jovem iniciou sua colaboração na imprensa vassourense. Foi um dos fundadores do Centro Espírita "Bezerra de Menezes" em Vassouras.

Aos 29 anos, em 04 de dezembro de 1909, casou-se com Carlota Mattoso Cunha, companheira dedicada e carinhosa, que muito o auxiliou nos afazeres literários, passando para o papel as poesias ditadas pelo poeta. Tiveram dois filhos: Dalpes e Delba, nomes dados em referência à ilha de Elba e aos montes Alpes. O filho desencarnou ainda criança; a filha casou-se, residindo na capital fluminense, tendo desencarnado em junho de 1993.

““““ Espírito jovial, exemplo de resignação e grande força moral, apesar da cegueira e dos poucos estudos, Casimiro Cunha era um poeta nato, tendo produzido mais de 10 livros, dentre eles "Violetas"; "Efêmeros"; "Aves Implumes", "Singelos", "Perispíritos" (1912), além do livro póstumo "Álbum de Delba" (1923). No entanto, não teve maior projeção no cenáculo literário do seu tempo, mau grado a suavidade da sua musa e os inatos talentos literários. Merece registro a profunda amizade existente entre Casimiro Cunha e Batuíra, que ajudava o amigo vassourense, divulgando suas poesias nas colunas da revista espírita "Verdade e Luz" fundada por Batuíra em 25 de maio de 1890, na capital paulista. A convite de Casimiro, Batuíra esteve algumas vezes em Vassouras para divulgar a doutrina espírita naquela região.

É de Casimiro Cunha a poesia "Vassouras à tardinha" (publicada no livro "Fatos Vassourenses" de Jorge Pinto e no livro "Paisagens Fluminenses" de Jacy Pacheco) e o soneto "No Exílio" do livro "Sonetos Brasileiros" de Laudelino Freire.

Numa casa singela da Rua Caetano Furquin, nº 288 em Vassouras, encontramos uma lembrança de amigos, conterrâneos e admiradores, com os seguintes dizeres: "Aqui nasceu e morreu Casimiro Cunha, maviioso poeta

vassourense que muito cantou, amou e honrou sua terra natal".

Forte no infortúnio, que sabia aproveitar no enobrecimento de sua fé, Casimiro Cunha, voltou-se às paragens celestiais e adotou a linguagem dos anjos para se comunicar com os homens. Sua poesia é bela, terna, envolta em névoa de tristeza, uma exaltação à morte, evidenciando, contudo, a resignação do espírito que buscava sublimar todo o sofrimento que lhe ia na alma.

Lembramos aqui as palavras do amigo e companheiro de ideal, poeta e jornalista valenciano, radicado em Vassouras, Manoel Quintão, que soube definir como poucos a grandeza espiritual de Casimiro Cunha, no prefácio do livro " Singelos", publicado em 1904:"Livro de um cego que fechou os olhos às misérias da Terra, para melhor escrever as belezas do Céu".

Casimiro Cunha desencarnou aos 34 anos em 7 de novembro de 1914 deixando vasta e preciosa obra literária. Foi sepultado no Cemitério Municipal de Vassouras, imortalizado com o seguinte epitáfio: "O poeta vassourense Casimiro Cunha e seu filho Dalpes".

Desencarnado, continuou a brindar-nos com seus versos, através da mediunidade abençoada de Chico Xavier com " Cartilha da Natureza ", " Cartas do Evangelho ", " Gotas de Luz ", " Juca Lambisca " e participação em inúmeras antologias. Hoje, Casimiro Cunha é o inspirador da Divulgação Braille Casimiro Cunha, departamento do GEEM - Grupo Espírita Emmanuel de São Bernardo do Campo, cujo objetivo é a divulgação da Doutrina Espírita para os deficientes visuais.

ANOTAÇÕES DE AMIGO

Você pede rumo certo
Para o caminho em que avança;
Mas você mesmo é quem guarda
Sua própria segurança.



Obrigação, que se abraça,
Tem força de compromisso.
Em favor de sua paz
Não tente esquecer-se disso.

Proteja o corpo em que vive
Para as tarefas do bem;
O lavrador que produz
Preserva a enxada que tem.

Transforme o tempo em serviço,
Lembrando, em linhas gerais,
Que a vida volta no tempo,
Mas o tempo, nunca mais.

Conserve constantemente
Verbo limpo e mente sã.
O que possa fazer hoje
Não deixe para amanhã.

No socorro aos semelhantes,
Cooperação é dever;
A consciência tranquila
Não tem questões a temer.

Cada aluno está na escola
Para a lição, tal qual é.
Perante ofensas, perdoe:
Perante lutas, mais fé.

Ante amarguras, trabalhe;
Se há provações a transpor,
Nas sombras que se avolumam,
Trabalhe com mais amor.



Olvidar-se e ser mais útil
Dissolve qualquer pesar.
Para a bênção de servir
Nunca se faça esperar.

Estude, eleve, construa
E nada fará em vão.
Recorde: a luz da verdade
Não conhece oposição.

Bibliografia

Parnaso de Além-túmulo" - 16ª edição - FEB p.194-210.

Batuíra, o Diabo e a Igreja" - © 2003, Madras Editora Ltda – p. 85-90.

Galeria Vassourense Rudy Mattos da Silva. Vassouras, HTI Editora, 1999 – p. 48.

Academia Vassourense de Letras - p. 64-75.

Entrevista pessoal e carta recebida pelo Sr. Fernando Matoso Bittencourt, sobrinho de Carlota Cunha. Vassouras, 2005.

Poesias de Casimiro Cunha.





Informações sobre a imagem¹²

CADEIRA Nº 15 - ANÍSIO SPÍNOLA TEIXEIRA

Acadêmica Silvânia de Jesus Pina

Introdução

Anísio Spínola Teixeira nasceu em 12 de julho de 1900 em Caetité na Bahia. Estudou em colégios de jesuítas na Bahia e cursou direito no Rio de Janeiro. Diplomou-se em 1922 e em 1924 já era inspetor-geral do Ensino na Bahia. Em 1925, observou os sistemas de ensino da Espanha, Bélgica, Itália e França e com o mesmo objetivo fez duas viagens aos Estados Unidos entre 1927 e 1929. De volta ao Brasil, foi nomeado diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro, onde criou entre 1931 e 1935 uma rede municipal de ensino que ia da escola primária à universidade. Perseguido pela ditadura de Getúlio Vargas demitiu-se do cargo em 1936 e regressou à Bahia – onde assumiu a pasta da Educação em 1947. Sua atuação à frente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, a partir de 1952, valorizou a pesquisa educacional no país. Com a instauração do governo militar em 1964, deixou o instituto – que hoje leva seu nome – e foi lecionar em universidades americanas, de onde voltou em 1965 para continuar atuando como membro do Conselho Federal de Educação. Morreu no Rio de Janeiro em março de 1971.

Apresentação do Patrono

Anísio Spínola Teixeira foi pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis, que refletiam seu objetivo de oferecer educação gratuita para todos. Como teórico da educação, as ideias de Anísio eram inspiradas na filosofia



de John Dewey¹² (1852-1952), de quem foi aluno ao fazer um curso de pós-graduação nos Estados Unidos. Dessa forma, ele centra suas produções na visão democrática que os Estados Unidos trabalhavam em suas escolas e publica o livro *Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos*.

As escolas comunitárias americanas inspiraram a concepção de ensino de tempo integral de Anísio Teixeira. O conceito entre nós ampliou-se consideravelmente a partir do surgimento dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPS) do Rio de Janeiro e as demais propostas que se sucederam. Os CIEPS pretendiam ser uma instituição que deveria dar conta de todas as necessidades das crianças, até mesmo de cuidados desde a higiene e a saúde até sua preparação para a cidadania, essa escola é apontada como solução para a Educação primária no livro *Educação não é Privilégio*.

Nos anos 1920, com a crescente industrialização e a urbanização em todo o mundo, a necessidade de preparar o país para o desenvolvimento levou um grupo de intelectuais brasileiros a se interessar pela educação – vista como elemento central para remodelar o país. Os novos teóricos viam num sistema estatal de ensino livre e aberto o único meio efetivo de combate às desigualdades sociais. Esse movimento chamado de Escola Nova ganhou força nos anos de 1930, principalmente após a divulgação, em 1932, do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. O documento pregava a universalização da escola pública, laica e gratuita. Entre os nomes de vanguarda que o assinaram estavam, além de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo (1894-1974), o professor Lourenço Filho (1897-1970) e a poetisa Cecília Meireles (1901-1964). A atuação desses pioneiros se estendeu por décadas, muitas vezes criticada pelos defensores da escola particular e religiosa. Mas eles ampliaram sua atuação e influenciaram uma nova geração de educadores como Darcy Ribeiro (1922-1997) e Florestan Fernandes (1920-1995).

As novas responsabilidades da escola eram, portanto, educar em vez de instruir; formar homens livres em vez de homens dóceis; preparar para um futuro incerto em vez de transmitir um passado claro; e ensinar a viver com mais

12 John Dewey, filósofo norte-americano, considerava a educação uma constante reconstrução da experiência. Foi esse pragmatismo que impulsionou Anísio a se projetar para além do papel de gestor das reformas educacionais e a atuar também como filósofo da educação. Para o pragmatismo, o mundo em transformação requer um novo tipo de homem consciente e bem preparado para resolver seus próprios problemas acompanhando a tríplice revolução da vida atual: intelectual, pelo incremento das ciências; industrial, pela tecnologia; e social, pela democracia.



inteligência, mais tolerância e mais felicidade. Para isso, seria preciso reformar a escola, começando por dar a ela uma nova visão da psicologia infantil. Anísio Teixeira afirmava que o ato de aprender durante muito tempo significou simples memorização; depois seu sentido passou a incluir a compreensão e a expressão do que fora ensinado. Para o pensador brasileiro, não se aprendem apenas ideias ou fatos, mas também atitudes, valores, ideais e senso crítico, desde que a escola disponha de condições para exercitá-los.

Anísio Teixeira foi mentor de duas universidades: a do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, desmembrada pela ditadura de Getúlio Vargas, e a de Brasília. As ideias de Anísio Teixeira (1900-1971) influenciaram todos os setores da educação no Brasil e mesmo o sistema educacional da América Latina. Entre suas contribuições pode-se citar o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador (BA), primeira experiência no Brasil de promover a educação cultural e profissional de jovens. Apesar da morte prematura, Anísio deixou um legado rico para a educação nacional, pensamentos e reflexões pertinentes aos dias atuais, os quais têm influenciado as decisões na educação de forma explícita ou intrinsecamente, deste então.

“Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido autêntico da palavra”

Anísio Teixeira

Produção Científica de Anísio Teixeira

TEIXEIRA, Anísio. Aspectos americanos de educação. Salvador: Tip. De São Francisco, 1928.

TEIXEIRA, Anísio. A educação e a crise brasileira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956.

TEIXEIRA, Anísio. Educação e o mundo moderno. 2ªed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.

TEIXEIRA, Anísio. Educação é um direito. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. Educação e universidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

TEIXEIRA, Anísio. Educação no Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

TEIXEIRA, Anísio. Educação para a democracia: introdução à administração educacional. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação. 2ªed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

TEIXEIRA, Anísio. Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s.d. [1934 ?].

do público.

TEIXEIRA, Anísio. Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

TEIXEIRA, Anísio. Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola. 5ªed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968.

TEIXEIRA, Anísio e ROCHA e SILVA, Maurício. Diálogo sobre a lógica do conhecimento. São Paulo: Edart Editora.

Motivação para a escolha de Anísio Teixeira como Patrono

Toda a produção intelectual de Anísio Spínola Teixeira é motivada por seu desejo de transformação social, suas teses educacionais se identificam com os interesses nacionais e com a luta pela democratização de nossa sociedade. Anísio Teixeira foi um jurista, intelectual, educador e escritor brasileiro. Personagem central na história da educação no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, difundiu os pressupostos do movimento da Escola Nova e é considerado o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século XX.



Referências

CORDEIRO, Célia Maria Ferreira. **Anísio Teixeira**, uma "visão" do futuro. Estud. av. [online]. 2001, vol.15, n.42, pp. 241-258. ISSN 0103-4014.

Coleção Grandes Educadores - **Educadores Brasileiros** (Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo). – Brasil: Paulus, 2007.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Editora Atica, 1998

PAGNI, Pedro Angelo. **Anísio Teixeira**: experiência reflexiva e projeto democrático: a atualidade de uma filosofia da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2007. – (Coleção memória da educação). Fundação Getúlio Vargas, disponível em < <http://portal.fgv.br/>> acesso em: 10 de abril de 2014 Fundação Joaquim Nabuco, disponível em < <http://www.fundaj.gov.br/docs/anisio/>> acesso em: 10 de abril de 2014 <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/>





Informações sobre a imagem¹³

CADEIRA Nº 16

CECÍLIA BENEVIDES DE CARVALHO MEIRELES

Acadêmica Maria Cândida Sérgio

“Basta-me um pequeno gesto.

Feito de longe e de leve,

Para que venhas comigo,

E eu para sempre te leve”

Cecília Meireles

Introdução

Cecília Meireles é considerada uma das mais importantes poetisas da literatura brasileira. Reconhecida por sua sensibilidade e pelo lirismo que compõe a sua obra, suas crônicas tem a solidez e a característica de sua poesia. Seu tom lírico e por vezes desencantado com a vida, com a sociedade contemporânea denuncia de uma forma muito especial e brilhante situações significantes ou insignificantes, alegres ou tristes que fazem parte da nossa vida e do nosso cotidiano.

Uma escritora extraordinária, mulher talentosa e atuante com suas poesias e crônicas que esteticamente contribuíram para o seu destaque na literatura

¹³ Fonte: https://1.bp.blogspot.com/-lQ61wE91H7Y/WLCWqJ6xRpl/AAAAAAAAAEFs/jcJBCosbmtgz2pnZU2wolVerUITDI-e_gCEw/s400/tudo-sobre-cecilia-meireles36-.jpg



brasileira. É considerada uma das maiores vozes da poesia em língua portuguesa, além de poetisa e cronista, foi jornalista, ensaísta, autora de literatura infantojuvenil e professora.

Apresentação da Patronesse

Cecília Benevides de Carvalho Meireles “viveu 63 anos e pertence à estirpe daquelas mulheres que têm o privilégio de completarem um giro inteiro de vida, um ciclo perfeito [...]” (FARRA, 2005, p. 335), estreou no mundo em 07 de novembro de 1901, no bairro Rio Comprido, na cidade do Rio de Janeiro, filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil e de Mathilde Benevides Meireles, professora da rede pública de ensino primário.

Tal como refere Farra (IDEM) “nascida sob um signo a que nada faltaria para ser funesto, Cecília reconhece, nesse infortúnio, o sinal ativo de forças que lhe serão muito próprias, capazes de esclarecer o seu estar no mundo e a sua especificidade existencial”. Isto porque Cecília antes de nascer, sua mãe havia perdido três filhos e ao completar três anos de idade, sua mãe também morreu, nessa altura, passou a morar com sua avó materna, Jacinta Garcia Benevides, uma portuguesa nascida na Ilha de São Miguel, Açores, na época viúva e única sobrevivente da família, que criou Cecília com ajuda de Pedrina, a babá da menina, que sempre lhe contava histórias à noite.

Foi uma menina muito sozinha. A avó, nunca a deixava sair de casa nem brincar com outras crianças. A infância solitária rendeu à futura escritora dois pontos que, para ela, foram positivos: “a solidão e o silêncio”. Esses pontos marcaram de forma significativa sua vida, chegou a dizer em uma entrevista “em toda minha vida, nunca me esforcei por ganhar e nem me espantei por perder” (IBIDEM, p. 336). Uma das marcas do lirismo de Cecília Meireles é a musicalidade de seus versos. Alguns poemas como “Canteiros”¹⁴ e “Motivo”¹⁵ foram musicados pelo cantor Fagner.

14 Canteiros, música adaptada e interpretada pelo cantor Raimundo Fagner no seu álbum de lançamento em 1973, inspirada no poema “Marcha” de Cecília Meireles.

15 Motivos, música de Raimundo Fagner para o poema “Motivos” de Cecília Meireles. Álbum “Eu Canto” 1978.

Em 1939 publicou "**Viagem**" livro que lhe deu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Cecília Meireles é considerada a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas. Estreou na literatura aos 18 anos com o livro "Espectros". Coursou o Ensino Fundamental I na Escola Municipal Estácio de Sá, onde, ao concluir o curso em 1910, recebeu das mãos de Olavo Bilac, inspetor da Escola, uma Medalha de Ouro Olavo Bilac, pelo esforço e excelente desempenho "com distinção e louvor". Nessa época, já demonstrava paixão por livros, chegando a escrever seus primeiros versos, além do interesse pela música que a levou estudar canto, violão e violino, no Conservatório Nacional de Música, mas acabou se dedicando à literatura, tendo em vista que não conseguiria se dedicar com perfeição às muitas atividades simultaneamente.

Diplomando-se no curso normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1917, o magistério torna-se uma de suas paixões, levando-a a escrever para o público infantil, em livros didáticos, como Criança, Meu Amor, de 1924, ou em poemas, como Ou Isto ou Aquilo, de 1964.

Cecília casa-se com o artista plástico Fernando Correia Dias em 1921, com quem tem três filhas. Em 1932, participa do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, um movimento que marcou a renovação da educação no país, junto com os educadores Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, entre outros. O Manifesto inicialmente denominado A Reconstrução Educacional no Brasil – ao povo e ao governo (CUNHA e SOUSA, 2011), é publicado com o “título “Manifesto da nova educação ao governo e ao povo, na “Página de Educação”, seção dirigida por Meireles no jornal Diário de Notícias da cidade do Rio de Janeiro” (IDEM, p. 852).

Cecília Meireles, publicou vários artigos sobre os problemas ligados as questões educacionais. Assinou o manifesto em defesa do ensino público também elaborado por Fernando de Azevedo intitulado Mais uma vez convocados (IBIDEM, 2011). Em 1934, assume a direção do Centro Infantil no Rio de Janeiro e cria a primeira biblioteca infantil do Brasil.



Em 1935, seu marido se suicida, outra perda na vida de Cecília Meireles, mas após cinco anos, “casa-se com o professor engenheiro Heitor Vinícius da Silveira Grilo e vai dar aulas na Universidade Austin (Texas)” (FARRA, 2005, p. 340). Nessa altura, realiza várias viagens aos Estados Unidos, Europa, Ásia e África, fazendo conferências sobre Literatura, Educação e Folclore.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles morre no Rio de Janeiro, no dia 9 de novembro de 1964. Seu corpo foi velado no Ministério da Educação e Cultura. Cecília Meireles foi homenageada pelo Banco Central, em 1989, com sua efígie na cédula de cem cruzados novos.

Obras de Cecília Meireles

Espectros, poesia, 1919

Nunca Mais... e Poema dos Poemas, 1923

Baladas Para El-Rei, poesia, 1925

Viagem, poesia, 1925

Viagem, poesia 1939

Vaga Música, poesia, 1942

Mar Absoluto, poesia, 1945

Evocação Lírica de Lisboa, prosa, 1948

Retrato Natural, poesia, 1949

Amor em Leonoreta, poesia, 1952

Doze Noturnos de Holanda e o Aeronauta, poesia, 1952

Romanceiro da Inconfidência, poesia, 1953

Pequeno Oratório de Santa Clara, poesia, 1955

Pístioia, Cemitério Militar Brasileiro, poesia, 1955

Canção, poesia, 1956 Giroflê, Giroflá, prosa, 1956

Romance de Santa Cecília, poesia, 1957

A Rosa, poesia, 1957 Eternidade em Israel, prosa, 1959

Metal Rosicler, poesia, 1960

Poemas Escritos Na Índia, 1962

Antologia Poética, poesia, 1963



Ou Isto Ou Aquilo, poesia, 1964
Escolha o Seu Sonho, crônica, 1964
Crônica Trovada da Cidade de San Sebastian, poesia, 1965
Poemas Italianos, poesia, 1968 Inéditos, crônica, 1968.

O reconhecimento de Cecília Meireles como um dos grandes nomes da Literatura Brasileira, seu trabalho, seu estilo lírico e sua contribuição no meio literário das mais diversas, destacando-se no movimento modernista¹⁶ e suas obras que apresentam influências do romantismo¹⁷, deram visibilidade nacional e internacional a grande mulher e escritora, motivos mais que suficientes que me fizeram ter o privilégio, a honra e o encanto de escolhê-la como minha Patronesse na Academia Escadense de Letras – AELE.

Referências

CUNHA, Marcus Vinicius da; SOUZA, Aline Vieira de. **Cecília Meireles e o temário da escola nova**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 41 nº 144, p. 851-865, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0100-157420110003000011>. Acesso em: 24 de julho de 2017.

FARRA, Maria Lúcia Dal. **Cecília Meireles: imagens femininas**. Cadernos Pagu (27), Jul/Dez, 2006, pp – 333-371. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.phd?script=sciarttext&pid=S0104-83332006000200013>. Acesso em 29 de outubro de 2016.

VIANA, Antonio Fernando; GONÇALVES, Fernando Luzilá. **Tantas vozes: Literatura luso-brasileira para o vestibular e o provão de Letras**. 2ª ed. Recife, 2001.

16 O Modernismo é um movimento cultural com várias manifestações artísticas que permearam as artes e o design provocando uma batalha cultural entre os conservadores e os modernistas na primeira metade do século XX (VIANA, 2001).
17 O romantismo foi um movimento artístico, político e filosófico que surgiu no século XIX. Caracterizou-se pela “oposição aos modelos de vida e de arte. Buscou um nacionalismo que consolidou os estados nacionais da Europa apesar das diferentes características de cada país e de seus respectivos representantes” (Idem, p. 29).



Informações sobre a imagem¹⁸

CADEIRA Nº 17 - CLARICE LISPECTOR

Acadêmica Teresinha de Jesus de Oliveira Guimaraes de Melo

Introdução

Clarice Lispector, (1920-1977) foi uma escritora e jornalista brasileira, de origem judia, foi reconhecida como uma das mais importantes escritoras do século XX. "A Hora da Estrela" foi seu último romance, publicado em vida.

Nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920. Filha de família de origem judaica, seu pai Pinkouss e sua mãe Mania Lispector emigraram para o Brasil em março de 1922, para a cidade de Maceió, Alagoas, onde morava Zaina, irmã de sua mãe. Nascida Haia Pinkhasovna Lispector, por iniciativa do seu pai todos mudam de nome e Haia passa a se chamar Clarice.

Em 1925 muda-se com a família para a cidade do Recife onde Clarice passa sua infância no Bairro da Boa Vista. Aprendeu a ler e escrever muito nova. Estudou inglês e francês e cresceu ouvindo o idioma dos seus pais o iídiche. Com 9 anos fica órfã de mãe. Em 1931 ingressa no Ginásio Pernambucano, o melhor colégio público da cidade.

Em 1937 muda-se com a família para o Rio de Janeiro, indo morar no Bairro da Tijuca. Ingressa no Colégio Sílvio Leite, onde era frequentadora assídua da biblioteca. Ingressa no curso de Direito. Com 19 anos publica seu primeiro

¹⁸ Fonte: <https://images.wook.pt/getresourcesservlet/GetResource?760orSLFz5U78MJwAGly9vUHYMZVJ10Vso8wZ3HoM2k=>

conto "Triunfo" no semanário Pan. Em 1943 forma-se em Direito e casa-se com o amigo de turma Maury Gurgel Valente. Nesse mesmo ano estreou na literatura com o romance "Perto do Coração Selvagem", que retrata uma visão interiorizada do mundo da adolescência e teve calorosa acolhida da crítica, recebendo o Prêmio Graça Aranha.

Clarice Lispector acompanha seu marido em viagens, na carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores. Em sua primeira viagem para Nápoles, Clarice trabalha como voluntária de assistente de enfermagem no hospital da Força Expedicionária Brasileira. Também morou na Inglaterra, Estados Unidos e Suíça, sempre acompanhando seu marido.

Em 1949 nasce na Suíça seu primeiro filho, Pedro, e em 1953 nos Estados Unidos o segundo filho, Paulo. Em 1959 Clarice se separa do marido e retorna ao Rio de Janeiro acompanhada de seus filhos. Logo começa a trabalhar no Jornal Correio da Manhã, assumindo a coluna "Correio Feminino".

Em 1960 trabalha no Diário da Noite com a coluna "Só Para Mulheres" e nesse mesmo ano lança "Laços de Família", livro de contos que recebeu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Em 1961 publica "A Maçã no Escuro" pelo qual recebe o prêmio de melhor livro do ano em 1962.

Em 1966 Clarice Lispector sofre várias queimaduras no corpo e na mão direita enquanto dormia com um cigarro aceso. Passa por várias cirurgias e vive isolada, sempre escrevendo. No ano seguinte publica crônicas no Jornal do Brasil e lança "O Mistério do Coelho Pensante". Passa a integrar o Conselho Consultivo do Instituto Nacional do Livro. Em 1969 já tinha perto de doze volumes publicados. Recebeu o prêmio do X Concurso Literário Nacional de Brasília.

As melhores prosas da autora se mostram nos contos de "Laços de Família" (1960) e de "A Legião Estrangeira" (1964). Em obras como "A Maçã no Escuro" (1961), "A Paixão Segundo G.H." (1961) e "Água-Viva" (1973), os personagens alienados e em busca de um sentido para a vida, adquirem gradualmente consciência de si mesmos e aceitam seu lugar num universo arbitrário e eterno.



Em 1977 Clarice Lispector escreveu "Hora da Estrela" onde conta a história de Macabéa, uma moça do interior em busca de sobreviver na cidade grande. A versão cinematográfica desse romance, dirigida por Suzana Amaral em 1985, conquistou os maiores prêmios do festival de cinema de Brasília e deu à atriz Marcélia Cartaxo, que fez o papel principal, o troféu Urso de Prata em Berlim em 1986.

Clarice Lispector morreu de câncer no Rio de Janeiro, no dia 9 de dezembro de 1977. Seu corpo foi sepultado no cemitério Israelita do Caju.

Suas principais obras

Perto do Coração Selvagem, romance, 1944, O Lustre, romance, 1946, A Cidade Sitiada, romance, 1949, Alguns Contos, conto, 1952, Laços de Família, conto, 1960, A Maçã no Escuro, romance, 1961, A Paixão Segundo G.H., romance, 1961, A Legião Estrangeira, conto, 1964, O Mistério do Coelho Pensante, literatura infantil, 1967, A Mulher Que Matou os Peixes, literatura infantil, 1969, Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres, romance, 1969, Felicidade de Clandestina, conto, 1971, Água Viva, romance, 1973, Imitação da Rosa, conto, 1973, A Via Crucis do Corpo, conto, 1974, A Vida Íntima de Laura, literatura infantil, 1974, A Hora da Estrela, romance, 1977.

Minha escolha por esta mulher, de origem judaica, que sofreu a perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa e que afirmava sempre sua ligação com o Brasil dizendo: "Naquela terra (Ucrânia) eu literalmente nunca pisei: fui carregada de colo", e que sua verdadeira pátria era o nosso país, se dá na obviedade dela ser um dos nomes mais importantes da literatura brasileira de todos os tempos.

Desde sua estreia, sua obra representou uma ruptura com os paradigmas narrativos vigentes em meados do século XX, pois transgrediu convenções linguísticas e literárias. Lispector tem tido grande repercussão não só no panorama das letras brasileiras, mas também no da literatura ocidental, desde a América Latina até a Europa e os Estados Unidos. Seu nome, junto ao de Machado de Assis e João Guimarães Rosa, é provavelmente o que com mais

frequência comparece em antologias literárias, tanto no Brasil como no exterior, invariavelmente aparecendo em volumes representativos da literatura de autoria feminina. Alguns de seus textos de ficção, como por exemplo, *A paixão segundo G. H.*, têm servido de base para obras teatrais e cinematográficas. Dentre estas, o filme de Susana Amaral lançado em 1986 e baseado no livro homônimo de Lispector. A hora da estrela, que aqui já citei serviu para levar a obra da escritora a uma audiência mais ampla, expandindo assim também seu público leitor.

Reconheço que seu prestígio é maior nos meios intelectuais e acadêmicos, já as crônicas que escreveu durante seis anos para o *Jornal do Brasil*, entre agosto de 1967 e dezembro de 1973, fizeram de Lispector uma voz familiar para uma audiência mais heterogênea e que ela costumava comentar que muitas foram às cartas de leitores que recebeu por ocasião dessas crônicas, desta forma vejo um ponto de encontro e uma possibilidade de maior difusão da obra desta grande autora, compromisso que por hora ao escolhê-la assumo.

Quero tratar um pouco do perfil da produção bibliográfica de Clarice, que podemos chamar de familiar, mas nem por isso menos misteriosa, afinal na medida em que crescia a fama de Lispector como escritora, criou-se em torno dela uma aura de mistério, quase mito, em parte devido à própria personalidade e que tinha gosto pela privacidade, o que lhe rendeu certas mitificações, como: belíssima, sobretudo na mocidade; ... sedutoramente atraente; antissocial, esquisita, complicada, difícil, mística, bruxa”, talvez a síntese final de tudo isso seja o que ela afirmou “Sou tão misteriosa que não me entendo.” A pessoa Lispector, despertou a curiosidade do público e o interesse da crítica, o que resultou após sua morte, em estudos de caráter biográfico, como o importante livro de Gotlib, *Clarice: uma vida que se conta* (1995) e o de Lícia Manzo, *Era uma vez: eu* (1998), e ainda teses de Mestrado e Doutorado.

Clarice, como Guimarães Rosa, acrescentou de forma extraordinária a escrita brasileira à nossa língua, à “pátria” de Fernando Pessoa. Mas quando falava, pensavam que era estrangeira. E ela, que é uma aurora em nossa literatura, tinha muita dificuldade em pronunciar essa bela palavra.



A minha primeira língua foi o português. Se eu falo russo? Não, não absolutamente.(...) eu tenho a língua presa. (...) algumas pessoas me perguntavam se eu era francesa, por causa desses meus erros. (LISPECTOR, 2005:95).

A brasileira Clarice, que só por acaso nasceu em uma cidadezinha da Ucrânia, dominava o inglês e o francês, mas só escreveu em português, a sua, a nossa língua materna e, que se saiba, nunca falou iídiche ou hebraico. Uma vez alfabetizada, tornou-se logo uma leitora voraz.

Quando eu aprendi a ler e a escrever, eu devorava os livros! Eu pensava que livro é como árvore, é como bicho: coisa que nasce! Não descobria que era um autor! Lá pelas tantas, eu descobri que era um autor! Aí disse: “Eu também quero” (GOTLIB, 1995:86).

Sua carreira começa Perto do Coração Selvagem, título jamais desmentido ao longo dos outros romances, dos contos e das histórias infantis, ou de todas as crônicas. Com seus olhos felinos abertos contemplando o mundo de ladinho, Clarice

Lispector permaneceu sempre perto do coração da vida, selvagem como a natureza agreste de sua infância em nosso amado Pernambuco, diferente, inaugural e transgressora, se autocriando e autodevorando como um sol que ilumina enquanto queima a si mesmo, e que aquece porque se consome. Clarice devora-se a si mesma, já dizia Lúcio Cardoso.

Como a própria Clarice declarou, a compulsão de escrever a fazia sentir-se morta quando não estava escrevendo. “Nasci para escrever(...) Cada livro meu é uma estréia penosa e feliz”. (LISPECTOR, 1999:101).

A escrita clariceana, porém, ilumina sem desvelar totalmente. Como na poesia, insere-se o silêncio na encantadora prosa da escritora - tudo o que ela não clarifica -, como se ao falar da existência ainda quisesse revesti-la de outros véus. Talvez por isso o sortilégio de sua linguagem seja tão aliciante.

Ela não conta histórias, escreve a vida. E escreve o escrever. “Essa capacidade de me renovar toda à medida que o tempo passa é o que eu chamo de

viver e escrever...” (LISPECTOR, 1999:101)

A escrita de Clarice ocupa um improvável espaço, o imensurável: a distância que nos separa das palavras. É a medida de um vazio, de um abismo que se abre no instante infinitesimal em que as palavras tomam sentido. Por isso, tem-se a impressão de que ela está escrevendo à nossa frente, diante de nós, para nos revelar em sua total nudez, em seu pungente desamparo, o próprio ato de escrever.

Referências e Bibliografia consultada

GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice: Uma Vida que se Conta**. 4. ed. São Paulo: Ática. 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **Outros Escritos**. Lícia Manzo e Teresa Montero (orgs.) – Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. **Correio Feminino**. Aparecida Maria Nunes (org.) – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **Só para Mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista – **Páginas Femininas & Outras Páginas**. São Paulo: SENAC, 2006.



Informações sobre a imagem¹⁹

CADEIRA Nº 18 – GILBERTO DE MELLO FREYRE

Acadêmico Tarcísio Augusto Alves da Silva

Introdução

Realizar a apresentação de um intelectual do calibre de Gilberto Freyre não é uma tarefa fácil. Basta uma pequena consulta ao Google utilizando seu nome, e será possível encontrar 1.310.000 resultados. Com uma busca mais refinada, podemos chegar aos vários estudiosos e intérpretes de suas obras: Edson Nery da Fonseca (considerado um grande especialista em Gilberto Freyre), Elide Rugai Bastos, Fátima Quintas, Sebastião Vila Nova, Ricardo Benzaquen de Araújo, entre outros nomes. Somam-se a eles, Florestan Fernandes e toda a chamada Escola de Sociologia Paulista como os principais questionadores e críticos do autor, sobretudo a respeito da defesa presente em suas ideias da existência de uma democracia racial no Brasil.

Sua vasta bibliografia — contendo publicações de livros, artigos científicos, textos para jornais, conferências, cartas pessoais e poesias — reafirma as dificuldades que qualquer neófito terá para elaborar, de forma coerente e justa, uma apresentação que esteja à altura da personalidade que foi esse pensador. Diria que, entre tantas condecorações e títulos que recebeu no Brasil e no exterior, sua principal contribuição foi a de ser um intérprete do nosso país, procurando entender o que nos faz ser brasileiros.

¹⁹ Fonte: <https://media1.britannica.com/eb-media/75/160475-004-56C8C883.jpg>



Desse modo, alerto aos viajantes que o presente texto, devido ao quantitativo de páginas e ao fato de objetivar ser uma primeira aproximação àqueles que desejam conhecer o autor de Casa-grande & senzala, está limitado a apresentar alguns aspectos da trajetória e das ideias de Gilberto Freyre.

A intenção da Academia Escadense de Letras é popularizar os patronos que cada acadêmico escolheu para homenagear no momento de sua posse, tornando públicas as motivações dessa escolha.

Para isso, no tópico a seguir, realizarei a apresentação de Gilberto Freyre buscando situar alguns aspectos de sua vida e as reflexões que elaborou sobre a formação social brasileira. Em seguida, discorrerei sobre os motivos pelos quais o escolhi como patrono da cadeira 18 da Academia Escadense de Letras.

Apresentação do patrono

A notoriedade assumida por Gilberto de Mello Freyre, o sociólogo de Apipucos, pode ser explicada por sua capacidade intelectual, seu caráter e pelo impacto que suas ideias tiveram sobre o mundo acadêmico a partir dos anos de 1930. Considerado um intelectual assumidamente conservador, pois, como afirmou Fernando Henrique Cardoso (2010:92): “[Gilberto Freyre] não deixou de ter seus pecadilhos de permissividade com governos autoritários, manteve-se quase sempre no campo democrático-conservador”. No entanto, conseguiu inovar tanto do ponto de vista intelectual, ao tratar a questão racial de maneira diferente das abordagens do século XIX, quanto na escrita. Por outro lado, Freyre é ao mesmo tempo criticado e elogiado por assumir um estilo um tanto literário na maneira como escreve, caracterizando-se por um anarquismo, se comparado às formas mais ortodoxas da escrita acadêmica.

A condição de intelectual que alcançou é resultado, em parte, de sua origem social, ao ter acesso a uma excelente formação. Nascido em 15 de março de 1900, na cidade do Recife, em Pernambuco, era filho do juiz e professor universitário Alfredo Freyre²⁰ e de Francisca de Mello Freyre²¹, nascidos em

20 Educador, juiz de Direito e catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito do Recife.

21 Teve formação escolar no colégio de freiras São José e foi figura importante no estímulo intelectual do filho.

família de antigos proprietários de engenhos de açúcar que assistiram ao declínio da produção açucareira e à falência de um modo de vida aristocrático.

Gilberto Freyre recebeu, na infância, aulas particulares de inglês e aprendeu latim e português com o pai, embora tenha apresentado dificuldades iniciais para aprender a escrever, expressando-se através de desenhos²². Estudou no Colégio Americano Batista Gilreath e recebeu uma bolsa para sua formação superior, a partir de 1918, nos Estados Unidos, em Baylor, no Texas, onde cursou Ciências Jurídicas e Sociais.

Depois disso, estudou na Universidade de Columbia, em Nova York, onde assistiu a aulas de sociologia, história, literatura e defendeu dissertação sobre hábitos cotidianos da família patriarcal do século XIX em Pernambuco, em 1922. Concluídos os estudos naquele país, e mesmo com a intenção de voltar ao Brasil, viaja à Europa e completa sua formação acadêmica em diálogo com intelectuais da França e de outros países. No período em que viveu nos Estados Unidos, publicava artigos para o jornal *Diário de Pernambuco* sobre livros e temas diversos. Essas publicações continuaram em seu retorno ao Brasil, e faço destaque aqui para um texto bastante conhecido, intitulado *Football mulato*, em que procura explicar o estilo brasileiro de jogar por meio dos traços culturais, marcadamente dos negros.

Casou-se, em 1941, com a paraibana Maria Magdalena Guedes Pereira Freyre, com quem teve um filho, Fernando Freyre, e uma filha, Sônia Freyre. Viveram juntos até a morte de Gilberto Freyre, em 18 de julho de 1987, no Solar de Apipucos, casa com traços herdados do ciclo açucareiro, adquirida por ele em 1940. A residência, hoje Fundação Gilberto Freyre, é responsável por salvaguardar a memória, as ideias e as obras do autor.

Gilberto Freyre foi escritor, professor universitário, político — deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN), em 1945 —, historiador, antropólogo e sociólogo, destacando-se em 1933 com a publicação da obra *Casa-*

22 Depois de alfabetizado, Freyre lembra, em entrevista concedida à Elide Rugai Bastos: “Passei a ler e a escrever como quem procurasse recuperar, quase aos saltos, acrobaticamente, tempos perdidos” (2006:22).



grande & senzala²³, reconhecida por ser um livro portador de ideias polêmicas e originais sobre os problemas da formação patriarcal no Brasil. A polêmica se deve ao estilo com que escrevia (de expressão quase literária) e da acusação de sexualizar e erotizar as relações entre brancos, negros e índios no processo de miscigenação. Já a originalidade deve ser entendida pelo tratamento inovador com o qual aborda temas como raça, diferenciando-se profundamente das perspectivas do século XIX, que tratavam o negro como elemento de atraso e justificativa do nosso subdesenvolvimento.

As ideias de Freyre serão norteadas pela compreensão de que a miscigenação e, portanto, a mistura e “amaciamento das raças” seriam fatores essenciais ao desenvolvimento da formação social brasileira. Nesse sentido, ele via no processo de miscigenação a possibilidade de uma maior integração social, o que caracterizaria a identidade nacional por sua dimensão plural. No entanto, os críticos de sua obra acusam-no de ter defendido o projeto de colonização portuguesa e utilizado eufemismos para contextualizar as relações entre brancos, indígenas e negros, referindo-se, por exemplo, ao equilíbrio de contrastes que “tomou a colonização portuguesa e a formação da sociedade brasileira” (FREYRE, 2004:69)²⁴. O fato, porém, a ser analisado, quando nos debruçamos sobre as ideias desse pensador, é o entendimento de que sua compreensão de raça foi explorada a partir do conceito de traços culturais e da contribuição de cada povo na constituição daquilo que ficou conhecido como triângulo racial (brancos, índios e negros).

Para fazer jus ao legado deixado por Gilberto Freyre, é preciso afirmar — não diferentemente do pesquisador e acadêmico que foi — que se trata de um homem de muitos interesses. Isso implica dizer que, ao escrever e pesquisar sobre vários aspectos da vida social brasileira, ele se valeu de uma variada gama de informações encontradas nas evidências do cotidiano. Para ser mais exato, encontramos um certo ecletismo nos temas estudados por ele sem, no entanto, distanciar-se de um estilo próprio de pesquisar e escrever. Sobre isso, podemos

23 Na verdade, essa obra forma uma tríade: Casa-grande & senzala (1933), Sobrados & mucambos (1936) e Ordem & progresso (1959), apesar de a primeira ter recebido maior acolhimento do público.

24 Cabe ainda lembrar que, para Freyre: “O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual” (p. 161). Refere-se, nesse trecho, à forma com a qual o processo de miscigenação foi conduzido.

mencionar aqui livros como: Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife (1934); Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira (1939); Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil (1939); Assombrações do Recife velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense (1970); Rurbanização: que é?(1982); Modos de homem & modas de mulher (1987), que são expressão do seu interesse pela “cultura material (alimentação, vestimenta e habitação) até [...] pelas mentalidades e pela história da infância” (BURKE, 1997:01).

Cabe ressaltar, no conjunto de suas inquietações, a formulação de uma sociologia do cotidiano, ao se concentrar em investigar a história oral, álbuns de família, tradições transmitidas entre gerações, a história da aristocracia canavieira, dando espaço a personagens considerados secundários para a historiografia social, como os ambulantes, as quituteiras e os escravos (LEÃO e BARROS, 2009).

Devido à importância e amplitude de sua obra, Gilberto Freyre recebeu diversos prêmios e condecorações, das quais podemos destacar: Prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira, em 1934; Prêmio de Excelência Literária da Academia Paulistana de Letras, em 1961; Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (conjunto da obra), em 1962; Sir, ou Cavaleiro Comandante do Império Britânico, distinção conferida pela Rainha da Inglaterra, em 1971; Grã-cruz Andrés Bello, da Venezuela, em 1978; Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 1973; e Prêmio Esso, em 2005.

Por fim, mesmo a escrita sendo uma atividade constante na vida de Gilberto Freyre, a poesia se destacou em poucos momentos, como no livro Talvez poesia, publicado em 1962, e considerado, portanto, irregular. Nesse livro, selecionamos um poema escrito em 1926, O outro Brasil que vem aí, explicitando muito da visão que o autor tinha do nosso país:

“Eu ouço as vozes / eu vejo as cores / eu sinto os passos de outro Brasil
que vem aí / mais tropical / mais fraternal / mais brasileiro.”



Motivação para a escolha

Ao escolher Gilberto Freyre como patrono da cadeira 18 da Academia Escadense de Letras, o faço por considerá-lo uma das principais referências do pensamento social brasileiro, por ter sido absurdamente controverso em suas obras e extremamente criativo e original na forma com a qual expôs suas ideias. Além disso, soma-se o interesse em desvendar como Freyre se debruça sobre a realidade, evidenciando os elementos do cotidiano, como objetos para o entendimento do social.

Referências e bibliografia consultada

BASTOS, Elide Rugai. **As criaturas de Prometeu** – Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. São Paulo: Global, 2006.

BURKE, Peter. Gilberto Freyre e a Nova História. Tempo Social. In: **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, nº 9, 1997, p. 1-12.

CARDOSO, Fernando Henrique. Gilberto Freyre, perene. In: CARDOSO, Fernando Henrique. **Pensadores que inventaram o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREYRE, Gilberto. Football mulato. **Diário de Pernambuco**, 17 de junho de 1938. Disponível em: <http://noblat.oglobo.globo.com/artigos/noticia/2010/07/football-mulato-305261.html>. Acesso em 10 nov. 2012.

_____. Casa-grande & senzala – **Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49a ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. De menino a homem – **de mais de trinta e quarenta, de sessenta e mais anos: diário íntimo seguido de recordações pessoais em tom confidencial semelhante ao de diários**. São Paulo: Global, 2010.

_____. **Rurbanização: que é?** Recife: Massangana, 1982.

LEÃO, Carolina; BARROS, Lydia (orgs.). Crônicas do cotidiano: **a vida cultural de Pernambuco nos artigos de Gilberto Freyre**. Recife: Diário de Pernambuco, 2009.





Informações sobre a imagem²⁵

CADEIRA Nº 20 - MIKHAIL MIKHAILOVICH BAKHTIN

Acadêmica Elda Quirino Melo dos Santos

Introdução

A linguagem acompanha o homem nos diversos momentos de sua vida, servindo para articular as relações que ele estabelece com o outro e com o mundo. Por intermédio dela, o homem não só veicula informações, mas mostra a sua visão sobre o mundo. É a linguagem que permite aos sujeitos se representarem a si mesmos, aos outros e ao mundo, posto que é configurada como meio de interação por excelência.

Ao ser convidada para ocupar a cadeira de nº 20, dessa tão importante instituição de difusão da cultura e da literatura, Academia Escadense de Letras (AELE), estava em minhas mãos a responsabilidade de escolher a quem homenagear como patrono. Nesse sentido, busquei um representante que é um estudioso da linguagem que desenvolveu também, com base em sua teoria, reflexões críticas sobre o marxismo, a psicanálise, a história, o materialismo, a cultura, a literatura e as artes em geral, tornando-se reconhecido como filósofo da linguagem, **Mikhail Bakhtin**.

2. Apresentação do Patrono

Nascido no dia dezesseis de novembro do ano de 1895 em Orel, pequena

²⁵ Fonte: http://www.enciklopedija.hr/Ilustracije/HE1_1056.jpg

cidade ao sul de Moscou, Mikhail Mikhailovich Bakhtin pertencia a uma família nobre que valorizava muito a educação, por isso, desde criança, ele e seu irmão Nikolai receberam a melhor educação possível, sendo introduzidos na cultura europeia. Aos nove anos, mudou-se com a família para Vilno, capital da Lituânia, cidade que se destacava pela confusão de diferentes línguas, sobretudo poloneses, russos, judeus além dos próprios lituânios, os quais, falavam cada um sua própria língua e cultivavam cada um sua própria cultura, fatos que parecem se relacionar diretamente com o conceito de “heteroglossia” e da “pré-história do gênero novelístico”, que futuramente marcaria sua obra.

Sete anos depois, Bakhtin se mudou para Odessa, cidade também marcada pelo plurilinguismo, onde há uma forte influência judaica. Foi nessa cidade onde ele ingressou na vida acadêmica, em 1913. Um ano depois, transfere-se para a Universidade de São Petersburgo, onde se matriculou no Departamento de Letras Clássicas e se forma em História e Filologia. Seu período de universitário foi particularmente importante por que foi então que ele começou a se envolver em círculos intelectuais, os quais seriam determinantes para ele para o resto de sua vida e importantíssimo para toda sua teoria, pois em círculos de discussões intelectuais, nunca se fala em voz unívoca, mas sempre plural e sempre um enunciado é dado em resposta a outro, como no seu conceito de dialogismo.

No período de 1918 a 1920, foi professor em Nevel, onde constituiu um círculo de amigos, que mais tarde ficou conhecido como Círculo de Bakhtin. Participaram desse círculo, entre outros, o filósofo Marvei Issaévitch Kagan, que se firmara na Alemanha, Valentin Nikolaévich Voloshinov e Pavél Nikolaévich Medvedev.

Em 1921, Bakhtin casou-se com Elena Aleksandrovna Okolóvitch. Ainda no mesmo ano, foi atingido por uma enfermidade óssea, que o levara amputar uma perna em 1938. Em Vitebsk publica seu primeiro ensaio, intitulado Arte e responsabilidade, que traz em seu bojo as relações entre as formas artística e a vida social.

Em virtude das condições de saúde, em 1924 passa a residir em



Leningrado, onde, desempregado, sobrevive com pequeno auxílio doença. Mesmo enfrentando privações, não deixa de escrever. E no período de 1924 a 1929, publica quatro importantes trabalhos: O método formal nos estudos literários, Discurso na vida e discurso na arte, Freudismo: uma crítica marxista e Marxismo e filosofia da linguagem.

Em 1930, é preso e condenado a cinco anos de trabalhos forçados, acusado de corromper os jovens, e não pelo que ele escreveu. Devido aos problemas de saúde, sua internação em um campo de concentração transforma-se em exílio na cidade Kustanai, na fronteira do Cazaquistão com a Sibéria, onde exerce vários trabalhos, como: guarda-livros, professor de contabilidade para empregados de fazendas coletivas, redator de verbetes entre outras. No entanto, não para de trabalhar em ensaios sobre sua teoria do romance.

Em 1945, torna-se chefe do Departamento de Literatura Geral do Instituto Pedagógico de Saransk e muitos de seus alunos e seguidores tentaram fazer com que Bakhtin fosse mais reconhecido na época. Em 1961 aposenta-se e dedica sua vida à produção de seus escritos, só que infelizmente não consegue terminá-los. Agrava-se seu estado de saúde, ocasionando sua morte em 1975.

Considerado um dos maiores estudiosos da linguagem humana, suas obras sobre diversos temas influenciaram uma infinidade de pensadores de diversas áreas como: crítica da religião, estruturalismo, semiótica, psicanálise e marxismo. Além disso, também teve forte influência nas seguintes disciplinas: psicologia, antropologia, história, filosofia, crítica literária, entre outras. Ainda que o conjunto de sua obra se caracterize pela interdisciplinaridade, manteve uma unidade de pensamento através da centralidade da linguagem.

Motivação para escolha do patrono pelo acadêmico.

A escolha de Bakhtin com patrono teve como motivação o reconhecimento como um filósofo da linguagem, que a despeito das mais agudas privações materiais, de doenças crônicas por que foi acometido, de perseguições, prisão e exílio, deixou uma produção intelectual de grande significado para as Ciências Humanas. Suas teorias vêm sendo descobertas, estudadas por diferentes

áreas do conhecimento e propagadas pelo mundo. Tendo o dialogismo como essência de sua obra, Bakhtin toma o homem sempre em sua relação com o outro. A concepção do “ser” defendida por ele nunca é completo, fechado em si; sua existência depende do relacionamento com os outros, estabelecido dialogicamente.

Bibliografia consultada

BAKHTIN, Mikhtin: VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9ª ed.** São Paulo: Hucitec, 1999.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: Conceitos-chave.** São Paulo: Editora Contexto, 2010

FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006

LEITE, F.B. **Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos.** Revista Magistro, v. 1, p. 4363, 2011.





Informações sobre a imagem³

CADEIRA Nº 21 - LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI

Acadêmica Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos

Introdução

Um dos principais expoentes dos estudos da linguística da América Latina com reconhecimento internacional, Luiz Antônio Marcuschi foi professor titular do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco e aposentou-se em 2006. Sua Graduação foi em Filosofia e estudou doutorado na área de Filosofia da Linguagem na Alemanha (1976) pela Universitat Erlangen-Nurnberg (Friedrich-Alexander) e pós-doutorado em questões de oralidade e escrita (1987) pela Universitat Freiburg (Albert-Ludwigs), com a tese, intitulada O método do exemplo, sobretudo em Ludwig Wittgenstein (Die Methode des Beispiels, insbesondere bei Ludwig Wittgenstein). A partir daí, tornou-se também filósofo da linguagem e linguista, tendo formado mais de 20 doutores e mais de 50 mestres em Linguística.

Salienta-se que apresentá-lo é uma honra, mas também desafiador, pois como disseram Barros, Silva e Aguiar (2008, p. 03) apesar de ser um professor cientista conhecido e admirado em todo o Brasil e no exterior, registrar em poucas linhas a vida e obra de Luiz Antônio Marcuschi é uma tarefa complexa,

26 Fonte: <http://jorgecurynet.com/fala-e-escrita-parte-01-de-ceelufpe/2011>

porque não é fácil selecionar os destaques do homem, do professor, do pesquisador, do mentor, do político de liderança, do amante do belo e das artes, que, com o entusiasmo de um menino se colocava diariamente de forma tão inefável, frente à vida. Trata-se de um acadêmico que lotava auditórios em suas palestras, “prendendo” o público pelos ouvidos, que de forma peculiar tratava de temas conhecidos, mas com olhar diferenciado, demonstrando grandiosidade não só pelo que dizia, mas pela efetividade de como dizia.

Com uma vida mergulhada em estudos e pesquisas, tinha em seu currículo mais de vinte obras e quase uma centena de artigos e entre as mais referenciadas estão *Linguística de Texto: o que é e como se faz*, *Da Fala para a Escrita*, *Hipertexto e Gêneros Digitais*, *Produção Textual*, *Análise de Gêneros e Compreensão e Análise da Conversação*.

Por esta razão, aceitou-se este desafio para “tentar” registrar o legado deste conceituado educador, sem avaliar muito o tamanho da responsabilidade, porque se assim o fizesse, poderia desistir, primeiro porque acredita-se que o limite de laudas dificulta a exposição, segundo, por haver sentimento de desmerecimento dessa tarefa, mas com a certeza de querer expressar agradecimento por tudo que ele ensinou e fez para alunos, orientandos, colegas de trabalho e pesquisas por este Brasil a fora, marcando sua passagem científica e humanitária pela linguística brasileira, ajudando outrem a qualquer momento, em qualquer situação, sem se cansar de orientar novos pesquisadores, nem de ‘promover’ e estimular colegas e como foi dito pela professora Ingedore Koch “Marcuschi é, antes de tudo, um grande humanista, encarnação perfeita do tema que estudou em sua tese de doutorado: o Método do Exemplo” (BARROS; SILVA; AGUIAR, 2008, p. 04).

Apresentação do patrono²⁷

Luiz Antônio Marcuschi nasceu em Guaporé, Rio Grande do Sul em 15 de maio 1947 e fixou-se em Pernambuco, falecendo em 6 de setembro de 2016, na

27 Texto tendo como base a Bibliografia de Luiz Antônio Marcuschi. Disponível em:

<http://www.sbpnet.org.br/site/noticias/materias/detalhe.php?id=5479> e

https://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=33917:a&catid=19&Itemid=72



cidade de Recife. Foi professor da UFPE do Departamento de Letras desde 1976, logo que concluiu seu doutorado no mesmo ano, com apenas 30 anos, em Filosofia da Linguagem pela Universität Erlangen-Nurnberg (Friedrich-Alexander) e o pós-doutorado em 1988 com 42 anos, algo raro no Brasil nas décadas de 70 e 80 (respectivamente). Se atualmente é comum ser doutor jovem e realizar estágio de “pós-doutorado júnior”, esta não era a realidade do país há três décadas. Em 1992, tornou-se professor titular em Linguística, em um contexto em que era raro ser professor titular nos anos 90 na UFPE, na área de Letras, Linguística e Artes, naquela década, seguia-se o receituário neoliberal e o número de vagas nos concursos para professor nas IFES era insignificante. Quando surgiu a vaga, ele se candidatou e tornou-se o único professor titular de Linguística, durante os últimos 17 anos e lecionou até 2006, quando se aposentou (CUNHA, 2009).

De acordo com Cunha (2009) Marcuschi foi responsável pelo ensino de língua portuguesa e literatura brasileira no Centro de Línguas do Seminário de Romanística da Universidade de Erlangen-Nuremberg, Alemanha, de 1972 a 1974, onde ministrava aulas regulares na graduação. Além disso, exerceu outra atividade importante fora do âmbito da UFPE, Diretor da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco de dezembro de 1983 a junho de 1985 com carga horária de 20 horas, antes de optar pelo Regime Jurídico Único.

O trabalho de Marcuschi começou com sua preocupação com a questão social da linguagem, já em sua tese de doutorado e amparou-se nos princípios teóricos de Bernstein, o qual seguia uma linguística de preocupação social. Na UFPE, o primeiro grande projeto de pesquisa desenvolvido pelo autor voltava-se para uma descrição e análise da linguagem da empregada doméstica, estudo que lhe destacou como linguista preocupado com a questão da variação linguística e dos diferentes usos da linguagem. Acredita-se que este momento tenha sido o gênese dos estudos sobre a relação entre a fala e a escrita, tema que o destacou, na linguística nacional e foi um dos muitos temas desenvolvidos por seus alunos, à época da criação do Curso de Mestrado em Letras da UFPE, além de criar

também o grupo de pesquisadores com os quais ele manteve contato, criando o Núcleo de Estudos de Fala e Escrita – NELFE/UFPE (BARROS; SILVA; AGUIAR, 2008, p. 03).

Ressalta-se que desde então, foram sendo desenvolvidos projetos continuamente, resultando numa geração de pesquisadores liderados por ele e que se estabeleceu um referencial não apenas na Análise do Discurso e da Conversação, mas também nos difundidos estudos sobre gêneros textuais, cuja origem coincide com sua primeira publicação de Linguística de texto: o que é, como se faz, publicada originalmente em 1983, ganhou notoriedade nacional, a ponto de sua reedição ser fruto de uma pressão natural, tendo passado mais de uma década com a primeira edição esgotada. Como se pode observar, ele sempre estará relacionado entre os maiores pesquisadores brasileiros, cujos textos desde a época dos mimeógrafos, já circulavam nas esferas científicas, em encontros temáticos pelo Brasil afora, abordando sobre temas e problemas que ainda estavam em discussão de gabinete, eis a razão das diversas indicações para as mais conceituadas sociedades científicas (IDEM, 2008, p. 03).

Este pesquisador 1A do CNPq envolveu-se na fundação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e atuou como presidente de 1988 a 1990. Também foi secretário regional da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) em Pernambuco, de 1988 a 1990, membro do Conselho desta sociedade científica de 1991 a 1995 e, em seguida, fez parte da Diretoria da Sociedade por dois mandatos - de 1997 a 1999 e de 1999 a 2001 e em 2013 foi o homenageado da 65ª Reunião Anual, realizada em Recife por deixar um legado de contribuição para o Estado, pois era um cientista que defendia a ciência, tecnologia e direitos humanos, registro do diretor, José Antônio Aleixo da Silva.

Pesquisador dos mais produtivos, em 2009 recebeu, durante o V SIGET (Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais), a medalha Mérito Educação Dom Benedito Zorzi, conferida aos educadores e entidades públicas e privadas que se distinguiram na ação educacional propriamente dita ou através



da produção escrita. Mais adiante também em 2009, o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE com o apoio da PROPESQ e da Editora Universitária lançou a Coleção Luiz Antônio Marcuschi, cuja coleção é composta por box com 3 livros e um DVD e um dos livros é a edição especial da obra *Linguística de Texto: o que é e como se faz* e de acordo com Barros, Silva e Aguiar (2008, p. 04) o Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Amaro Lins, ressaltou na cerimônia de lançamento da Coleção Luiz Antônio Marcuschi que seu papel de pesquisador líder tem se refletido em sua participação como consultor do Ministério da Educação, dos comitês do CNPq, da CAPES, da FINEP e da FACEPE e que pessoas como Luiz Antônio Marcuschi, fortalecem a instituição pública de ensino superior brasileira ao assumir seu compromisso social em prol de uma sociedade mais justa e fraterna.

Evidencia-se que o importante trabalho, desenvolvido há mais de 30 anos, já rendeu a Luiz Antônio Marcuschi grande reconhecimento e a título de exemplo pode-se citar: o Prêmio Luiz Antônio Marcuschi de Redação do Colégio Boa Viagem (2003); Prêmio da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, INETRCOM, pela orientação de doutorado; Diploma de Honra ao mérito da mesma sociedade pelas orientações de uma dissertação de mestrado; a homenagem do III Colóquio da ALED/Brasil, que teve como tema “Discurso e práticas sociais”: Um tributo a Luiz Antônio Marcuschi, em 2010 e o título de professor emérito que lhe foi concedido pelo Conselho Universitário da UFPE, por ter se distinguido no ensino e na pesquisa e contribuído de modo notável para o progresso da UFPE.

Ressalta-se que as condecorações não param por aqui, pois em 2014, foi homenageado com um prêmio conferido a pessoas ou entidades cujos trabalhos ou ações mereçam destaque especial na defesa e na promoção da educação, especialmente às que estão com iniciativas relacionadas à educação popular, trata-se do Prêmio Darcy Ribeiro de Educação e esta recomendação para o prêmio foi atendida pela Comissão de Educação e Cultura do Congresso Nacional que considerou a solicitação de um grupo de ex-alunos e orientandos

do professor Marcuschi, que hoje são professores e pesquisadores de universidades federais e do exterior.

Além disso, os tributos não são restritos ao Brasil, pois em um número especial monográfico da ALED (2008), que foi composto por parte de trabalhos que Marcuschi tem alcançado, contendo textos de seu grupo de pesquisadores e de outros amigos, que com ele discutem temas relacionados àqueles que vinham sendo desenvolvidos, duas amigas do exterior homenagearam-no: da Colômbia, Neyla Graciela Pardo Abril, com o texto sobre El discurso multimodal en YOUTUBE, da Venezuela, Adriana Bolívar, com El informe de arbitraje como género discursivo en la dinámica de la investigación, acentuando-se que esta última foi sua companheira incansável na batalha pela criação de uma sociedade latinoamericana para estudos de Análise do Discurso e para isso fundou-se a ALED, fortalecendo os caminhos de interatividade para analistas do discurso de todo o continente latino-americano (BARROS; SILVA; AGUIAR, 2008, p. 06).

Outro preito internacional²⁸ que foi concedido a Luiz Antônio Marcuschi foi uma iniciativa do professor Charles Bazerman, do Departamento de Educação da Universidade da Califórnia em Santa Barbara (EUA) e consiste em duas bolsas para viagem aos Estados Unidos no valor de US \$1000.00 (mil dólares), com periodicidade anual e o valor do subsídio permitiu que as bolsas continuassem sendo concedidas por prazo indeterminado, sendo concedida pela primeira vez a pesquisadores que tiveram suas propostas de apresentação de trabalhos aceitas para a edição 2012 da Conference on College Composition and Communication (CCCC).

Enfim, destaca-se que Charles Bazerman prestou homenagem ao professor Luiz Antônio Marcuschi organizando o laurel The Luiz Antonio Marcuschi Travel Awards, que é uma bolsa de incentivo à participação na reunião anual da Conferência sobre Escrita e Comunicação Universitárias (Conference on College Composition and Communication) evento promovido pelo National

28 e a nota de rodapé é: Texto tendo como base informações do Blog de Karla Vidal disponível em: <http://www.blogdapipa.com.br/2011/04/>

Council of Teachers of English (NCTE), a qual é uma associação profissional de educadores de estudos de língua inglesa, literatura, artes e linguagens, que completou 100 anos de existência em 2011.

Motivação para escolha

É comum um estudioso da linguagem ser procurado para dar respostas ou tirar dúvidas quanto ao uso da norma padrão, sem contar com questionamentos como: um professor de Língua Portuguesa serve para ensinar e o que mais? Aproveito este espaço para responder que a linguagem é onipresente na vida humana desde a fase da balbúcia até a morte e parafraseio Fiorin (2012) ressaltando que ela influencia ou pode influenciar, que sem ela não há como trabalhar, “independente da profissão”, pois não haverá comunicação, não haverá aprendizagem, porque a linguagem humana é uma forma de interagir socialmente não só para transmitir informações, mas também declarar sentimentos, xingar, externar revolta, admiração, ou seja, quando se fala ou se escreve, inclusive quando nada se diz, é linguagem.

Portanto, ensiná-la não se resume ao ensino de normas, vai além disso, pois ela dá significado ao que se escreve ou se fala, é uma forma de agir no mundo e Luiz Antônio Marcuschi é uma referência de um educador que renova o desejo de fazer a diferença nos estudos da linguagem, em um contexto de tanta falta de estímulo para se trabalhar na educação, conhecer a história de vida e estudos desse professor por meio de suas obras, mudou minha opinião, até porque seus textos confirmam sua personalidade indagadora: não trazem respostas, mas reflexões; não encerram questões, ao contrário: as levantam (RESENDE, 2008) e como disse Guimarães Rosa “O professor é aquele que, de repente, aprende”.

Referências

BARROS, Kazue S. M; SILVA, Denize Elena G; AGUIAR, Marigia Ana M. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso. Homenaje a Luiz Antônio Marchuschi.** ALED, V.08. Número monográfico, 2008.CUNHA, Dóris de Arruda

Carneiro da. Exposição Justificada Detalhada. Ao Chefe do Departamento de Letras. 2009.

FIORIN, José Luiz. **Aula inaugural do Bacharelado em Linguística da UFSCar, 2012.**

RESENDE, Viviane de Melo. **Marcuschi, Luiz Antônio. Fenômenos da linguagem.** ALED, V. 08. Número monográfico, 2008.





Informações sobre a imagem³

CADEIRA Nº 22 - FRANCISCO ALVES MENDES FILHO

Acadêmica Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso

Introdução

Ao receber o convite para ocupar a cadeira de nº 22 da Academia Escadense de Letras (AELE) pensei que tão honrosa homenagem representava o reconhecimento de uma trajetória de lutas marcada por muitas dificuldades, mas também por grandes conquistas tanto pessoal como profissional. Enquanto escadense filha de operários, cidadãos de origem humilde, mas extremamente dignos, aprendi que para vencer na vida era preciso enfrentar desafios e conquistar espaços com competência.

Então, com uma formação sólida edificada no respeito e na ética me tornei educadora da área de Ciências Naturais da rede estadual e municipal de Escada/PE. Durante essa trajetória participei de lutas que evidenciavam as questões ambientais locais e sempre acreditei na formação do cidadão com possibilidades de mudar o cenário atual e capaz de buscar para sua localidade, melhores condições de vida.

Nesse sentido, ao escolher o patrono para AELE, busquei um representante que é admirado por sua luta em prol de causas sociais e ambientais. Assim, com esses atributos, escolhi Francisco Alves Mendes Filho, o popular

29 Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_eGa-KCEUjLs/TMNQxtOj1gI/AAAAAAAAAcE/8WYn4NWH51s/s1600/Chico_Mendes.jpg

Chico Mendes, que foi responsável pela mais eficaz militância ecológica já ocorrida no Brasil, tornando-se símbolo mundial da luta pela preservação da Amazônia e pelos direitos dos indígenas e dos seringueiros.

Apresentação do Patrono

Francisco Alves Mendes Filho, o popular Chico Mendes, um dos mais importantes ambientalistas de nosso país, nasceu na cidade de Xapuri, no Estado do Acre em 15 de dezembro de 1944. Filho de Francisco Mendes, de quem herdou a profissão de seringueiro, começou a trabalhar junto com o pai aos nove anos de idade e devido à falta de escolas na região, só veio a aprender a ler em jornais, aos dezenove anos. Teve sua vida marcada por lutas em prol do povo da Floresta Amazônica e foi responsável pela mais eficaz militância ecológica já ocorrida no país, denunciando as precárias condições de vida dos povos da floresta, o trabalho semiescravo dos seringueiros e o desmatamento desenfreado da floresta amazônica, incomodando com discurso contrário à posse de terras, políticos e fazendeiros. Com ideias muito a frente de sua época, Chico Mendes ganhou uma lista de inimigos.

Tornou-se líder de resistência pacífica em defesa dos seringueiros e demais extrativistas, lutou por reforma agrária e proteção das terras indígenas, tendo reconhecimento que repercutiu no mundo.

Sua luta como sindicalista começou em 1975, quando assumiu a secretaria geral do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Basiléia, no Acre. Posteriormente, foi eleito vereador pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro) em 1977. Dada sua ação sindical, a partir de 1978 começou a receber ameaças dos fazendeiros locais.

Em 1980 participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e tornou-se presidente do Sindicato de Xapuri, em 1981. Candidatou-se para deputado estadual pelo PT em 1982, mas, não conseguiu se eleger. Por sua luta incansável, liderou no ano de 1985, o Encontro Nacional dos Seringueiros, propondo a União dos Povos da Floresta, a partir da criação de reservas extrativistas e da garantia de reforma agrária, unindo os interesses dos índios e seringueiros na defesa da floresta amazônica.



No ano de 1987, recebeu em Xapuri uma comissão da ONU (Organização das nações Unidas) e denunciou a devastação da floresta amazônica por empresas financiadas pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) o que acarretou posteriormente na suspensão dos financiamentos às empresas envolvidas. Recebeu da ONU o prêmio Global 500, reconhecimento que é conferido a pessoas, assim como Mendes, que se destacam na defesa do meio ambiente.

Em 1988, participou da criação das primeiras reservas extrativistas no Acre e foi eleito suplente da direção nacional da CUT (Central Única dos Trabalhadores). No mesmo ano, teve sua voz silenciada, sendo assassinado aos 44 anos no quintal de sua casa por Darly Alves e seu filho, Darci Alves, devido a causas relacionadas à desapropriação do Seringal Cachoeira.

Como forma de reconhecimento a esse grande lutador pelas causas sociais e ambientais, em dezembro de 2013, Chico Mendes foi declarado Patrono Nacional de Meio Ambiente. Outra questão a considerar é o seu nome imortalizado no ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, vinculado ao Ministério do Meio Ambiente, o que nos faz entender que sua voz foi silenciada, mas sua luta em defesa da floresta estará sempre viva na memória dos brasileiros.

Deixo uma reflexão sobre uma de suas célebres frases: “No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a floresta amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade”.

Motivação para escolha do patrono pelo acadêmico

A escolha pelo patrono Chico Mendes se justifica por considerar sua luta um verdadeiro símbolo de resistência e persistência em nosso país, que se tornou referência para inspiração e consciência ambiental. Seu exemplo nos faz entender que a luta em defesa do meio ambiente e da sustentabilidade é extremamente complexa, árdua e longa, e precisa ser entendida em sua totalidade considerando as várias dimensões, social, econômica e política. A falta de uma discussão mais

aprofundada sobre as referidas questões contribui para que o cenário de interesses econômicos que prevalece em nosso país continue favorecendo os poderosos e intensificando as desigualdades sociais.

Chico Mendes demonstrou, enquanto ativista ambiental, que lendo, estudando e conversando, é possível conscientizar, mobilizar, e que a partir da participação popular podem-se defender interesses em prol da coletividade. Sua luta foi muito além das fronteiras do Acre e deixou um legado de coragem e destemor em defesa da floresta amazônica e do meio ambiente. O que serve de encorajamento para outras causas que buscam melhorias para a sociedade.

Bibliografia consultada

Internet Chico Mendes. Disponível em: <http://memorialchicomendes.org/chico-mendes> Acesso em: 02 de abril de 2017.

UOL Educação. Biografias. **Líder sindical seringalista, ativista ambiental brasileiro Chico Mendes.** Disponível em:

<http://educacao.uol.com.br/biografias/chico-mendes.htm> Acesso em: 30 de março de 2017.

E-biografia. **Chico Mendes. Sindicalista brasileiro.** Disponível em:

https://www.ebiografia.com/chico_mendes/ Acesso em: 02 de abril de 2017.





Informações sobre a imagem³⁰

CADEIRA Nº 24 - LUIZ DIAS LINS

Acadêmico Francisco de Assis

Introdução

Conheci o Dr. Luiz Dias Lins, quando administrava o SESI-Escada, cuja área foi doada pelo mesmo para fundar na década de 50, o mais moderno Centro de Atividades do SESI, um dos primeiros erguidos na Mata Sul. Esse núcleo tinha várias dependências, onde se desenvolviam atividades de atendimento a saúde, Educação, Ação Social, Esportes e Lazer. Construído em uma área com mais de 10.000m², onde estava incluído também o campo de futebol do Pirapama Futebol Clube. Tinha: palco um grande auditório, um salão de festas, que funcionava às vezes como sala de projeções cinematográficas, ou outros eventos. Tudo para uso dos operários e da comunidade escadense. Nos momentos mais lúcidos e finais de sua existência, convidei o Dr. Luiz Dias Lins para dar seu nome ao SESI-ESCADA, e ser sócio Honorário do Lyons Club da Escada, Clube de Serviços pertencente ao Distrito Múltiplo L-14 que à época, abrangia os Estados de Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

Na ocasião era eu presidente do Lyons Clube da Escada e, também, Diretor do SESI-ESCADA. Passamos a ser companheiros Leões, como são denominados

³⁰ Fonte: http://3.bp.blogspot.com/-1WgKclQh4M4/Tu_jMH7joEI/AAAAAAAAAVU/SdIDmTvdtrE/s1600/ws_layouts_deputados_fotoBiograf.jpg

1WgKclQh4M4/Tu_jMH7joEI/AAAAAAAAAVU/SdIDmTvdtrE/s1600/ws_layouts_deputados_fotoBiograf.jpg

os membros do Lyons. Aproveitando a conveniência das reuniões do Clube realizadas no casarão do engenho Sapucagi, fui lhe comunicar que o SESI seria nomeado Centro de Atividades Luiz Dias Lins em sua homenagem, e o mesmo agradecendo me falou: “ É a maior homenagem que recebo em vida, pois não pedi e não mês custou um centavo”. Em troca recebi um convite irrecusável do agora companheiro leão Luiz Dias Lins, e patrono do SESI, que ajudou a fundar: amigo Francisco, eu estou chegando ao final de minha jornada e nada fiz pelos idosos de minha cidade. Gostaria que você e o companheiro leão Fernando Abreu construíssem um abrigo para velhice desamparada de Escada, tenho um amigo que vai doar o terreno e o numerário inicial para construção, só faz uma exigência: a Diretora deve ser dona Malu. Nesse almoço realizado no solar do Engenho Sapucagi entre outras pessoas estavam Fernando Ramalho, Fernando Alves Ferraz de Abreu, Dona Maluzinha e Dona Mariza Maciel (esposa na época). Ai surgia o compromisso da construção do hoje Abrigo Santa Filonila da Fundação Dias Lins, que presta relevantes serviços ao povo da nossa cidade principalmente aos idosos como queria seu ilustre patrono.

Apresentação

Luiz Dias Lins. Nascido em Recife, aos 26 de maio de 1898, filho de Dr. Zenóbio Marques da Silveira Lins e Dona Filonila Tereza Dias Lins, fez seus estudos iniciais no Colégio Nove de janeiro em Recife e seus estudos superiores na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, hoje Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil. Fez Especialização em Engenharia Elétrica, mas um de seus primeiros trabalhos foi como Engenheiro Ferroviário na construção de uma estrada de ferro no Estado da Paraíba. De lá seu olhar crítico pousou nos algodoais do Estado, vindo em sua mente uma ideia que complementaria alguns anos depois na cidade de Escada sua terra natal. De inicio trabalhou como empresário do ramo madeireiro, tendo sido ajudado por um imigrante russo, Sr. Ruvi kutz, (comerciante e dono de madeireira).

Sua saga pelos campos do empreendedorismo se inicia com uma ideia de fundar em Escada uma fábrica de Tecidos seguindo os mesmos padrões das



fábricas instaladas no Recife: (Othon Bezerra de Melo), no bairro da Macaxeira e a TSAP (Teceragem de Seda e Algodão de Pernambuco), no bairro de Santo Amaro. Sabendo das dificuldades para obter energia suficiente para o negócio, resolveu criar uma barragem e transformar a energia potencial do Rio Pirapama no Engenho Cachoeiras (hoje cachoeira Tapada). Conseguindo uma boa potencia no inicio de sua operacionalização (quatro Turbinas) passou a negociar energia com as cidades circunvizinhas; como Vitória de Santo Antão e Escada que foram as primeiras a serem contempladas com essa negociação, pois a Cia. Industrial Pirapama, iria precisar de energia para sua produção Industrial. Construída e instalada a usina de força e luz.

O primeiro passo estava dado para fundação da fabrica de Tecidos. Em 1925 surgia a companhia Industrial Pirapama, primeira fabrica de Tecidos da Mata Sul do Estado de Pernambuco. O negócio da comercialização de Energia iria suprir em parte as atividades da fábrica de tecidos, e atender a demanda de energia Elétrica das cidades em seu entorno, fazendo com que a energia elétrica um raro e, escasso bem para as mesmas, passasse a ser fornecida pela hidroelétrica do engenho cachoeira tapada. Era a primeira hidroelétrica instalada na região construída pelo jovem e empreendedor engenheiro especialista em eletricidade Dr. Luiz Dias Lins. Seu sucesso como empreendedor já se fazia sentir. Projetou a companhia Industrial Pirapama em terras do Engenho Sapucagi, criando um projeto amplo e muito bem estruturado. Com uma vila Operária com 350 casas, para abrigar seus colaboradores; uma Escola, uma creche, uma praça, uma Igreja e, posteriormente um Clube de Futebol para uma maior integração entre os operários e o povo da cidade. (O Pirapama Futebol Clube). Estava pronto o cenário para o grande desenvolvimento da cidade da Escada, que além da monocultura da cana de açúcar, agora tinha uma indústria têxtil, que empregaria centenas de famílias que por aqui chegavam em busca de novas oportunidades, fazendo com que as mesmas não se deslocassem para outras paragens em busca de oportunidades de trabalho.

Esse cenário criado em 1925, já buscava uma nova opção para além da monocultura da cana de açúcar e esbarrava em uma situação que ainda estamos

vivenciando hoje; preparação de mão de obra qualificada para certos e determinados trabalhos, que na época já exigiam conhecimentos; como ler e escrever pelo menos, para o exercício das funções de Tecelões, Mecânicos de máquinas de tecidos, Soldadores, Engomadores e, outras atividades necessárias a fabricação dos tecidos na nova fábrica que surgia.

A visão empresarial do Dr. Luiz Dias Lins, traria mais benefícios para os trabalhadores com a instalação da Escola de Iniciação Agrícola da Escada (hoje ETE. Luiz Dias Lins) preparação de Mestres Agrícolas para as Usinas e Engenhos da região, Instalação do SESI-Escada que atuaria na área social, com Educação primária, pré-escola e cursos diversos para as meninas e mulheres (Corte e Costura, Artesanatos, Arte Culinária) e o SENAI edificado em Palmares, atuaria na preparação de jovens para atuarem nas usinas, destilarias de álcool e outras indústrias/serviços; com cursos de Torneiros Mecânicos, Eletricistas, Soldadores, Ferramenteiros, e Ajustadores Mecânicos. Mas para o grande Luiz Dias Lins que era um observador astuto as dificuldades que apareciam eram transformadas em oportunidades. Foi quando o mesmo, já com uma vasta experiência, organiza outras empresas como complemento de suas atividades; Agropecuária (Engenho Sapucagi), Seguradora, Hotelaria (Hotel Boa Viagem, que hospedou ilustres personalidades do país), sem perder o foco das usinas de açúcar (Usina Serra Grande e União Indústria).

Suas atividades foram se acumulando devido às necessidades que cresciam à medida que suas ideias iam se expandindo e, sendo conhecidas da população o mesmo ia tendo novas atribuições para serem exercidas. Foi fundador e Presidente da FIEPE - Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco, Presidente da ACR - Associação Comercial do Recife, Presidente do SINTEP - Sindicato das Indústrias Têxteis do Estado de Pernambuco Governador do Rotary Club do Brasil (Organização sem fins Lucrativos), semelhante ao Lyons Club Internacional. Esse seu trabalho reconhecido por todos que circulavam ao seu redor e por outros líderes que privavam de sua confiança, o levou a ascender à vida Política do seu Estado, tendo sido Vereador por Escada, Deputado Federal por quatro mandatos, sendo três pela UDN

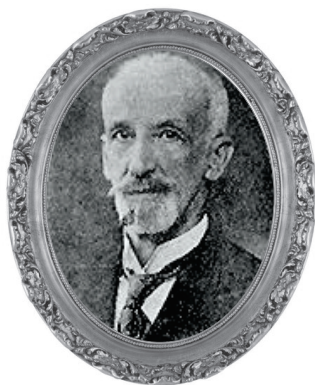


(União Democrática Nacional) e, um pela antiga ARENA, um dos dois partidos surgidos depois do golpe militar de 1964.

De 1955 a 1959/1963 a 1967- Foi Deputado Federal pela UDN/PE. De 1967 a 1971, Foi Deputado Federal pela ARENA/PE. Quem conheceu o dr. Luiz Dias Lins, sabia da sua inquietação pelo desenvolvimento de sua cidade/Escada, e do seu estado. O mesmo foi denominado o Deputado de Escada, devido ao seu desmedido amor por sua terra. Diretor de Empresas de Seguro, Engenheiro de Construção de Estradas de Ferro na Paraíba do Norte, Diretor das companhias de Força e Luz de Pernambuco, de Alagoas e do Rio Grande do Norte. Foi Diretor do Clube de Engenharia de Pernambuco. Por relevantes serviços prestados ao seu Estado foi agraciado com a Comenda de Almirante Tamandaré. Foi escolhido para ser Delegado do Brasil em missão de negociação em Genebra/Suíça como membro da Delegação nas Negociações Tarifárias Internacionais. Mesmo com toda essa ação empreendedora o dr. Luiz Dias Lins, ainda teve tempo para escrever; são deles os escritos sobre “Águas Subterrâneas” “Discursos na Câmara dos Deputados” “Rotary Club” “Instalações Hidroelétricas em Pernambuco” e “Observações de um Empresário”. Faleceu em Recife (em março de 1982) despojado e desapegado de todos os seus bens, pois para ele o bem maior era o bem do seu povo.

Os motivos da escolha

Os motivos que nos levaram a escolher esse ícone do Povo Escadense já foram bastante detalhado nos escritos acima. Mas o que mais me honra ser o atual ocupante da cadeira número 24 da Academia Escadense de Letras, e, ter convivido pessoalmente com um homem a frente do seu tempo com o qual aprendi muito, com sua leveza de simplicidade e de amor ao próximo



Informações sobre a imagem³¹

CADEIRA Nº 26

HENRIQUE MARQUES DE HOLANDA CAVALCANTI

Acadêmico Luiz Henrique de Albuquerque Bastos

Introdução

O presente artigo apresenta Henrique Marques de Holanda Cavalcanti, Barão de Suassuna, Patrono da Cadeira Nº 26 da Academia Escadense de Letras. Escadense que teve grande destaque no cenário municipal, estadual e nacional, Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife e Industrial bem-sucedido, que contribuiu ativamente para o desenvolvimento econômico e intelectual da cidade de Escada.

Muitos dos veneráveis cidadãos desta cidade nasceram e se criaram nas sombras de suas Usinas. A solidez da obra resultante daquele espírito empreendedor ultrapassou o limite de sua vida, continuando a prover o sustento de várias gerações.

Biografia

Henrique Marques de Holanda Cavalcanti, nasceu a 21 de dezembro de 1854, no Engenho Taquara – Zona Rural – Escada – PE. Foi o nono filho do casal: Coronel Antônio Marques de Holanda Cavalcanti e Pânfila da Silveira Lins

31 Fonte: http://www.parentesco.com.br/fotos/1746_1746_2barao_suassuna.jpg



(quinta filha de Henrique Marques Lins – primeiro Barão e Visconde de Utinga). Batizou-o, a 7 de janeiro de 1855 no oratório do Engenho Taquara, o reverendíssimo vigário padre Simão de Azevedo, tendo por padrinhos, seu tio o Coronel Florismundo Marques Lins, barão de Utinga, e Dona Antônia Francisca da Silveira Lins.

Seu pai Antônio Marques de Holanda Cavalcanti era empreendedor, dotado de grande inteligência e espírito industrial. Fundou no Engenho Mameluco a usina com mesmo nome. Segundo consta do livro Açúcar no Brasil participou da fundação, juntamente com outros agricultores entre os quais estava seu primo Francisco do Rego Cavalcanti Lacerda, do Imperial Instituto de Agricultura, que não teve vida longa. Em 1874, melhorou a técnica de fabricação do açúcar, modificando o sistema industrial com importação de máquinas e equipamentos inexistentes na região.

Sua avó a Viscondessa de Utinga, segundo o Historiador Oliveira Lima, era uma senhora de grande coração, além de ter prodigiosa atividade doméstica e capacidade administrativa. Era uma Velloso da Silveira, cujo nome da família Pedro Ivo immortalizou e ficou gravado nas estrofes condoreiras de Castro Alves.

Fez seus estudos preparatórios no Colégio S. Bernardo, do Recife, e em seguida cursou a Faculdade de Direito desta capital, distinguindo-se no seu tirocínio, pelas suas qualidades de inteligência e por seus estudos.

Recebeu a láurea de bacharel em ciências jurídicas e sociais no dia 6 de dezembro de 1874. Casou-se em 22 de outubro de 1881 com sua prima Maria Lins, filha de seu tio materno Belmino da Silveira Lins (Senhor dos Engenhos Limoeiro e Harmonia, cavaleiro da Ordem da Rosa, Barão da Escada, assassinado no conflito político denominado hecatombe de Vitória em 27/06/1880) e de Dona Maria de Jesus de Souza Lins. Desta união não houve descendentes.

Trajetória política

A 08 de novembro de 1875 foi, por portaria do presidente da Província, Dr.

João Pedro Carvalho de Moraes, nomeado 1º oficial da 3ª seção da Secretaria da presidência, cargo que desempenhou até 1877, quando foi por carta Imperial distinguido com sua nomeação para o cargo de Secretário da Província, onde ficou até 1878. Em 1881 foi eleito deputado geral pelo 6º distrito da província de Pernambuco, compondo a chapa do partido conservador, vencedora na maioria do distrito da então província de Pernambuco, apresentada então pelo conselheiro João Alfredo, que substituíra na chefia o Visconde de Camaragibe. A câmara foi dissolvida em julho de 1885, pelo Barão de Cotegipe. No mesmo ano voltou o Barão de Suassuna à Câmara eleito novamente pelo mesmo distrito permanecendo como deputado até com o advento da República.

Segundo se tem notícia sua atuação parlamentar foi sempre marcada pelo cavalheirismo de suas atitudes, devotamento às causas de interesse nacional, honestidade nunca posta em dúvida, coerência e lealdade às ideias, além de rara operosidade. Tornou-se o segundo Barão de Suassuna por decreto imperial datado de 16 de fevereiro de 1889. Após a proclamação da república retirou-se da vida pública por alguns anos. Voltou à atividade política em 1897, por solicitação de dirigentes da política pernambucana e em 03 de fevereiro daquele ano, quando houve a eleição de 3 senadores estaduais, o barão de Suassuna foi eleito em substituição ao dr. Francisco Teixeira de Sá, com 15.729 votos. No dia 04 de março foi reconhecido e no dia 08 o Senado o elegeu para seu presidente por unanimidade de votos.

Por razões de foro íntimo, solicitou sem sucesso sua substituição na presidência do Senado, como não a aceitaram, renunciou à presidência do Senado e, também, ao mandato de senador em 24/05/1897. Afastando-se da vida pública, para cuidar exclusivamente da administração de suas propriedades agrícolas e de suas fábricas. Em 1919, por solicitação do partido foi candidato pela oposição ao governo do estado, concorrendo com Rosa e Silva e Dantas Barreto, não tendo sido eleito.

O grande empreendedor

O senhor Henrique Marques de Holanda Cavalcanti herdou de seu pai a



Usina Mameluco e fundou em 1910 a Usina Limoeirinho. Oriundo da aristocracia rural de Pernambuco, com raízes profundas na nossa história, onde seus maiores pertencem ao patrimônio moral da tradicional terra de Escada, sempre ligados ao labor agrícola, foi forjado no amor à terra natal. Norteou sua carreira industrial para servir à sua terra, honrando-a com seu exemplo, estimulando o progresso, provendo e promovendo sua cultura.

A organização social que promoveu em seus domínios o atesta como grande empreendedor. Sua visão administrativa antecipou, por assim dizer, às conquistas sociais de seu tempo. Procurava premiar de forma justa o trabalho, dava assistência à saúde aos seus empregados, além de noções de higiene corporal e instrução básica, profissional e cívica. Com esta atitude civilizadora criava em seu centro industrial um ambiente de trabalho honesto, pureza de costumes, mútuo respeito e solidariedade humana que enobrece e eleva o nível moral do aglomerado humano. Os operários de suas usinas tinham um programa de aposentadoria e assistência aos que se acidentavam no trabalho. Mantinha um serviço médico, farmácia, assistência jurídica e religiosa.

No campo do entretenimento, estimulava as diversões proveitosas, com clube para danças e cinema à disposição dos operários e suas famílias. Residia no Engenho Limoeirinho e administrava pessoalmente as duas usinas. Fiscalizava a Usina Limoeirinho pela manhã e trabalhava na Usina Mameluco à tarde. Para se deslocar entre as usinas construiu um ramal ferroviário e adquiriu um bonde adaptando, naquele tempo, seu motor para que fosse movido a álcool.

Concentrou sua atividade industrial no município de Escada onde estavam localizadas suas Usinas: Mameluco e Limoeirinho. A usina Mameluco possuía, em 1929, dez propriedades agrícolas e 34 fornecedores de cana, destacando-se o engenho Cachoeirinha, onde foi empregado, pela primeira vez no Brasil, o método do plantio de sementes por meio de flechas. Para transportar a cana do campo até a usina havia uma via férrea de aproximadamente 70 quilômetros, sete locomotivas e 200 carros. A fábrica tinha capacidade para processar 500 toneladas de cana em 22 horas, produtividade considerada alta

para a época.

Segundo José Lins do Rego, a grande capacidade empreendedora e sua organização industrial, fez com que o Barão de Suassuna não acompanhasse os demais usineiros de Pernambuco em seus processos de falência provocados pela concorrência do Sudeste na produção de açúcar, quando substituíram parte da cultura do café, e pela quebra da bolsa de Nova York, sendo um dos poucos empresários pernambucanos que sobreviveram sem maiores problemas a esta crise.

Um cidadão benemérito

Apesar de destacar-se o Barão de Suassuna pela sua individualidade sob o aspecto da inteligente atividade industrial norteadas por objetiva solidariedade

humana, sua época testemunhou um raio de ação que transcendeu o âmbito de suas propriedades agrícolas, promovendo o bem-estar físico e moral dos conterrâneos.

Homem de vanguarda sempre se preocupou com a educação e em trazer para o município de Escada o que encontrava de mais moderno em suas viagens pelo Brasil e pelo mundo. Mantinha por conta própria em suas usinas: uma associação de beneficência e quatro escolas, para meninos e meninas, a cargo de professores proficientes, onde a infância recebia educação literária e profissional, com matrícula média anual de 115 alunos. Havia, ainda, uma escola de música para melhor proveito dos alunos. Na cidade de Escada fundou e mantinha a Escola Manoel Borba, onde pagava os honorários dos professores, comprou e conservava o mobiliário, custeando, também, o material didático e fardamento dos alunos.

Foi um dos fundadores do Sindicato de Escada, doando o terreno para sua instalação. Doou o terreno para a Estação Experimental de Escada. A ação pessoal deste grande brasileiro no campo da agricultura estendeu-se aos Sindicatos de Escada, Amaraji, Goiana e Bonito, tendo sido seu presidente e um dos mais importantes membros da Sociedade Auxiliadora da Agricultura.



Motivos da escolha do patrono

A cidade de Escada atingiu seu apogeu na segunda metade do século XIX e começo do século XX, onde foi uma das cidades mais ricas de Pernambuco. Não é uma terra que tenha se notabilizado pelo destaque intelectual, artístico ou esportivo. Sua verdadeira vocação sempre foi a agroindústria, a maioria de seus habitantes era composta de trabalhadores da indústria açucareira. Nos últimos sessenta anos fomos vítimas de uma política irresponsável que tentou destruir a sua atividade principal, minando-a de tal forma que o resultado é a pobreza visível de nossos cidadãos, a depender de bolsas como se incapazes fossem, e o aumento da criminalidade. A zona anteriormente mais rica do Estado é hoje uma das mais pobres. Até hoje não conseguiram substituir a atividade agroindustrial canavieira por nenhuma outra.

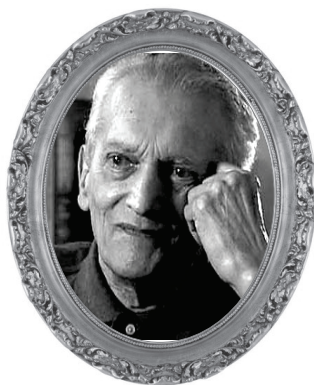
Diante de todo o exposto, e, por se tratar de uma Academia de Letras Escadense, fui buscar para patrono um filho de Escada, mais ainda, uma das pessoas mais comprometidas com sua terra, um político nacionalmente, um empreendedor festejado como um dos maiores que aqui nasceram e por aqui passaram, além de no âmbito familiar ter sido reconhecido como justo nos contratos e na vida privada, sempre propenso à caridade e que não sonhou consolo para cada sofrimento nem lágrima para cada desgraça. Este cidadão não escreveu livros. Ele foi um autor de nossa história. Seu nome: Henrique Marques de Holanda Cavalcanti – Barão de Suassuna.

Referências

AULER, Guilherme – **Os Utinga**. Museu do Açúcar – IAA – Recife – 1963.

ALMEIDA, J.J. de; BROTHERHOOD M. de A. **Barão de Suassuna em defesa de seu testamento**. Imprensa: Recife, Diário da Manhã, 1941.

MOURA, Severino Rodrigues de. **Engenho e Usineiros – a nobreza de Pernambuco** –. FIAM-CEHM, SINDAÇUCAR – Recife – 1998.



Informações sobre a imagem³²

CADEIRA 28 – CELSO MONTEIRO FURTADO

Acadêmica Isabel Cristina Pereira de Oliveira

Introdução

Conhecido como o economista do desenvolvimento, Celso Furtado tem sua formação acadêmica em Direito e fez seu doutoramento em Economia. Escreveu sua história a partir de duas grandes obras: “Formação Econômica do Brasil” e “O Mito do Desenvolvimento Econômico”. Nesta obra, questiona o fato de que Estados subdesenvolvidos estejam nessa condição como um caminho transitório para se chegar ao nível de desenvolvimento de Estados desenvolvidos. Afirmava que a condição de país subdesenvolvido era um mal necessário para a manutenção do sistema capitalista.

Também era conhecido como um economista social, pois se preocupava com o nível de bem-estar da população, buscando com suas ideias diminuir o fosso existente entre as classes mais abastadas e as classes mais pobres. Mesmo antes das discussões sobre questões ambientais entrarem no debate global, em suas análises, já defendia um freio ao modo de desenvolvimento adotado pelos países capitalistas.

O estilo de vida criado pelo capitalismo industrial sempre será o privilégio de uma minoria. O custo, em termos de depredação do

³² Fonte: <http://parallaxis.com.br/documentario-sobre-celso-furtado/>, 2015



mundo físico, desse estilo de vida é de tal forma elevado que toda tentativa de generalizá-lo levaria inexoravelmente ao colapso de toda uma civilização, pondo em risco a sobrevivência da espécie humana (FURTADO, 1996, p. 89).

As crises ambientais e sociais pelas quais a sociedade humana vem passando são apenas resultado de um modo de vida vendido e anunciado em propagandas. Esse modelo de desenvolvimento, segundo Furtado, além de gerar mais pobreza, gera escassez de recursos no médio e longo prazos. A partir de suas ideias e de modelos de desenvolvimento que integram resultados econômicos positivos com o bem-estar da população, mergulharemos um pouco na sua história e na sua contribuição para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil.

Apresentação do patrono³³

Celso Furtado nasceu em 26 de julho de 1920 na cidade de Pombal, sertão da Paraíba. Filho de Maurício de Medeiros Furtado, advogado e de Maria Alice Monteiro, filha de família proprietária de terras na região. Devido a sua condição de família abastada conseguiu estudar mesmo em uma região extremamente seca e castigada pela pobreza. Viu de perto as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos e no seu imaginário infantil começou a buscar respostas para o enfrentamento dessas dificuldades. Iniciou seus estudos secundários no Liceu Paraibano e no Ginásio Pernambucano em Recife em 1932.

Entrou na Faculdade Nacional de Direito em 1940 no Rio de Janeiro. Começou a exercer a função de jornalista na Revista da Semana e foi apresentado aos estudos conceituais da Sociologia Alemã. Já formado, em 1944 foi convocado para a Força Expedicionária Brasileira para lutar na Segunda Guerra Mundial. De volta ao Brasil em 1945, decidiu abandonar a carreira de advogado e se tornar economista.

Meu primeiro interesse foi a ciência política. Daí fui para as ciências sociais em geral, e daí é que fui para a economia. Se você não tem ideias claras e evidentes sobre a economia na sociedade, fica sempre um pouco no superficial. Para entender a vida da sociedade é preciso

33 Texto baseado na Cronologia da vida e obra de Celso Furtado. Disponível em: www.celsofurtado.org.br

saber como é que se mata a fome, primeiro. No último ano de faculdade, já estava mesmo quase que só com a economia. Já tinha me desinteressado pelo direito, que me parecia ser algo para legitimar o que existia. (CELSO FURTADO, sd, www.centrocelsofurtado.org.br).

Em 1946 mudou-se para Paris para iniciar o doutorado em Economia na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas na Universidade de Paris-Sorbonne.

Em 1948 tornou-se Doutor em Economia com a tese “A Economia Colonial Brasileira”. Ao retornar para o Brasil passou a integrar o corpo de economistas da Fundação Getúlio Vargas, contribuindo para a revista Conjuntura Econômica.

Em 1949 foi convidado para integrar a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) órgão das Nações Unidas, que tem como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento econômico e social dos países latino-americanos. Em 1950, foi nomeado Diretor da Divisão de desenvolvimento dentro da CEPAL. A experiência adquirida ao ver o Brasil do lado de fora, assim como questões de subdesenvolvimento, características comuns a todos os países da América Latina contribuiu sobremaneira para uma visão crítica relacionada aos modelos de desenvolvimento implantados nesses países, ou seja, de forma exógena. A CEPAL, segundo Furtado, se tornou “a única escola de pensamento sobre política econômica surgida na vasta área conhecida como Terceiro Mundo” (sd).

Foi também a partir da vivência na CEPAL que vislumbrou tentar entender os reais problemas enfrentados pelo Brasil.

Se eu não estivesse fora do Brasil provavelmente não teria prestado atenção, mas o fato de viver fora, de trabalhar numa equipe internacional, me obrigou a enfrentar esse desafio que era decifrar o Brasil, entender onde estavam os erros. Será que nós, brasileiros, éramos realmente inferiores, como muita gente insinuava? Ou será que a classe dirigente brasileira é que não



tinha política, não tinha uma visão clara das coisas, não tinha projeto para alavancar o país? (CELSO FURTADO, sd, www.centrocelsofurtado.org.br).

Em 1957 nos seus estudos de pós-graduação no King's College da Universidade de Cambridge - Inglaterra escreveu o livro *Formação Econômica do Brasil*, sua principal obra no Brasil e no mundo, publicado em 1959. Em 1958 o Nordeste sofreu com uma de suas piores secas levando a miserabilidade e ao êxodo milhões de nordestinos. Assim, desligou-se da CEPAL e passou a compor o Grupo de Trabalho do Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) com a criação de uma Política de Desenvolvimento para o Nordeste. Em 1960, o congresso aprovou a lei que criou a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) com sede em Recife, sendo furtado nomeado como o primeiro superintendente. Devido a sua aproximação com a literatura socialista, assim como encontros para discutir modelos de desenvolvimento para a América Latina e o Caribe com líderes socialistas teve seus direitos políticos cassados no golpe militar de 1964 por um período de 10 anos.

No exílio passou a ser requisitado por importantes universidades americanas como Yale, Havard e Columbia e Universidade de Paris. Nesse período, tornou-se bastante produtivo academicamente, publicando diversas obras sobre modelos de desenvolvimento, teoria do subdesenvolvimento, economia latino-americana e análises sobre o modelo de desenvolvimento brasileiro. Em 1975, Furtado publicou “O mito do desenvolvimento econômico”, o qual retrata o custo social e ecológico do modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil, como afirma: “escrevi [...] para denunciar o enorme custo social e ecológico da chamada política de desenvolvimento seguida no Brasil sob tutela militar” (CELSO FURTADO, sd, www.centrocelsofurtado.org.br).

Após a Anistia voltou ao Brasil e, aos poucos vai se inserindo na vida política e econômica do país, no entanto, segundo Furtado, o Brasil perdeu a oportunidade de se desenvolver socialmente mesmo tendo acumulado riquezas. Os baixos indicadores de desenvolvimento social do país eram gritantes e a maioria da população vivia em extrema pobreza. Além disso, após a ditadura

militar o poder de organização e mobilização da sociedade havia se reduzido significativamente, ampliando ainda mais os níveis de exclusão e aumento do fosso existente entre as classes mais abastadas e as mais empobrecidas.

Na vida política, em 1985, integra o Governo Tancredo Neves, o qual tornou-se responsável pela elaboração do Plano de Ação do Governo, assim como representante da Embaixada Brasileira na Comunidade Europeia e membro da Comissão de Estudos Constitucionais para a elaboração da nova Constituição Brasileira. Em 1986 tornou-se o Ministro da Cultura no Governo José Sarney e, a partir daí começou a discutir a cultura como um dos meios de se alcançar o desenvolvimento socioeconômico de um país quando elaborou a primeira lei de incentivos fiscais à cultura. Em 1993, tornou-se membro da Comissão Mundial para a Cultura e o Desenvolvimento (UNESCO) da Organização das Nações Unidas (ONU).

Em 1997, a Academia de Ciências do Terceiro Mundo lança o Prêmio Celso Furtado conferido a estudiosos, originados de países subdesenvolvidos, da área da Economia Política. Neste ano, também foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

Por ocasião dos seus 80 anos em 2000, seminários sobre a sua obra foram realizados em diversas cidades do país e, no Rio de Janeiro foi aberta a exposição: “Celso Furtado: vocação Brasil”. Em 2003, foi indicado por renomados economistas da América Latina e do mundo ao Prêmio Nobel de Economia. Em 2004, recebeu um tributo no aniversário de 40 anos da Organização das Nações Unidas devido a sua contribuição para o pensamento econômico e para o desenvolvimento.

Em 20 de novembro de 2004, faleceu aos 84 anos em sua residência, vítima de parada cardíaca. Sua contribuição para o desenvolvimento social do Brasil pode ser definida com essas palavras:

Existem limitações ao desenvolvimento da ciência que são intrínsecas, ou seja, criadas pela própria sociedade. Mas existe o fato



de que as ciências ligadas à problemática humana confrontam-se com um desafio ainda maior, que é o de identificar os problemas fundamentais do homem, o que já entra no terreno da religião, da metafísica. Tudo o que podemos dizer sobre isso, nós, os cientistas, os pesquisadores, é que o compromisso com o ser humano é mais amplo do que qualquer outro, é muito mais amplo que o compromisso com os valores de minha própria cultura, que os compromissos de classe ou políticos (CELSO FURTADO, sd, www.centrocelsofurtado.org.br).

Dentro das suas limitações como pesquisador e homem político, Furtado viu o Brasil além das cifras que relacionavam o país apenas como fonte de renda e de acumulação para poucos. Ele viu o Brasil a partir da força, do trabalho e da riqueza de sua gente. O que lhes faltava era apenas oportunidade e sua obra foi pautada na construção de pensamentos e projetos que alavancassem o grau de oportunidades para todos.

Motivação para escolha

Como estudante das Ciências Econômicas é sempre muito comum essa profissão estar associada ao acúmulo de riqueza e aos indicadores de crescimento econômico positivo. Muitas vezes, ao longo da minha formação acadêmica, avaliei se esta era a profissão que gostaria de seguir pelo resto da vida. Em muitas disciplinas o viés quantitativo da ciência se sobrepõe ao viés qualitativo. E as pessoas? Onde elas entravam dentro desse processo? Eram apenas um instrumento utilizado para manter a ordem de crescimento financeiro?

Assim, fui apresentada às principais obras de Celso Furtado e foi a partir dele que a minha vivência como militante dos movimentos sociais também poderia ser representada e discutida dentro das Ciências Econômicas, sendo possível pensar em planejamento e análises econômicas colocando as pessoas como ponto central da discussão. Para Furtado, a Ciência Econômica deve estar à serviço do homem e que essa organização econômica deve promover a justiça social, ou seja:

É velho lugar-comum, muitas vezes esquecido, afirmar que a economia existe para o homem, não o homem para a economia. Sempre pensei como cidadão de meu país e membro da humanidade, logo, como político. Se procurei estudar economia foi na busca de instrumentos que pudessem ajudar a organizar o mundo, e organizar o mundo é construir a justiça. (CELSO FURTADO, sd, www.centrocelsofurtado.org.br).

Hoje, a minha formação acadêmica tem como recortes significativos os conceitos sociais e ecológicos, um leque de possibilidades se abriram, não sendo possível separar meio ambiente, sociedade e economia. Essas áreas de conhecimento são interdependentes, quando aprendermos a colocar essa tríade em prática será possível alcançar um nível de desenvolvimento que eleve a justiça social e o equilíbrio ambiental, o consumo será consequência e não o fim em si mesmo.

Referências

CENTRO Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

Cronologia. Disponível em:

http://www.centrocelsofurtado.org.br/geral.php?ID_S=64 Acesso em: 25 abr. 2017.

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.





Informações sobre a imagem³⁴

CADEIRA Nº 31 - SEBASTIÃO FERREIRA DE ARAÚJO

Acadêmica Cícera Maria de Araújo Izídio

Sebastião Ferreira de Araújo, Nascido em 18 de Setembro de 1962, Escadense, Escritor, Poeta, Compositor, Professor e Advogado, licenciado em Letras, pela FAINTIVISA - Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão, Bacharel em Direito pela UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco. Ministrou aulas na rede pública e particular de nosso município.

Atuou na área jurídica em Direito Trabalhista e Civil; Membro Fundador e Acadêmico Efetivo desta academia, onde teve sua cadeira representada no nº 3; Seu Patrono, Padre Geraldo Leite Bastos, a quem Sebastião dizia ter muito respeito e apreço, sendo um dos grandes nomes em Escada, quiçá o único, que no começo de sua juventude lhe deu instrução para enfrentar a vida com dignidade, esforço, fé e muito trabalho, lição esta que Sebastião Araújo – Tão – trouxe consigo até seu último dia. Compositor do Hino da Academia Escadense de Letras; autor de vários cordéis, contos, poemas e músicas; Enfim, Sebastião sonhou, idealizou e concretizou junto com os acadêmicos José Luís Minduca (In Memoriam), Valdeci Leocádio (Dedo), Elizabeth Leocádio, Mariinha Leão, entre outros intelectuais escadenses, esta Academia que hoje tem um legado dentro das Letras e Artes, levando a Literatura através dos inúmeros projetos socioculturais

³⁴ Fonte: https://scontent.frec7-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/14732210_1221131397960914_3492685207852649255_n.jpg?_nc_cat=0&oh=c34dcf9e017d8e7ee0d5995a5cc08e2f&oe=5B3ECCDC

idealizados por seus membros.

Eu, Cícera Maria de Araújo Izídio, escolhi Sebastião Ferreira de Araújo como meu patrono, representado pela cadeira nº 31, desta Academia, por seu legado na Educação, na Cultura e na área Jurídica de nossa cidade, além da proximidade, pois foi meu vizinho por décadas, me viu crescer e sempre me dava conselhos no que eu deveria seguir, tive a honra de tê-lo como padrinho de Formatura, na graduação em Letras pela FAESC – Faculdades da Escada, em 2006.

Este grande homem de personalidade brilhante, em 23 de outubro do ano de 2013, eternizou-se, juntando-se com os imortais que vivem na Eternidade.

Um dos seus belíssimos poemas: **“SOU DE ESCADA”**

Sou moleque mamulengo
num cordão de pão listrado.

Já fui Lins e Suassuna
Fui Praieiro enganado.
Sou as Asas da graúna
Sou Zumbi santificado.

Sou mel de cana caiana
se te adoço o corpo inteiro.
Sou Olinda de Holanda
Calabar foi o primeiro.
Sou um galo que tecendo
carnaval em fevereiro.

Minha terra tem ladeiras
tem palmeira imperial.
Tem Tobias de Barreto
Dona Flora, seu Sinval
Tem matuto a três por quatro,
dentro do canavial.



Vim das matas, sou de Escada
um mameluco à beira mar.
Sou a mão de Ciço Dias,
menino de Jundiá.
Um Mateus, louco em teus braços
voando num boi bumbar.

Autor: Sebastião Araújo



Informações sobre a imagem³

CADEIRA Nº 33 – CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Acadêmico Carlos Ferreira de Queiroz

Introdução

Quando Carlos Drummond de Andrade fez a publicação da poesia "No meio do caminho", em 1928, concedendo um grande impacto na sua carreira, uma obra que marcava o 2º tempo do modernismo no Brasil, ele é criticado pela imprensa, por ter usado a frase no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho por conta da construção repetitiva e inusitada de suas estrofes. Porém, mesmo com as críticas Drummond foi conhecido como um dos maiores poetas do século XX.

Apresentação do Patrono

Nascido em Itabira de Mato Dentro, interior de Minas Gerais, no dia 31 de outubro de 1902, sendo filho de Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Drummond de Andrade, proprietários rurais, foi encaminhado ainda adolescente para estudar em colégios internos. Em 1916, ingressou em um colégio interno em Belo Horizonte, doente, regressou para Itabira, onde passou a ter aulas particulares e em 1918 foi estudar em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.

Em 1921 começou a publicar artigos no Diário de Minas e no ano seguinte

³⁵ Fonte: <https://aviagemdosargonautasdotcom.files.wordpress.com/2014/10/carlos-drummond-de-andrade-ii.jpg?w=224&h=300>



ganha um prêmio de 50 mil réis, no Concurso da Novela Mineira, com o conto "Joaquim do Telhado". Em 1923 matricula-se no curso de Farmácia da Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte e em 1925 conclui o curso, casa-se com Dolores Dutra de Moraes e funda "A Revista", veículo do Modernismo Mineiro.

Drummond leciona Português e Geografia em Itabira, mas a vida no interior não lhe agrada e ele volta para Belo Horizonte onde se emprega como redator no Diário de Minas, publica "No Meio do Caminho", na Revista de Antropofagia de São Paulo, em 1928, provocando um escândalo, com a crítica da imprensa, pontuando que aquilo não era poesia e sim uma provocação, pela repetição do poema e também pelo uso de "tinha uma pedra" em lugar de "havia uma pedra", no mesmo ano ingressa no serviço público como auxiliar de gabinete da Secretaria do Interior.

Em 1930 publica o volume "Alguma Poesia", abrindo o livro com o "Poema de Sete Faces", que se tornaria um dos seus poemas mais conhecidos: "Mundo mundo vasto mundo se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução". Faz parte do livro também, o polêmico "No Meio do Caminho", "Cidadezinha Qualquer" e "Quadrilha".

Em 1934 muda-se para o Rio de Janeiro e assume a chefia de gabinete do Ministério da Educação, do ministro Gustavo Capanema. Em 1942 publica seu primeiro livro de prosa, "Confissões de Minas" e entre os anos de 1945 e 1962 foi funcionário do Serviço Histórico e Artístico Nacional.

O Modernismo exerceu grande influência em Carlos Drummond de Andrade. O seu estilo poético era permeado por traços de ironia, observações do cotidiano, de pessimismo diante da vida e de humor. Drummond fazia verdadeiros "retratos existenciais" e os transformava em poemas com incrível maestria. Carlos Drummond de Andrade foi também tradutor de autores como Balzac, Federico Garcia Lorca e Molière.

Em 1950 viajou para a Argentina, para o nascimento de seu primeiro neto,

filho de Julieta, sua única filha. Nesse mesmo ano estreia como ficcionista e em 1962 se aposenta do serviço público, mas sua produção poética não para. Carlos Drummond de Andrade faleceu no Rio de Janeiro, no dia 17 de agosto de 1987, doze dias depois do falecimento de sua filha, a escritora Maria Julieta Drummond de Andrade.

Contribuição para a Cultura e literatura

Para entender a importância de Carlos Drummond de Andrade, é necessário interpretar suas obras observando alguns aspectos, considerando-as como marco da história e da literatura brasileira. Outro aspecto é considerar a grandeza do autor e a excelência de seu modo de usar a língua portuguesa e a universalidade com a qual descreve a atualidade permanente de seus textos. Durante a semana de Arte Moderna em 1922, a vanguarda modernista lutou contra a intenção do modernismo brasileiro de romper com a tradição literária que existia no país desde os tempos coloniais e se guiava pelos modelos clássicos europeus, de modo crítico e destrutivo ignorando as formas poéticas convencionais, tais como: Versos metrificados, rimas, sonetos etc.

Nesse período se fez preciso uma forma nova de falar da sensibilidade do novo homem e aí que surgem autores como Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo e Raul Bopp que querem ainda expressar a nossa identidade nacional, tentando ainda valorizar a linguagem e a cultura popular. A ideia era na verdade quebrar sensibilidade da época, moldada na poesia do Parnasianismo, que cultivava uma língua artificial, erudita e grandiloquente.

É na primeira geração de modernista que Drummond de Andrade surge como poeta da década de 1920, mas na verdade ele pertence à nova safra de poetas que visam transformar o antigo estilo modernista e dar outro aspecto mais contemporâneo. A poesia de Drummond se alinha a ruptura do passado, embora em termos de conteúdos literários ela vai além, sem ficar limitada à necessidade de inovar e de afirmar a identidade nacional.



Suas Obras

No Meio do Caminho, poesia, 1928

Alguma Poesia, poesia, 1930

Poema da Sete Faces, poesia, 1930

Cidadezinha Qualquer e Quadrilha, poesia, 1930

Brejo das Almas, poesia, 1934

Sentimento do Mundo, poesia, 1940

Poesias e José, poesia, 1942

Confissões de Minas, ensaios e crônicas, 1942

A Rosa do Povo, poesia, 1945

Poesia até Agora, poesia, 1948

Claro Enigma, poesia, 1951

Contos de Aprendiz, prosa, 1951

Viola de Bolso, poesia, 1952

Passeios na Ilha, ensaios e crônicas, 1952

Fazendeiro do Ar, poesia, 1953

Ciclo, poesia, 1957

Fala, Amendoeira, prosa, 1957

Poemas, poesia, 1959

A Vida Passada a Limpo, poesia, 1959

Lições de Coisas, poesia, 1962

A Bolsa e a Vida, crônicas e poemas, 1962

Boitempo, poesia, 1968

Cadeira de Balanço, crônicas e poemas, 1970

Menino Antigo, poesia, 1973

As Impurezas do Branco, poesia, 1973

Discurso da Primavera e Outras Sombras, poesia, 1978

O Corpo, poesia, 1984

Amar se Aprende Amando, poesia, 1985

Elegia a Um Tucano Morto, poesia, 1987

Motivação para escolha do patrono

A razão pela qual escolhi Carlos Drummond de Andrade como patrono foi a identificação com o seu estilo modernista, uma fase caracterizada pela presença de temas como regionalismos e críticas sociais e de poder escrever temas livres, sem a preocupação constante da métrica; seu modo de pensar que direta ou indiretamente percebo que tem alguma semelhança com a maneira com a qual escrevo, sem esquecer a sua importância e a grandezas de seus versos que inspirou e ainda inspira gerações de poetas.

Carlos Drummond de Andrade, por ser um dos grandes poetas brasileiros, sempre me inspirou e quando pesquisei um pouco mais a sua vida me encantei e a cada obra lida, sentia inspiração para escrever ainda mais. Para homenageá-lo redigi um poema que se intitula “À Drummond de Andrade”, uma referência ao mestre que tanto admiro.

Bibliografia consultada

ANDRADE, Carlos Drummond de. **70 historinhas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.

OLIVEIRA, Catarina. **Carlos Drummond de Andrade**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/carlos-drummond-de-andrade/> Acesso em 08 de abr. 2018.

Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/biografias/drummond.htm> Acesso em 08 de abr. 2018.





Informações sobre a imagem³⁶

CADEIRA Nº 34 - HEITOR VILLA-LOBOS

Acadêmico Dimison Cesar Vieira Gomes

Introdução

Heitor Villa-Lobos ou apenas “O Villa” como ele gostava de ser chamado, foi responsável por criar a face musical do Brasil, dando a música brasileira um espírito próprio e peculiar, além de sentir a diversidade cultural e musical brasileira.

Baseando-se nas influências do folclore brasileiro como o bumba meu boi, as cantigas de rodas, os repentos e a música indígena, Villa-Lobos vai somar os elementos desse gênero com a música clássica, reinventando um estilo próprio e que expressa um sentimento de brasilidade.

Foi um grande conhecedor do nordeste brasileiro em suas viagens pelo Brasil passando pela Bahia, Pernambuco, Espírito Santo e Paraná, procurando uma forma de expressão nacional. Suas expedições contribuíram ricamente para a imagem características de suas obras. A obra “Uirapuru” por exemplo, conta a história de um pássaro existente na selva amazônica, tido como mágico pelos nativos locais.

Agora, no entanto, ele não precisava mostrar-se erudito: a sua “brasilidade” transforma-se em seu manto protetor. Quem quisesse

³⁶ Fonte: <http://www.papodesamba.com.br/files/2017/05/heitor-villa-lobos-l-480x400.jpg>

acusá-lo de “ignorante” e despreparado, quem virasse as costas à sua música, seria um antibrasileiro, um ignorante das coisas nacionais. A modernidade, a rusticidade de sua música refletia, para ele, o próprio ser do brasileiro: que escola de música poderia ensinar-lhe isso? (LIMA, 2017, p.14).

A figura emblemática de Heitor Villa-Lobos já correu de mão em mão em épocas passadas. O homem que cuja imagem estampou as cédulas de 500 cruzados certamente estampou na música brasileira sua personalidade originada do folclore nacional, empregando nela, um valor real de personalidade própria característica de seu povo.

Adiante apresentarei uma breve biografia sobre a vida e obra deste insigne maestro, que foi capaz de criar diversas histórias fantásticas capaz de perpassar geração através de uma criatividade fora do comum. Logo após expressarei as justificativas pelo qual foi realizada a sua escolha como patrono.

Apresentação do patrono

Heitor Villa-Lobos conhecido principalmente por ser um dos esplêndidos compositores e pelo seu desempenho no campo da educação musical, nasceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 5 de março de 1887. Desde cedo mostrou interesse pela música, seu pai Raul Villa-Lobos, grande incentivador da música clássica na infância de Heitor, adaptou-lhe uma viola para iniciar seus estudos ao violoncelo.

Sua mãe, Noêmia Monteiro Villa-Lobos, queria ver o filho médico, talvez traumatizada pela forte epidemia de varíola que afetou o Rio de Janeiro tirando a vida de seu esposo quando Heitor tinha apenas 12 anos. A família Lobos residiu alguns anos no Estado de Minas Gerais, mas, retornaram ao Rio de Janeiro depois da morte de Floriano Peixoto, principal responsável por um período de forte ditadura no Estado.

Villa teve contato com o choro, gênero recém criado na década de 1870, final do século 19. Essa influência levou o jovem músico a dedicar-se ao violão, contribuindo para retirar do instrumento a fama de marginal e maldito



associado aos sambistas cariocas taxados de desocupados pelos intelectuais da época e inseri-lo com honra nas salas de concertos.

[...] já sabemos que em 1910 ele acompanhou Catulo ao violão numa palestra sobre a modinha (festejada, por folcloristas como Melo Moraes, como canção brasileira por excelência na época); que em 1909 tocou Saint Saëns acompanhado de Ernesto Nazareth no Instituto Nacional de Música; que ele era violonista num tempo em que o violão, apesar de instrumento querido e dito “nacional”, era majoritariamente visto como “simples acompanhador de modinhas” (TABORDA, 2011, p.84 - 85 apud LIMA, 2017, p.8).

A partir daí, Villa-Lobos começou a ganhar a vida tocando profissionalmente como músico da noite. Esse ofício contribuiu para que ele mostrasse ao público suas primeiras composições tornando-as conhecidas nesses ambientes. Compôs inúmeros choros ao violão conhecidos como choros em número de 16.

A música era, por isso, um caminho profissional possível, embora muito pouco seguro financeiramente. Nesse contexto, quem quisesse viver da música, mesmo que tivesse os mais profundos sonhos de distinção, não poderia ser exclusivista: teria que tocar – como disse Kisman Benjamin – “música de todo tipo” e em diversos lugares, fosse teatro, confeitaria, cinema ou salão, dar aulas, vender composições a editores. (LIMA, 2017, p.7).

Em 1913 casou-se com a pianista Licília Guimarães, principal responsável pela correção e harmonização de suas obras. Seu casamento com ela terminou na década de 1930, casando-se em seguida com Arminda Neves de Almeida chamada pelo próprio Villa de Mindinha.

A grande ascensão de Villa-Lobos aconteceu por circunstância da primeira guerra mundial que estourou na Europa a partir de 1914. Com o fechamento dos portos, por consequência da guerra, vários compositores brasileiros tiveram oportunidades para apresentar suas obras, pois, a música consumida no Brasil naquela época vinham dos grandes centros Europeus, fato

que contribuiu de forma positiva para a exibição da sua música.

O teatro municipal de São Paulo foi o primeiro palco erudito a receber as obras de Villa-Lobos. Isso aconteceu na Semana de Arte Moderna realizada em fevereiro de 1922. Sua importante atuação na semana de 22, promoveu o reconhecimento total de suas obras, apesar de ser vaiado fortemente.

Em 1923 embarca para a Europa passando 2 temporadas na França, que era o maior reduto musical da época, diferente de outros compositores até então, Villa-Lobos não viajou com o intuito de estudar ou aperfeiçoar-se, mas, a fim de exhibir o que já havia produzido. Ao regressar ao Brasil em plena revolução de 1930, Villa-Lobos já era um músico em plena maturidade, consciente de seu valor e dono de uma bagagem equivalente a produção total de muitos artistas consagrados.

Em meio ao conturbado governo do presidente Getúlio Vargas, Villa-Lobos achou na música uma forma de aproximar-se da vida política. Em 1937 foi criticado por proibir a excursão do Hino Nacional Brasileiro alegando 59 erros de canto e ritmo na forma em que o hino era apresentado. Seu interesse pela vida política, aumentaram ainda mais as críticas sobre sua pessoa.

O dia do nascimento do maestro Villa-Lobos no Brasil é comemorado o dia nacional da música clássica (5 de março). Durante sua vida recebeu 24 títulos do instituto da França. Era membro da Academia de Belas Artes em Nova Iorque e Comendador da Ordem de Mérito do Brasil, além de receber o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Nova Iorque.

Heitor Villas Lobos morreu aos 72 anos no dia 17 de novembro de 1959 de uma crise renal possivelmente ocasionada pelo seu vício em charuto. Atualmente existe o museu Villa-Lobos situado no bairro do botafogo no Rio de Janeiro. O museu conta com obras como os conjuntos de Bachianas Brasileiras, o Trenzinho Caipira, entre outras.

Motivação e escolha do patrono

Tive a felicidade e a satisfação de escolher como meu patrono na honrada



casa Tobias Barreto um renomado maestro. Há certamente vários motivos que me levaram a sua escolha, mas, vou expor aqui apenas os quais considero os mais importantes.

Talvez por predestinação, nasci 100 anos depois que Heitor Villa-Lobos veio a esse mundo. Essa distância centenária, não impediu que seu legado sonoro reverberasse até os dias atuais nos trazendo o néctar de suas obras primas. Villa-Lobos foi escolhido como patrono por ser uma das principais referências musicais desse país. Sua forte ligação com a música clássica e com gêneros musicais como o choro, contribuíram para essa escolha. Por ser um acadêmico, fundador da Academia Brasileira de Música no Estado do Rio de Janeiro em 1945, sendo o seu primeiro presidente.

Pelo seu envolvimento com a prática do ensino da música, sendo o principal responsável pelo programa de educação musical onde introduziu a disciplina do canto orfeônico nas escolas do Rio de Janeiro no período do Estado Novo, ficando famoso pelas grandes cruzadas de Canto Orfeônico, além de idealizar um material didático guia prático, específico para o trabalho da música entre arranjos e harmonização de várias canções do folclore brasileiro como por exemplo o Samba Lelê.

Heitor Villa-Lobos era um homem de personalidade forte e impulsiva, característica que às vezes dificultava o seu convívio pessoal e profissional. Por outro lado, Villa tinha a imaginação de uma criança, a audácia de um adolescente, e a capacidade de realização de homem feito à qual nos identificamos. Teve uma vida musical ativa, se dedicando principalmente a composição, deixando uma quantidade significativa de produções. Foram mais de mil obras, entre elas 12 sinfonias, 07 óperas, 18 quartetos de corda, inúmeros choros, entre concertos e canções.

Referências

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Heitor Villa-Lobos**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/heitor_villa_lobos/>. Acesso em: 20 jan. 2017.

LIMA, L. J. R S. Villa-Lobos e a música popular: Uma suíte “à brasileira”. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.5, n.1, 2017, p.1-22.

YOUTUBE. **Documentário "Índio de Casaca" - Heitor Villa-Lobos (1887-1959)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3WNDf03560c>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

YOUTUBE. **Lá vem história - Villa-Lobos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=98WNH2G_pCE>. Acesso em: 10 fev. 2018.

YOUTUBE. **Getúlio Vargas do Brasil - Vida e obra política**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ekj-zmB7sY8>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

YOUTUBE. **Era Vargas -1930 - Tempo de Revolução**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7pxLebLloBs>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

YOUTUBE. **Era Vargas 1930-1945**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JRZ2AYFYLaU>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

WIKIPEDIA, **Heitor Villa-Lobos**. Disponível em:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Heitor_Villa-Lobos>. Acesso em: 30 mar. 2018.





Informações sobre a imagem³⁸

CADEIRA Nº47 SEBASTIÃO HEBER VIEIRA COSTA

Acadêmica correspondente Suely Telma Vieira Costa

Sebastião Heber Vieira Costa, nasceu em Moreno-PE, em 03/02/1950, faleceu em Recife, em 01/01/2011. Filho de Lucrécio Vieira Costa e de Sebastiana (Nenzinha) Barbosa Costa. O primogênito de 6 filhos.

Cursou graduação em Filosofia na FAFIRE, Faculdade de Filosofia do Recife, Pedagogia – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, e Teologia no ITER Instituto de Teologia do Recife.

Ordenou-se sacerdote em 07/07/1979, fez Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Antropologia da Religião, no Pontifício Instituto Teresiano - Roma – Itália. Pós-Doutorado na PUC – Pontifícia Universidade Católica – São Paulo – SP, estava cursando em 2010.

Patrono da cadeira 47, na Academia Escadense de Letras-AELE, na qual sua irmã Suely Telma Vieira Costa, tomou posse em 24/05/2013.

Sebastião Heber, foi diretor do Colégio de São Bento, durante alguns anos, deixou a diretoria quando foi estudar em Roma. Quando retornou ao Brasil, foi professor substituto na UFSE - Universidade Federal de Sergipe - Aracaju. Em seguida foi admitido nos quadros da UNIT - Universidade Tiradentes, Aracaju –

³⁸ Fonte: Álbum de foto da autora.

SE, onde exerceu o cargo de Pró-reitor de extensão. Permanecendo lá por alguns anos. A convite da Universidade Católica de Salvador, mudou-se para a cidade de Salvador, onde ensinou em muitas faculdades: UNIFACS, OLGA METING, Fundação 2 de Julho (foi um dos fundadores, fazia parte do corpo de doutores), da Fundação Visconde de Cairú (110 anos) e com muito orgulho era professor Adjunto B da Universidade do Estado Da Bahia – UNEB, na qual ele se sentia muito feliz em fazer parte do quadro de professores.

Escreveu durante vários anos para o Jornal Correio da Bahia, no caderno Reporte, encarte o Cultural e outros tantos anos, para o Jornal A Tarde, Caderno Populares, Coluna Religião.

Publicou vários livros, A FESTA DA IRMANDADE DA BOA MORTE E O ÍCONE ORTODOXO DA DORMIÇÃO DE MARIA, 3 edições. Tema objeto de suas pesquisas antropológicas, em Cachoeira – BA, sede da irmandade e nas cercanias. Organizador da obra SADOC 90 ANOS, PÁROCO, ORADOR E AMIGO. Monsenhor Gaspar Sadoc da Natividade, era considerado o maior orador sacro da Bahia. Completou 100 anos em 20/03/2016. Nos últimos 5 anos esteve acamado e bastante debilitado, vindo a falecer em 22/09/2016. SINCRETISMO RELIGIOSO AFRICANO E BRASILEIRO – Notas de viagem ao Togo e ao Benin, em homenagem aos 100 anos de Pierre Verger. Tema objeto de pesquisa para a monografia do mestrado.

Participou das 3 primeiras edições do livro HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NO BRASIL, organizado pela professora Silvana Brandão - UFPE. IMAGÍSTICA DE CACHOEIRA, sobre a Ilá Deleci, integrante da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira – BA. BOA MORTE, DAS MEMÓRIAS DE FILHINHA ÀS XILOGRAVURAS DE MARAGOGIPE. Estas xilogravuras evidenciam que houve em Maragogipe a irmandade da Boa Morte. Filhinha também era integrante da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira, uma das integrantes mais antigas, morreu depois dos 100 anos.

IRMÃS DO CAJADO, A Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos – BA, foi seu último lançamento.



Realizou pesquisas, com o apoio da FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, e publicações sobre as formas de religião não institucionalizada: a Boa Morte de Cachoeira, de S. Gonçalo dos Campos, de Santa Brígida, sobre Religiosidade Afro-Brasileira, sobre Pedro Batista, sobre a Presença Mulçumana entre os Escravos da Bahia. Viajou ao Togo e ao Benin para realizar pesquisas. Foi membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Academia Mater Salvatoris. Um dos seus artigos mais importantes, depois da nossa última viagem, foi sobre o Peru em julho de 2010, que se intitulou “A SACRALIDADE DO PAÍS DOS INCAS”. Ficou encantado com tudo o que viu em Lima, museus, igrejas, a culinária, o povo e a força da presença dos Incas. Em Cusco não podia ser diferente, visitamos museus, catedrais, fizemos passeios nas cercanias de Cusco, visitamos cavernas onde os Incas, faziam embalsamento de cadáveres, visitamos a região onde o Papa João Paulo II celebrou a missa quando lá esteve. No dia seguinte fomos ao Vale Sagrado, região com este nome pelo fato de ser extremamente árida, e só faltava correr leite e mel. Grandes plantações, inclusive a região das batatas e do milho, pois lá tem mais 2.000 espécies de batatas e muitas variedades de milho. Estas foram levadas pelos colonizadores para a Europa, então a nossa batata inglesa, é originariamente peruana, andina. E o maior deslumbramento foi Machu Pichu.

Descobriu com o guia turístico, como bom pesquisador/professor que em 2011, Machu Pichu estaria fazendo 100 do seu descobrimento. Trocaram e-mails pois o seu intento era voltar para participar dos congressos e das festividades deste grande evento. Já estava pensando nos artigos que iria submeter a equipe organizadora do congresso. Não chegou a realizar esse desejo.

Sebastião Heber teve toda a sua vida foi dedicada a dois ministérios o acadêmico e o sacerdotal, tão bem exercido quando o primeiro, com propriedade, zelo e responsabilidade, como tudo o que fazia. Em Salvador ele colaborava com as paróquias da Vitória, na qual Pe. Sadoc foi pároco por 35 anos e a de São Pedro, no Largo da Piedade. Nas quais era muito querido e admirado pelos seus sermões cheios de conteúdo e bem cronometrados. A atividade sacerdotal era menos intensa que a acadêmica, pois esta ele começou mais cedo,

aos 19 anos e a sacerdotal aos 29 anos.

Era um padre amigo, presente e que estava sempre disponível a qualquer solicitação. Em todas as instituições de ensino por onde passou foi o padre daquele local. Missas, casamentos, batizados, sepultamentos e tudo que dissesse respeito a religião, eram realizados por ele.

Fico honrada e muito comprometida em preencher a cadeira de uma pessoa com este histórico.



Essa obra foi composta em Minion Pro
pela Edições Rascunhos
Edição Digital: Miolo 153 pág.
agosto de 2018

editorarascunhos@hotmail.com
<https://www.facebook.com/academiaescadensedeletras>
<http://aele-escada.blogspot.com.br/>